

Revista da Semana

ANO XLV -- N.º 4 -- Cr\$ 1,50 em todo o Brasil -- 22 de Janeiro de 1944



SOCORRO AOS HERÓIS FERIDOS
(REPORTAGEM NO TEXTO)

*Sempre em 1ª Edição!
A Casa Lú apresenta o que
há de mais fino e moderno
para a Mulher*



VESTIDOS
CHAPÉOS
COSTUMES
"LINGERIE"
"SPORT" e
PRAIA
BOLSAS
LUVAS
MEIAS
"BIJOUTERIE"

Casa Lú
Modas

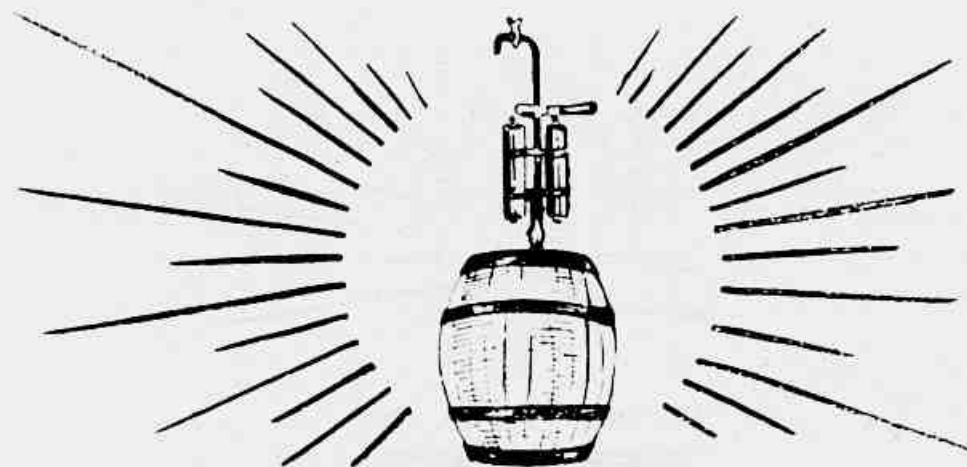
ASSEMBLÉA Esq. GONÇALVES DIAS

ANIVERSARIO?
o fereça
CHOPP!



...e terá alegria em casa!

O chopp ANTARCTICA é e será
sempre a bebida predileta nas festas,
por suas qualidades de frescura e leveza.



NÃO SENDO DE BARRIL, NÃO É CHOPP!

UM PRODUTO
ANTARCTICA

A' PROCURA DO DESTINO

Os historiadores, esses mentirosos de boa fé de Nicole, quando tiverem de revolver o pó do tempo e filosofar sobre a época do fascismo que subverteu a Itália dos nossos dias, talvez não deem pela figura de Galeazzo Ciano, ou se a lobrigarem nos desvãos sombrios da política aventureira não lhe poderão conferir senão uma rápida nota marginal. Mesmo considerado em família, pelos seus compatriotas, o Conde Ciano escaparia às páginas de Cantu', para incorporar-se aos capítulos de Mantegazza. Pertence mais à Psicologia do que à História.

O advento de Benito Mussolini teve seus antecedentes definidos através de um surto agitado de preparações, e deles dizem com expressão inegável os depoimentos fotográficos que fixaram flagrantes de rã, pitorescamente animados pela fúria agressiva de cachetes repressores. O "Duce" foi uma decorrência da evolução de idéias prefixadas.

Ciano, entretanto, saiu do nada. Não foi um idealista, não foi um batalhador. Foi tão somente um aproveitador, um oportunista. O imenso mar humano está coalhado de personalidades semelhantes que emergem no momento azado.

O juízo do próximo ainda é uma das coisas indefectíveis com que as criaturas se defrontam. Ciano brotou de improviso, levado na crista da onda desbordada; sentiu-se arrojado caprichosamente ao fastígio; acreditou-se eleito dos deuses; afetou maneiras severas, traduzidas em apurados de insolência e poses caricaturais; copiou as exterioridades do que o fizera à sua imagem e semelhança, como um novo deus, e foi — dizem — ao extremo da revolta da criatura contra o criador. A vertigem das alturas é um fenómeno banal e inevitável, por excelência, para os que se esquecem de que tudo é transitório no mundo. A humanidade não abdicou do direito de opinar sobre os valores e fez de Ciano o conceito que, de certo modo, era o único que poderia fazer, o zero aritmético posto à direita, de Mussolini, quantidade bastante significativa. Ainda à luz da matemática, faltando-lhe o valor absoluto, ostentava o relativo, outorgado por um dos incontáveis malabarismos da sorte. E assim, por uma compreensível analogia, se empregam as leis positivas às abstrações.

Consul em Shanghai — essa objetivação terrena da Babel bíblica — realizou, talvez por influência do lugar, um negócio da China, e ascendeu a Ministro da Propaganda, e depois dos Estrangeiros, do velho rei da Itália e efêmero imperador da Abissínia. A trajetória miraculosa não lhe regateou o extravasamento de todas as cornucópias, e a falaz boa estrela da sua vida chegou a fazê-lo primo de Vitor Emanuel III, através do irrisório parentesco que o colar da Annunziata, confere.

Contam que, ainda assim, alguma coisa lhe faltava, e que sonhou em alijar o sogro da direção da Itália, substituindo-o por um triumvirato em que seria figura central e dominadora. E' o "ôte-toi de là, que je m'y mette" do provérbio francês. Mas a impenetrabilidade é uma implacável propriedade física que o vulgo traduz prosaicamente ao afirmar que dois proveitos não cabem num saco...

As atitudes do genro não lhe pareceram muito lisas, e Mussolini o apeou do Mi-



MUSSOLINI

nistério e, como ficha de consolação, confiou-lhe a Embaixada Italiana junto à Santa Sé. Ciano, entretanto, prosseguiu no propósito demolidor e votou contra o "Duce" no Grande Conselho Fascista. Sabem todos que a 25 de Julho caía o fascismo na Itália, com a deposição de Mussolini.

A História dos antigos dominantes passou a ser escrita em capítulos de romance, em arremedos de lenda, crivada de afirmativas e pintalgada de desmentidos. Mussolini fôra preso pelos aliados e raptado, a seguir pelos alemães; depois, morrera a bordo de um submarino; pouco depois, ingressara num manicômio; mais algum tempo, e sofreria melindrosíssima intervenção cirúrgica... No entanto, parece que ainda está vivo! E Ciano, por sua vez, também fôra fuzilado em Dezembro...

E' eterna mesmo a verdade dos provérbios: "Tempo de guerra, mentira como terra". Agora, porém, notícias de varias fontes transformam o lendário num fato concreto: o conde Ciano foi fuzilado!

Pormenorizam-se as fases da tragédia, que teve por palco a Verona poética, a "predileta do luar". O castelo medieval de Vecchio transformou-se em tribunal pelo espaço de três dias. Contam-se até os juizes: foram quinze. Poderiam ter sido quinhentos, como no julgamento de Sócrates, e nem por isso o mundo deixaria de sentir que um só foi o julgador: Hitler.

Porque resalta do caos da agonia fascista a obstinação da Alemanha em lhe querer dar vida. Os óleos carforados e os balões de oxigênio do nazismo são, para exemplo, feitos de terror, o mais sério e decisivo dos escarmentos.

A tragédia não podia deixar de comportar um pouco de "vaudeville", e circulou a notícia de que Ciano teria fugido, para ser pouco depois capturado por uma patrulha alemã e morto a tiros...

Em verdade, porém, o conde Ciano saiu da penitenciária de Salvo, sem acidente algum, a caminho do lugar onde foi executado. Iam também, ligados ao seu destino, quatro outros companheiros, antigas figuras do fascismo — Gottardi, Marinelli, Pareschi e, o mais conhecido de todos, o marechal De Bono, o chefe da marcha fascista sobre Roma. Apenas Cianetti, ex-ministro das Comunicações, escapara à pena capital, convertida esta em trinta anos de prisão.

Por "traição e ajuda ao inimigo", foram eliminadas cinco vidas. Tarde ou cedo, ao que parece, o seu destino seria o mesmo.

Edda Mussolini e o ex-Duce, longe da terra natal, não assistiram aos ultimos momentos de Ciano. As notícias dão a entender que os pelotões executores justicaram os julgados pelas costas; mas Mussolini — à distancia — obteve que o genro fosse fuzilado de frente, e Ciano, na bravura inconciente do instante supremo, desejou ver a morte ir ao seu encontro, e recusou a venda que lhe queriam pôr nos olhos.

A sua carreira triunfal fôra um completo alheamento, de olhos fechados à verdade da vida que não queria ver; abriu-os no ultimo momento inutilmente, porque mergulhou logo na treva profunda e inacabavel, cego pelo deslumbramento ofuscador da fusilaria, sem saber, sequer, o que deixará no mundo de toda a sua arrogância e aventura.

Dizem que procurou justificar-se perante o tribunal do castelo de Vecchio. Um inconciente, um iludido, um arrependido? Quem sabe?

A ambição levou-o a tudo. E, no fim de contas, tendo subido na vida mercê da camisa preta que envergara, acabou repudiando-a de tal modo que caminhou para a morte vestindo uma camisa branca.

Talvez o seu nome caiba algum dia num cantinho de página da História; em verdade, porém, a sua figura cabe melhor num compêndio de psicologia. Ele, o primeiro primo do Rei até hoje executado na Itália, nunca poderia ocupar o espírito de Plutarco ou de Carlyle; a sua personalidade tentaria, talvez, o gênio literário de Stephan Zweig.



CIANO

Christo Tavares

A expressão poética do penteado



"VERÃO ENCANTADO" — É o nome deste penteado. Nome, naturalmente inspirado no ouro fulvo desta cabeça, e nos olhos cô-de-mel, mas poderia chamar-se também "luz na praia" pois as ondas prateadas lembram qualquer coisa semelhante.



"PRELUDIO"

Evocação do amanhecer, começo de romance, sob a aragem fresca de um bosque.



"HARMONIA PARA BAIXO" — A onda de ritmos adquire o tom grave de um canto gregoriano casto e angelico.



"SIMPLICIDADE" — Olhar que parece sondar arcanos de um Sonho, linhas harmoniosas e singelas, de uma personalidade segura de seus atributos de encanto.



"VICKY" — Encanto, fofura, ingenuidade, e no olhar distante um sonho que vai fugindo, ou que vem chegando... (O penteado é uma trança entremeadada de fitas).



"SWING HIGH" — "Swing"! para que traduzir? E' mesmo no balanço da vida moderna, na "onda" macia e perfumada, que se concentra o olhar do homem dos nossos dias, tudo isso apesar das asperezas da vida. A mulher formosa e o olhar que promete...

"Pe'o dedo se conhece o gigante" diz um velho ditado, e já sabemos que é o refrão que se condensa a sabedoria popular, adquirida pela experiência. Em qualquer trabalho, por insignificante que seja, pôde revelar-se o artista; não admira, pois, que a cabeleira feminina tenha revelado verdadeiros artistas do "métier", direi melhor: verdadeiros poetas, pois o vocabulo — artista — anda muito confundido com o seu colega — artifice.

Poeta exprime imaginação, gosto estético, harmonia da forma, cadência de musica, inspiração, talento, e completando esse conjunto a habilidade que leva á perfeição.

A "hairdresser" criando a técnica do penteado feminino fez de cada cabeça um poema e, para que não nos passasse despercebido esse poema, ela deu-lhes nomes, batizou-os com palavras sugestivas. Cada cabeça é um verso do poema á beleza feminina.

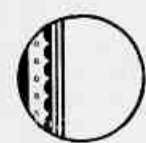
Na velha Europa, cujos escombros nos comovem, dava-se muito valor ao cerebro feminino, a mulher cultivava, com afan, a inteligencia e o espirito, como quem procura um motivo para enobrecer a vida. A mulher moderna cultiva o "sport", a ginastica, frequenta o Instituto de Beleza, á procura da "técnica do encanto".

Onde não ha a linha antropométrica da beleza onde não ha a forma, ela poz o "Glamour", o "It", essa beleza nova, que prende, seduz, enreda...

Das loiras tranças de Julieta, surgiu: "Verão encantado"; da cabeleira escura de Francesca, compoz-se: "Prélude", e assim por diante: a "American Hairdresser" vai nos mostrando as transformações de antanho, as cabeleiras que os vates de todos os tempos decantaram, e que eles hoje manejam com arte

(Continúa na página 7)





VERNACULO, à pressão do vulgo, perfilha palavras de varios idiomas. Exemplifique-o a palavra atelier. Emigrou do francês para português significando a casa ou o lugar onde trabalham artistas ou operarios, a estes mais reservada a palavra oficina. Atelier é o local de reunião dos que estudam arte em comum à vista, e a conselhos de mestres, tambem o aposento onde o artista já formado busca celebridade por suas telas ou lhes pede ganha-pão.

No Rio de Janeiro de outrora era difficil obter atelier quanto mais atelier com todos os requisitos por ele exigido. A' mingua do ótimo ou do bom contentavam-se os artistas com o sofrivel das adaptações em residências particulares, nelas buscando compartimentos menos improprios para exercicio de arte.

Onde não de esperar existiu um atelier, na época provavelmente conhecido de alguns e quasi certo hoje não viver na lembrança de quasi ninguém.

Funciona atualmente a Repartição Geral dos Telegrafos no edificio erguido no Terreiro do Paço por Gomes Freire de Andrade, militar com o belicoso titulo de sargento-mór de batalha.

Elevado o Rio de Janeiro a capital do Brasil, em 1763, a casa de Gomes Freire governador passou a casa de vice-reis. Em 1808 tornou-se residência do Principe D. João. Morador na Quinta da Boa Vista, em S. Cristovão, só se utilisava do edificio do Terreiro do Paço para solenidades ou presença em festejos.

Assim fizeram D. Pedro I e D. Pedro II em relação ao massivo imovel condecorado com o titulo de Paço da Cidade.

A parte interior deste era cedida por D. Pedro II, muito esmoler, a pessoas idosas do serviço da sua corte, ali encontrando habitação gratuita e sustento pela Casa Imperial.

Em salas do pavimento terreo do Paço da Cidade, a munificencia de D. Pedro II permitiu a instalação de atelier a tres artistas, dois alienigenas, um nacional, dois escultores, um pintor.

A escultura em talha datava do tempo colonial, maiormente recomendada pelos trabalhos do Aleijadinho e de Mestre Valentim, a obra de talha em regra riqueza de altares, tribunas, côros e paredes.

No entre-correr e no vôar, pois conforme as épocas o tempo corre ou vôa, a talha foi predominando. No seu precioso concorreu à distancia com a escultura propriamente dita cujo ensino regular e oficial caberia à Missão Artistica de 1816. A Academia das Belas Artes conheceu Augusto Taunay como primeiro professor de Escultura, substituido por Francisco Alão, discipulo de Taunay, e depois daquele por Marcos Ferrez, membro da Missão Artistica sob o valimento de D. João VI e do conde da Barca.

Na arte de lavrar materia dura o outrora separava duas classes, a dos estatuarios e a dos escultores. Os primeiros só se dedicavam a estatuas, os segundos esculpindo ou entalhando sobretudo em madeira. A classe dos escultores comprehendia esculptores-formeiros, esculptores douradores de santos e escultores em madeira. Eram estes mais numerosos, entre eles Joaquim Alves de Souza Alão, provavelmente descendente do segundo professor de Escultura da Academia das Belas Artes.

Difficil a pintores a instalação de ateliers, tambem o era, isto talvez mais, para estatuarios, o bloco de marmore, superando este em peso o cavalete e a estatuaría demandando espaço para estatuas de vulto, sobretudo equestre.

Tais difficuldades sem duvida conheceu por algum tempo um escultor nordico, Fernando Petrich, até lhe valer D. Pedro II consentindo que o artista do escopro montasse atelier no pavimento terreo do Paço da Cidade.

Na obra creada por Petrich no Rio de Janeiro ficaram assinalados alguns trabalhos. Aos que amam arte de verdade estimando-lhe cultores, Petrich se recomenda.

Com duas portentosas figuras, portentosas pela evocação historica e pelas dimensões, Petrich ornou a bela entrada do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia na supressa praia de Santa Luzia.

A primeira figura posta em grande tamanho por Petrich foi a de frei Miguel de Contreiras, frade de Segovia, o qual com apoio de D. Leonor, prima e mulher de D. João II, fundou em Portugal as Casas da Misericórdia.

ESCRAGNOLLE DORIA

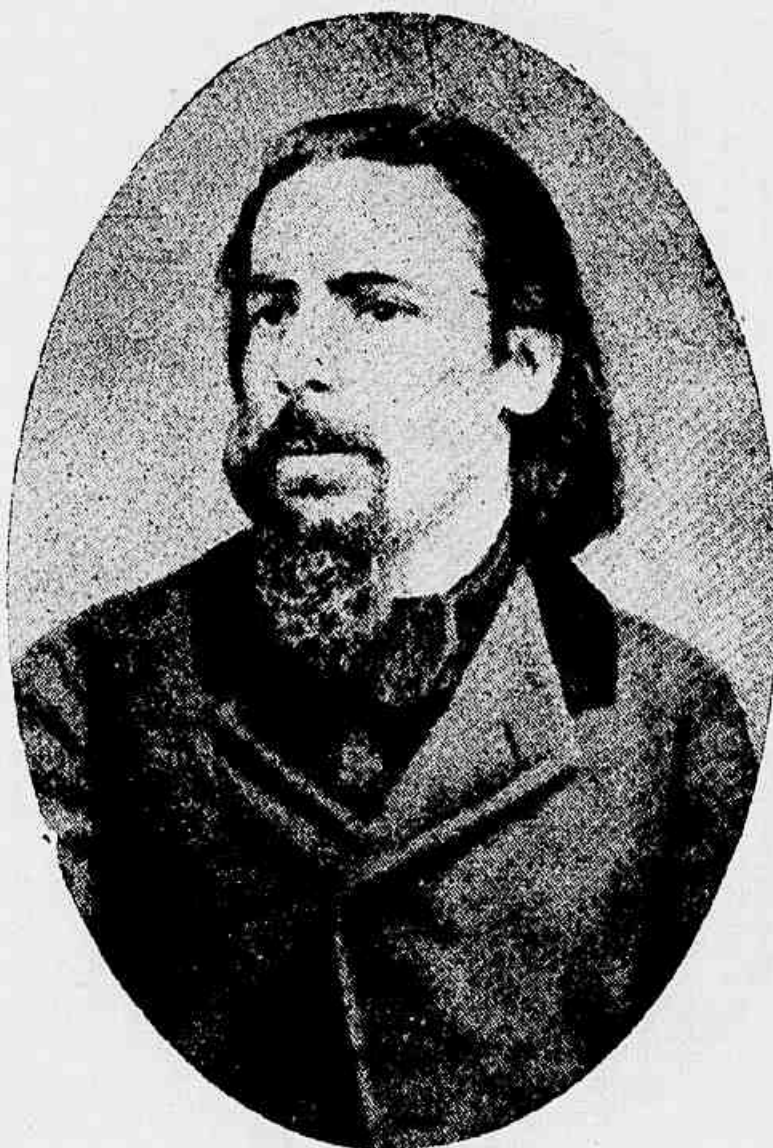
O ATELIER DO PAÇO

Modelou Petrich segunda figura, a de Anchieta, espanhol como Contreiras, apostolico como aquele e no Brasil a iluminar em virtude o seculo XVI.

Trabalhando ainda para a Misericórdia do Rio de Janeiro, Petrich foi chamado a levar a marmore as estatuas de D. Pedro II e de José Clemente Pereira, insuperavel provedor da Misericórdia de 1838 a 1854.

As duas estatuas eternizarão, em homenagem, a dous homens dignos de tal nome de passagem sobre a terra bem fazendo pela esmola e pela caridade. As duas estatuas foram destinadas ao salão nobre do Hospicio de Pedro II, desde 1852 aberto ao acolhimento de alienados. O edificio no superior da sua parte central ostentou as expressivas armas da Misericórdia, em campo de prata as cinco chagas de Cristo, por timbre a cruz com uma corôa de espinhos.

Em 1855, Petrich e seus filhos dadivaram à Bi-



ALMEIDA REIS

Em Paris, discipulo de Rochet de 1866 a 1868.

(Foto Bertrand)

blioteca Nacional uma estatua de D. Pedro II, em gesso, ela a figurar no saguão da Biblioteca quando esta de séde no largo da Lapa; distinguido um Fernando Petrich com o grão de cavaleiro das ordens brasileiras de Cristo e da Rosa.

Aos trabalhos de Petrich no improvisado atelier do Paço da Cidade seguir-se-iam os do pintor francês Biard. Trocando o pincel pela pena daria noticia de estadia no Rio de Janeiro. Escreveu em 1862 volumosa obra — *Deux Années au Brésil* — profusamente ilustrada com desenhos de Rion á vista de esboços de Biard. Em 668 páginas o pintor-escritor disse do Brasil, ora à observador sério, ora à humorista, mostrando não só a capital carioca como provincias nortistas visitadas até Manãos.

Declarou Biard ter vindo ao Brasil sobretudo a conselho de um general belga antigo morador na Bahia. A 5 de Abril de 1856, Biard embarcava para o Rio de Janeiro, passageiro do vapor inglês *Tyne*, navio por muito tempo na carreira da America do Sul, com escalas habituais na Madeira, S. Vicente, Pernambuco e Bahia, no Rio desembarcando Biard no cais dos Mineiros, fim da rua 1.º de Março, pois.

No Rio encontrou Biard dous compatriotas obsequiosos, o Snr. Aumont e Teodoro Taunay, consul de

França, ele conhecido em sua nação pelo "S. Vicente de Paulo dos consulados", tais a sua filantropia e a sua caridade.

Taunay deu a Biard uma carta de recomendação para o mordomo da Casa Imperial, Paulo Barbosa da Sylva. Assim grafava o nome.

Vindo de Petropolis onde veraneava, o imperador recebeu o pintor na galeria do palacio de S. Cristovão, "*galerie dans laquelle les pauvres eux-mêmes sont admis*" disse Biard.

Pouco depois recebia o pintor quadrupla encomenda, a dos retratos do imperador, da imperatriz e de suas filhas, as princezas D. Isabel e D. Leopoldina, todos retratados em trajes de corte.

Biard começou os retratos pelo da imperatriz, só aos domingos se ocupando com os retratos das princezas, estas durante a semana presas a estudos e a lições de mestres. Por ultimo o retrato do imperador, os trabalhos preliminares de Biard começaram na biblioteca do palacio de S. Cristovão e ultimados no Paço da Cidade, onde Biard passou a residir. No improvisado atelier veio D. Pedro II para vêr os retratos já prontos da imperatriz e das princezas, dando ao artista alguns conselhos quanto à parecenza das retratadas.

Após a execução dos retratos imperiais, Biard seguiu para o Espirito Santo, por mar, daí percorrendo o Brasil até o Amazonas, indo aos Estados Unidos, daí partindo para a Europa, terminado um bienio de viagens não sem enfermidades e contratempos.

O atelier do Paço da Cidade conhecerei, no fim do Imperio, terceiro ocupante, estatuario como Petrich. Foi artista nosso, Candido Caetano de Almeida Reis.

Nascido carioca, aluno da Academia das Belas Artes e neto de Chaves Pinheiro, premio de viagem, em Paris, discipulo de Rochet, Almeida Reis, artista feito, encontrou para execução de trabalhos o atelier do Paço. Para este se entrava pela Portaria das Damas, de portão ainda existente na Repartição dos Telegrafos, na face para a estatua de Osorio.

Gonzaga Duque, em *Arte Brasileira*, refere-se a Almeida Reis "no interior de seu atelier, em uma das salas do rez do chão do antigo Paço da Cidade". Mostra o escritor o pintor "vestido de blusa de brim pardo, toucado por um coçado gorro de veludo, febricitante de inspiração, a talhar o marmore, ou a cortar o barro". E ao fundo, no alto da parede, dominando a sala de trabalho, o busto de Augusto Comte. Num paiz oficialmente católico o busto de Comte no Paço da Cidade expressivo quanto à liberdade de crença e de pensamento.

Almeida Reis tinha a quem sair. O pai, Caetano Manoel dos Reis, era santeiro numa loja de sua propriedade na rua da Alfandega. Sob as vistas paternas, Almeida Reis aprendeu a gravar em madeira e o S. Sebastião de sua autoria exposto no altar-mór da igreja do Sacramento mostra as habilitações do artista na arte de santeiro!

Almeida Reis trabalhou muito para viver, morrendo pauperrimo. Mesmo os pobres têm riquezas imateriais. As de Almeida Reis foram o talento e a amizade, esta representada por amigos fieis se desprovidos de cabedais.

Nascera o estatuario numa casa terrea da rua da Alfandega, casa paterna, aí de berço em 1838. Morreria, a 18 de Abril de 1889, num andar terreo da rua do Lavradio. Expirava agoniado já em vida, empregando as sobras de uma hipoteca da casa paterna para ocorrer ao arrendamento de sitio em Inhauma, sitio do qual esperava tirar os recursos negados pela arte.

Entre os amigos de Almeida Reis um se sobrelevou tomando para culto a memoria do estatuario de tantos dias desditosos. Estenderam-se até às obras de Almeida Reis, uma das quais, o *Crime*, "voltou em farinha" da Exposição de Filadelfia, só se salvando a cabeça da estatua.

O amigo excepcional de Almeida Reis foi o dr. Adolfo Generino dos Santos. Zelou vida inteira a memoria de Almeida Reis e para que ainda a zelassem entregou disposições testamentarias áquela relativas. Cumpridas à risca o dr. Silvio Vieira Souto na publicação seriada de reunião das poesias de Generino — *Humanidades*. Cá e lá ainda alguns desinteressados há.



"HARMONIA PARA O ALTO" E' como se dissesse: escala cromática da beleza.

A expressão poetica do penteado

(Continuação da página 5)

refinada, para crear cabeças encantadoras.

Para cada tipo um estilo, para cada estilo uma beleza nova. São criações de Margaret Vinci, de Alfred Mock, de Harry Guttman, de Mary Stoehr, Ruth Chambers; e de New-York, de Hollywood como do Texas, e de outros recantos do grande paiz, surgem esses magicos creadores de beleza. O cabeleireiro precisa, ter além e acima da tecnica, arte e imaginação.

"La donna é mobile" diz a ária "muda d'accento e di pensiero". Essa volubilidade feminil obriga naturalmente os profissionais de confecções e creações para a mulher a buscarem e rebuscar continuamente algo de novo. Quando a inspiração é lerda eles recor-

dade" na economia mundial, onde ela é explorada ladidamente. Estabelece-se, aliás, um interessante "círculo vicioso": o homem fabrica, a mulher consome, mas quem paga é o homem...

A mulher moderna cuida mais do seu físico do que a mulher de outras eras, pois os perfumes, os cosmeticos e até cuidados de higiene eram exclusividade de certas ricas damas ou das pecadoras... Não era muito decente uma dama honesta usar cosmeticos e perfumes que despertassem o "demonio azul", ou o "demonio vermelho", escondido sob as dobras da fraqueza masculina.

Hoje tudo isso é anacronismo, que serve para embalar as saudades de um ou outro velho patriarca. Ah! a mulher do meu tempo!

Ah! as mulheres de todos os tem-



rem aos alfarrabios e da velha criação tiram estilizações maravilhosas. A arte de utilizar é outra coisa bastante complexa e que requer tato...

As mulheres, em geral, estão longe de saber, de medir o valor da sua "vai-



pos! Sereias e tubarões, que hão de fornecer, por todos os séculos dos séculos, o tema eterno motivo para as lucubrações dos poetas como dos tecnicos...

Cada cabeça um poema para o cantico dos canticos da beleza universal.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma noticia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudencia.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador Gesteira* sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêsso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador Gesteira*

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bala: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe

& Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos

— Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Cons-

tituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 —

Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 48 PAGINAS

A nossa capa

Quasi que afirmamos ser esta guerra a mais humana de quantas já assolaram o mundo. Porque se é, de feito, a maior de todas em extensão, pela quantidade de países que nela se envolveram e ainda em face do volume de combatentes, resta saber com segurança a proporção de mortos resultante dos embates.

Verdade é que o progresso da aviação levou a sangueira às populações civis, as quaes, outróra distantes das frentes, não morriam pelos efeitos diretos da luta. Agora, porém, são todos envolvidos.

Mas os recursos em materia de socorro aos feridos se revelam notaveis; e transportes rapidos, alimentação e medicamentos concentrados, as conquistas da chimica, os milagres da cirurgia — são fatores que contribuem para a salvação de maior soma de feridos.

A nossa capa mostra uma vítima bem atendida em pleno campo.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e cada volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Pode servir-se prospectos:
RORR
EXTERNO

PRISÃO de VENTRE?

Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTES-
TINOS SEM TORTURA-LOS.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISEPSIA - ULCERAS
Papéis
BANKETS

VIRAÇÕES



"Viração natural"

"Viração posltica"



"Viração...de ar condicione refrigerado"



"Viração" de auto

"Viração" de lata

"Viração" de bordo



"Viração" de cabeça

"Viração" de miolo

"Virado", prato de galinha morta, com farófa---

O CURANDEIRO

H. DE VERE STACPOOLE

(Novela traduzida especialmente
para a REVISTA DA SEMANA)

I

Ushant surgiu a estibordo sob um céu azul glacial e os ventos de março investindo contra nós varreram dos tombadilhos os passageiros, com exceção de muito poucos.

O grande navio aquecido pelos trópicos pareceu tiritar. — Ushant, disse Amayat, olhando por uma das janelas do salão de fumar e tomando novamente sua cadeira junto da mesa onde nós estávamos jogando dominó. — Por conseguinte fecha-se a porta às terras ardentes e começamos a espirrar. — Põe os dominós de novo na caixa. — Dentro de poucos dias estaremos resmungando contra o insípido céu de Amsterdam ou de Londres, tal como há poucos dias atrás estávamos resmungando contra o céu implacável lá de baixo.

— Nunca se está contente, disse Mynheer Pel, um plantador de tabaco de Bornéu, gordo e amarelo. — Este é um dos fatos da vida. Nunca se está contente.

— Nem nunca ninguém estará, disse Amayat, enquanto o homem não controlar o espírito.

— E esta? — disse o homem gordo, que homem pode controlar o espírito para gostar duma coisa de que não gosta?

— Quando o homem tiver aprendido a controlar o espírito, disse Amayat, sem ligar atenção ao outro, o mundo será diferente do que é. O espírito do homem pode controlar as coisas que ele cria, como as máquinas e as leis humanas, porém é em si mesmo um sargaço, um nevoeiro com manchas de claridade, um vento soprando quente ou frio, ao sabor da fantasia, da imaginação, da paixão, do medo ou da superstição; metade do que vemos é o que acreditamos, e metade do que receamos é o que imaginamos, e os centros de nossa crença e de nossa imaginação, em muitos casos, não estão sob um controle certo. Eu poderia fornecer uma porção de exemplos — mas vá a qualquer espetáculo de prestidigitação e olhe para os espectadores satisfeitos e admirados com o que lhes parece assombroso e não é; olhe para a sociedade, que é na maioria um espetáculo de prestidigitação tendo as mulheres por artistas.

— A gente sabe por que diabos aquele homem casou com aquela mulher? — casou com ela porque não dominou a imaginação.

— Já ouviu alguma vez falar em Cazalet?

— Não, disse Mynheer Pel.

— Bem, ele causou uma sensação considerável quando partiu para o Oriente, no rumo de Sandabar. Era um rapaz inteligente, contando mais ou menos vinte e cinco anos, mas com a cabeça dum velho financista. Um homem que nunca se poderia acreditar que fizesse uma loucura. Trabalhou tão bem em Sandabar que abriu uma agência em Salong, indo depois viver lá, por ser melhor o clima, construindo um bangalô com os mais recentes melhoramentos na estrada de Shantan, coisa que interessou bastante às mulheres. Era como um pássaro construindo o ninho — diziam elas para si mesmas, quem é que ele vai tomar para ocupá-lo? Salong ficou em cima de brasas com a história e houve reuniões e jantares que não teria havido, somente por causa desse ninho construído na estrada de Shantan, mas embora ele aceitasse os convites de Mynheer, nunca olhava para suas filhas. O louco caíra sob a fascinação duma rapariga nativa. Ela morava com a mãe numa cabana do caminho das colinas de Shantan, à distância de cerca duma légua da cidade.

II

A moça era de Bornéu com um toque do mar Dyak, jovem, mas de olhar antigo — você conhece a espécie — parecia olhar mil anos para trás, mesmo quando estava regateando o preço do peixe com Ran Tomi, o arpoador, ou escutando no gramofone que Cazalet lhe havia comprado no armazém de Cappelman. Cappelman metia-se em tudo e sabia tudo a respeito do que os fregueses compravam e quando um rapaz compra bonbões e colares de contas e frascos de água de Colônia Johan Maria Farina — em geral não está comprando para si, nem para a

avó. Foi por intermédio de Cappelmann talvez que o fato se espalhou, o povo teve notícia da história e não houve mais jantares. Ele havia esbofetado Salong, e não é coisa que se faça num lugar onde se vive, especialmente no Oriente e entre os holandeses, que são um povo bom, mas cioso de certos assuntos.

Também não é boa coisa para negócios.

Bem, Cazalet tinha que aprender isto tudo e foi uma dura experiência.

Mynheer Jurgen, que tinha duas filhas casáveis estiolando-se-lhe nas mãos, tomou o caso como uma afronta pessoal, mas era um homem que não demonstrava os sentimentos, pelo menos preferia agir a falar. Ele bloqueou um contrato no qual Cazalet estava interessado e que se ligava a algumas obras públicas, apresentando um orçamento tão baixo que estava certo de bater todos os outros. Isso lhe custou uma boa porção de **gueldeers**, mas estragou o renome de Cazalet. A mulher de Mynheer Tergone deu uma festa a toda Salong com o fito de não convidar Cazalet, e assim por diante. Coisa estranha, eram os pais e mães que ficavam contra ele; as pequenas não ligavam muito; de fato, as mulheres são tão esquisitas que a notícia de que ele estava com um caso amoroso com uma pequena nativa parecia aumentar-lhe a sedução entre as jovens de Salong. Era romântico!

Bem, bem, pode ser, mas era aos pais e mães que o assunto interessava realmente, em proporção ao que se referia aos negócios e às comuns amenidades da vida.

III

Eu estava morando nesse tempo em Salong e um dia Cazalet veio procurar-me e pediu que lhe explicasse os aborrecimentos e a frieza que o rodeavam. Ele foi muito franco; disse que sabia que era por causa de Mirti, a pequena nativa, e eu lhe disse — Você é como um homem que vai morar na Groenlândia e se queixa do frio ambiente; você afrontou Salong, é como um homem que deruba uma bandeja de copos e depois se queixa do estrago feito. Você tem que se desfazer de Mirti e voltar a seu padrão de vida regular. Se fizer isso, eu serei seu amigo e irei falar com o pessoal ao qual o assunto interessa. Os homens podem perdoar uma falta, mas não um teimoso modo de vida culpado.

— Eu não posso abandoná-la, disse ele. — Prendi-me muito por ela e ela para mim vale mais do que tudo.

— Muito bem, disse eu — desde que é assim, não posso fazer nada, mas se mudar de opinião me procure.

Eu sabia que mais cedo ou mais tarde a situação haveria de abrir uma discórdia entre ele e a pequena, e

tinha razão. Seis meses depois ele voltou para me procurar de novo.

— Abandonei a pequena — disse ele. — Eu devia estar louco para ter qualquer coisa com ela. Meus negócios estão completamente arruinados e por que? — Por uma mulher com um gênio do demônio — uma mulher que tem por mãe uma velha harpia — Santo Deus, Amayat! — disse ele — que feitiço me fizeram para que eu me prendesse a ela?

— Simples estupidez, disse-lhe eu, ou então foi sua imaginação que se transtornou num novo cenário de árvores ardentes e de céus azues — Bem, a coisa está feita, portanto não adianta mais falar, e agora vou dar um giro e fazer as suas pazes com o povo de Salong, como só um amigo pode fazer. Mas, primeiro você tem que me dar sua palavra de honra de que não terá mais nada com a pequena.

— E' bem fácil, disse ele, você então pensa que eu seja tão louco para voltar para ela agora que a despachei? — Sim, eu lhe dou minha palavra de honra.

IV

Muito bem, disse eu, e naquele dia comeci uma série de visitas explicando as coisas e fazendo uma desculpa geral para a loucura do meu amigo, e achei que as pessoas interessadas estavam desejosas de enterrar o caso. No clube Mynheer Jurgen falou com Cazalet e o convidou a tomar um **drink** com ele; a mulher de Mynheer Turgen deu uma pequena e seleta reunião à qual Cazalet foi convidado. De repente seus negócios começaram a reviver como uma flôr depois de uma tempestade e tudo parecia um bom prognóstico.

Mas o prognóstico não durou muito.

Um dia Cazalet me procurou e eu percebi imediatamente que alguma coisa não andava muito bem.

— Estou preocupado, disse ele, eu sei que é estúpido, mas não posso fazer nada. Eu disse a ela que não queria mais vê-la e lhe mandei uma certa quantia. Durante uma semana não aconteceu nada, mas depois um homem nativo me trouxe uma carta esquisita que ela me mandava, escrita num pedaço de cortiça, dizendo que não podia viver sem mim. Eu queimei a carta. Depois, todas as semanas, no mesmo dia certo, comeci a receber flôres que ela me mandava. Jogava-as fora. As últimas joguei na cara do portador. Era um rapazinho nativo, algum parente, creio, e ele deve ter contado a ela, porque não vieram mais flôres. Isso deve ter posto ponto final no caso, pensei eu, mas estava enganado. Ontem veio a velha mãe. Esperou-me no caminho, fora de minha casa, e não pude deixar



de ouvir o que ela queria dizer. Disse que Mirti ia morrer devido ao meu modo cruel de tratá-la, porém não morreria sozinha. Ela havia arranjado um curandeiro e ele ia "rezar" para que eu morresse se não voltasse para a filha. Deu-me até depois de amanhã para resolver; e se eu não voltar até então, a coisa vai começar.

— Ora, disse eu, não escute essa tolice, porque é uma chantagem — e nada mais. Que foi que você disse à velha?

— Eu lhe disse que fosse embora, disse Cazalet, de fato fiquei furioso e a ameacei com a minha bengala. Ela foi-se e adiante olhou para trás e acenou para mim como que dizendo — você há de ver.

— Bem, disse eu, não se importe um momento com o caso. — Eu não estou me importando, disse ele. — Apenas estou preocupado porque não cortei o mal definitivamente; naturalmente eu não creio naquela bobagem, mas fico indignado que ela continue a me amolar depois que tudo se acabou entre nós.

— Com as mulheres é assim, disse-lhe eu, e você está aprendendo o que muitos homens já aprenderam antes. Esqueça-a, lembre-se da lição e tudo irá bem.

V

Um ou dois dias depois, os negócios me levaram de Salong a Sindah, cerca de cinco ou seis milhas na direção das colinas de Shantan, e o caminho passava pelo lugar onde Cazalet disse que a pequena morava.

Pensei em dar uma espiada nela, e disse ao *ricksha* que ia me empurrando que parasse nas três palmeiras que marcavam o sítio — três palmeiras de Nipah subindo junto a um regato sobre o qual o caminho cruzava por uma ponte de pedra.

Havia também canas, uma boa plantação de canas e atrás delas pude ver o teto de colmo de uma casa.

Deixei o *ricksha* e segui ao longo do canavial. Era mais uma chaga do que uma casa, mas limpa, com um pequeno jardim bem tratado.

Um cão amarelo saiu da cabana e veio examinar-me, aparecendo depois uma velha; atrás dela pude olhar pela porta da palhoça, e à meia luz consegui perceber a trompa dum gramofone. Era o lugar na certa e a velha era a mãe de Mirti, e não gostei de seu aspecto. Talvez fosse sugestão do que Cazalet havia dito, mas pode ser também que ela fosse realmente maligna, e de qualquer modo me deu um calafrio.

Perguntei se estava no caminho certo de Sindah, ela disse, "Sim" e depois ficou me observando, enquanto eu voltava para junto do *ricksha*, e comecei a compreender como se sentiu Cazalet, quando a velha harpia balançou a cabeça ao fugir ameaçando-o de mandar "rezar" para que ele morresse.

VI

Os negócios me retiveram seis semanas e quando voltei quem haveria de vir ver-me senão Cazalet?

Fiquei chocado quando ele entrou no meu escritório. Parecia um homem devastado pela consunção, as roupas pendentes e uma expressão no rosto que não se podia facilmente esquecer.

— Que diabo é que há? — disse eu.

— Há tudo, disse ele, aquela gente está acabando comigo.

— Você está falando naquela história do curandeiro? — perguntei.

Ele fez que sim. Então tudo veio a furo. Dois dias depois que eu o vi à última vez, quer dizer, justamente no prazo que a velha lhe dera para se resolver antes do feiticeiro entrar em ação, ele perdeu o apetite e começou a se sentir fraco e nervoso. Depois apareceram-lhe dores

no lado, porém não começou a perder peso senão quinze dias depois, e então, como descreveu, começou a estiolar-se. As dores deixaram-lhe o lado e passaram para as pernas, depois foram-lhe para os braços, depois para a cabeça; agora estavam alojadas nas costas e "olhe", disse ele, estendendo a mão. Era igual à mão dum esqueleto.

Fiquei estarrecido.

Lembrei-me da velha e da impressão que ela me causara. Não sou supersticioso, mas não pude deixar de acreditar que havia aqui alguma coisa mais do que natural. Perguntei si ele tinha procurado um médico e ele me disse que havia visto o dr. Pons, um prático que morava na rua Macassar, e que o médico diagnosticara consunção. "Mas não se trata disto, disse Cazalet, é somente porque estão "rezando" pela minha morte. Eu sabia que isso aconteceria, e não há nada que se possa fazer, a menos que você saiba alguma coisa. Você sabe mais a respeito dos costumes dos nativos do que qualquer outra pessoa. Você pode ajudar-me?"

Eu lhe disse que faria o que estivesse ao meu alcance e ele saiu deixando-me perplexo.

E' verdade que eu conhecia muita coisa sobre o lado criminoso da vida nativa, mas não sabia nada a respeito de suas feitiçarias, se é que tal coisa existe. Contudo, veio-me uma idéia luminosa. Iria consultar o dr. Hooft.

Hooft era um médico inteligente, mas mais do que isso estava bem a par da mentalidade nativa e era diretor do Museu Etnológico na rua De Reuyter.

Fui procurá-lo e o encontrei, no meio de caixas de vidro, manejando arcos e flechas, lanças e cabeças apanhadas pelos caçadores de cabeças de Papua e por outras coisas da mesma espécie. Hooft era um homem de ar feroz, apesar de toda sua inteligência, um homem com uma mandíbula de ferro e um olhar que atravessava as pessoas como uma ponta de lança.

Ele ouviu minha história. — Que é que você acha disto? — perguntei. Eu acho que o homem vai morrer, respondeu ele, a menos que se faça alguma coisa. Seria melhor que eu o visse sem perda de um minuto. Vá e arranje um encontro com ele, para hoje à noite, se for possível. Estou ocupado, mas não tanto que não possa ver isso.

Assim fiz e às nove da noite levei Cazalet à casa de Hooft na rua Harlem.

Hooft examinou Cazalet, olhou-lhe a língua, auscultou-lhe o peito, escutou-lhe o coração, e depois ouviu a história que ele contou.

— Diga-me o que acha de mim, disse Cazalet.

— Não adianta nada esconder-lhe a verdade, disse Hooft. — Você não está sofrendo de consunção, mas de uma influência maligna agindo contra você. Foi uma sorte que me procurasse, pois venho estudando esse assunto há anos. Eu posso curá-lo, tenho certeza disso, e assim não hesito em dizer-lhe a verdade. Quando aquela mulher falou em mandar "rezar" pela sua morte, ela deveria ter usado as palavras "desejar sua morte". Entre esses povos primitivos há homens, felizmente raros, que podem despedir uma espécie de fluido mental e dirigí-lo contra um indivíduo, de tal modo que o processo vital deste é solapado. Não é realmente magia, é uma lei natural mal conhecida. Mesmo no Ocidente se fala de certa coisa como "mau olhar". Bem, todas essas superstições são baseadas na verdade, e a verdade não tem em si nada de mágico. Mas, o povo oriental desenvolveu esse poder de tal modo que seus efeitos parecem mágicos.

— Sim, disse Cazalet, passando a língua pelos lábios que pareciam ter ficado secos, mas pode-se fazer alguma coisa? Eu sei que o senhor tem razão, que aquele idiota do dr. Pons riu de mim quando eu lhe contei o caso, mas o senhor compreende. Pode-se fazer alguma coisa?

— Eu lhe disse claramente que posso curá-lo, disse

Hooft, e agora você me pergunta si se pode fazer alguma coisa. Sim, cem vezes, sim, e desta maneira. Há somente um modo de tratar a coisa e é arranjar outro homem do mesmo tipo do que está desejando sua morte, e fazê-lo bloquear por telepatia mental, ou que nome se lhe dê, o fluido do homem que está lhe desejando mal. Eu já vi fazer isso em Aslong.

Eu conheço o homem que pode fazer isso. Facilmente ele descobrirá o homem que é contra você, pois nesta ilha tudo é sabido pelos nativos. Mas há um ponto que devo dizer-lhe. O homem que está contra você será morto, com toda a certeza. E' natural. Ele está sacrificando um veneno do espírito. Sendo bloqueado subitamente, o veneno o matará, do mesmo modo que está matando a você, apenas mais depressa, desde que não tem de atravessar milhas. Ele será morto instantaneamente; ficará seco. O homem que eu vi em Aslong secou como uma múmia. Você não se importa com semelhante resultado, não é?

— Por que eu haveria de me incomodar? disse Cazalet. — Ele está me matando, que morra.

— Bom, disse Hooft, mas me custará pelo menos cinquenta libras arranjar isso. Você se importa de pagar?

— Quinhentas, se quizer, disse Cazalet, apenas ande ligeiro.

— Começarei a agir esta noite, replicou Hooft, e agora vá para casa, meta-se na cama e se entregue a minhas mãos.

Levei Cazalet para fora, deixei-o em casa e o vi meter-se na cama.

Pude perceber que aquela ruína humana tinha tomado alguma animação com as palavras de Hooft: de fato Hooft era um homem que, quando falava dum modo que infindia segurança.

Eu creio que estava mais perturbado do que Cazalet. O espírito científico de Hooft podia não ver nada de sobrenatural no caso, mas meu espírito que não era assim formado repelia a idéia. E' verdade que eu tinha visto coisas mais do que estranhas nos meus negócios com o Oriente e os orientais, mas ainda não ouvira um cientista europeu de sangue-frio expressar sua crença no ocultismo e procurar explicá-lo em termos de ciência.

V.I.I

Dois dias depois Cazalet telefonou-me e me pediu que fosse vê-lo. Eu não tinha o que fazer nessa tarde, e assim tomei um *ricksha* e fui à casa dele.

Ele estava no quarto, tendo acabado de levantar-se e de vestir-se e eu disse "Alô!", pois o homem parecia transformado noutra pessoa, tinha côr nas faces e brilho nos olhos. Estava ainda emaciado, mas apesar disso, como contei, estava completamente diferente do inválido de dois dias antes.

— Olhe, disse ele, e me estendeu um papel. Era um bilhete de Hooft, e dizia: "Você agora está livre. O homem que estava contra você, morreu. Quero dar-lhe uma prova definitiva disto, portanto vá a minha casa esta noite às nove horas e traga seu amigo".

— Você tem um aspecto completamente diferente, disse eu. — E estou, disse ele. Sou um homem novo. Comecei a sentir-me melhor desde que fui procurar Hooft, e hoje de manhã a saúde pareceu voltar-me em ondas. Como posso agradecer-lhe bastante por me ter levado ao dr. Hooft?

Certamente ele tinha razão de agradecer-me, pelo aspecto que apresentava, porém eu não quis receber agradecimentos.

De fato quasi o esquecera, no meu interesse pela carta de Hooft. Eu ia visitá-lo às nove horas, com Cazalet e ver a prova definitiva de que Cazalet estava salvo. Que prova seria essa? Devo dizer que eu me sentia muito perturbado.

(Continúa na página 39)

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
FUNÇÃO ATÉ ÀS 19 HORAS
DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES
ALFANDEGA, 50

A TRADIÇÃO PURITANA NA LITERATURA DOS ESTADOS UNIDOS

SERÁ que me engano ao considerar a tradição puritana como a mais poderosa corrente da literatura americana? Não, pelo menos no que diz respeito àquele setor que é chamado livre, ousado, emancipado dos "tabús" do passado. Em geral essa "Liberdade" é concernente às relações entre os sexos; eis o de que os seres humanos sempre e em toda parte apreciaram ouvir falar, qualquer que fosse sua atitude moral em face do sexo. Contudo, muitas vezes chocou-me como as histórias de amor americanas, tanto quanto as histórias de relações inteiramente destituídas de caráter amoroso costumam mover-se numa atmosfera cheia daquele deleite sensual que é tão conspícuo, por exemplo, na literatura e poesia francesas ou dinamarquesas, da Idade Média aos nossos dias. Qualquer que seja o ângulo sob o qual os escritores americanos encarem o desejo sexual — como uma força importantíssima no sentido do progresso social e cultural, quando reúne o homem e a mulher numa associação de companheirismo encarando juntos todas as grandes e pequenas tarefas da vida (em centenas de contos sobre pioneiros, por exemplo), ou como um elemento insidioso e destruidor fazendo que ricos e pobres, educados e ignorantes lancem de si quaisquer qualidades que tornariam a vida um prazer — o desejo sempre aparece focalizado na pessoa ou pessoas, de corpo e alma, ou de corpo sem alma, com quase nada das roupagens de ruminação sensual acessória, tão importante nos esboços eróticos de tantos europeus.

Quero crer que uma das razões é serem tantos americanos filhos de imigrantes de diversas nações, com diferentes impressões de infância que muitas vezes lutam por vencer, e por isso, movem-se de um lugar para outro num vasto país. Uma das fluências determinantes nas relações entre os europeus é exatamente isto: usualmente encontramos pessoas cuja infância foi modelada pelas mesmas impressões e experiências da nossa. Nas relações entre homem e mulher significa, como o traduz a expressão norueguesa, que se ouve "a canção meio cantada", porque há tanta coisa que podemos dizer um ao outro pelo silêncio. E justamente neste silêncio surgem todas as impressões que nossos sentidos armazenaram na infância, de tato, de gosto, de olfato e visão, o deleite sensual que as crianças haurem do brilho do sol, da água, da terra, os solitários êxtases das estações e das coisas inanimadas. Armazenadas em nossos nervos elas esperam, prontas a reunirem-se em torno do objeto humano de nosso desejo, revestindo o amor ou a cobiça com uma aura de multiforme atração sensual.

Uma das coisas que me espantaram quando pela primeira vez visitei a América, foi achar-me inteiramente inapta a descobrir a beleza do país. Penso poder afirmar que conhecia bastante literatura americana, mas muito pouco daquela literatura me fizera antecipar quaisquer impressões visuais da América. Em "Casa do Professor" de Willa Cather, na poesia de Robert Frost, na aldeia do Sol da Manhã de Ruth Suckow, nas paisagens de Chicago, de Farrell, eu havia vislumbrado alguns aspectos mentais. Contudo, eu imaginava vagamente a América como um mundo de grandes cidades, com arranha-céus e fábricas puxando fumaça para um céu sempre cinzento, cidades ligadas por estradas de ferro e rodovias, onde autos e trens passavam a todo momento.

A vastidão e variedade do interior, o encanto (pe-lo menos para um espectador) das pequenas cidades com gramados e árvores adoráveis nas ruas que tornam atrativas até as casas mais feias, a vista do Hudson — nada me havia preparado para isso. Muitas flores eu encontrara mencionadas, mas nunca lhes ouvira o elogio. Mas si essas mesmas flores fossem nativas da Dinamarca, centenas de poetas tê-las-iam celebrado em prosa e verso, com o fervor de um francês louvando uma mulher em cada fase do ato de vestir-se ou despir-se. E Hans Andersen teria escrito um conto maravilhoso sobre elas para que todo o mundo o lêsse. Isto é o que quero dizer quando imagino a literatura americana como essencial-

mente puritana, preocupada puritanicamente com questões unicamente humanas, a — sensual até quando combate os tabús do prazer sensual.

E penso que uma das glórias da literatura americana é ter falado sobre um grande número de assuntos que seres humanos em época alguma e em nenhuma parte apreciaram particularmente ouvir, de necessidades mais sinistras e muito mais profundamente ligadas às memórias raciais da degradação humana do que a necessidade sexual. A literatura americana, por um par de gerações, dissertou raivosamente sobre a necessidade de violência, a glorificação da dureza, sobre as escuras cavernas de nossa alma donde sobe a alucinação do poder, do domínio sobre nossos concidadãos, os preconceitos de raça, nossa infinita capacidade de auto-ilusão, nosso baixo orgulho da capacidade de enganar os outros. Ousada e francamente, um grande número de escritores americanos tomou como tema essas tendências sobre cuja repressão e supressão nossa civilização democrática e ocidental foi construída. E, assim como a idéia de repressão foi denunciada há muito tempo, não podemos considerar nenhum setor das relações humanas sem a repressão dessas tendências. O nazismo, por exemplo, implica a repressão completa de necessidades tão fortes como a nossa "insaciável curiosidade" em face dos pensamentos de outros povos ou em face dos horizontes de conhecimento de nosso espírito que não foram devassados, a necessidade de identificarmo-nos com outros pela imaginação até que sintamos os sofrimentos dos outros e nos regozijemos com suas alegrias, as fontes que alimentam nossas idéias sobre solidariedade humana, justiça e piedade, amor e boa vizinhança.

Por acaso não brotará da tradição puritana a capacidade para a indignação tão acentuada na literatura americana, até quando se dirige contra os pecados e estreitezas do puritanismo? Certamente, a indignação moral foi uma grande força também na literatura européia e esta literatura foi uma força diretiva no progresso do mundo ocidental rumo à justiça e igualdade. Mas as vozes estridentes dos lutadores americanos, o estilo sacudido do duelista americano é diferente. Na Europa a crítica social, desde a Idade Média, tomou muitas vezes a forma da sátira. Os americanos raramente me parecem satíricos; seu espírito corre para outras direções. Thorsten Veblen era estrangeiro na América, apesar do fato de ter nascido aqui de pais noruegueses.

Sem dúvida, após um estágio de menos de três anos na América ninguém é realmente capaz de apreender mais que alguns poucos traços primordiais de um organismo tão vasto e complicado como é este país. Às vezes, quando tomo o ônibus em alguma avenida de Bro-

DE SIGRID UNDSET

oklyn para Fort Hamilton e um panorama do mar, sinto-me sobrepajada pela diferença entre estes Estados Unidos e qualquer nação da Europa, e pela idéia das dificuldades que tiveram de ser superadas no caminho afim de que fosse preservado o que os americanos, desde os primórdios da nação, conceberam como a maneira americana de viver. Passo quarteirão após quarteirão com nomes nos letreiros e vitrinas em italiano, escandinavo, judeu, irlandês, polonês, alemão e cêrea de um anglo-saxão em vinte. Como pôde a América absorver este interminável fluxo de imigrantes de todas as partes do mundo, muitos deles com um passado cultural de tradição antiga, incompatível com as maneiras e o tempo americano, onde o auto-governo do povo era coisa desconhecida e jamais sonhada? Certamente muitos deles vieram aqui procurar a liberdade que lhes negavam na sua pátria natal, muitos mais esperando talvez encontrar oportunidades econômicas, e alguns foram enviados por suas próprias famílias que tencionavam livrar-se dos maus elementos, e outros ainda vieram porque alguém, na América, necessitava de trabalho barato. E, no entanto, a bela inscrição de Ema Lazarus na estátua da Liberdade, que aparece como um ousado desafio ao futuro da América, proclamava uma coragem que nunca teve de envergonhar-se de si mesma.

Mas, quanto mais vejo da América, mais cresce minha admiração pelos homens que criaram os Estados Unidos de um grupo de colônias inglesas ao longo do

(Continúa na pag. 14)



**FRAQUEZA CEREBRAL,
DISPEPSIA NERVOSA,
NEURASTENIA,
FALTA DE MEMORIA
E PERDA DE APETITE.**

Neurobiol
O TONICO DO CEREBRO

A VENDA EM TODO O BRASIL

Alívio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

Sua pele está sempre sob os olhares de outras pessoas. É portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc. Si V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alívio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoríases — as mais obstinadas e rebeldes moléstias da pele.

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczemas obstinadas, psoríases, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc.

BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na

pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras.

Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova.

Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

BELZEMA

GINASIO SÃO MARCELO



O collegio São Marcelo, um dos grandes educandários do Rio, encerrou o seu ano letivo com um belo gesto, pois não limitou os seus festejos domésticos á bonita exposição de trabalhos manuais e á colação de gráu das diplomandas do curso ginasial, em sessão solene; fez mais: distribuiu víveres e brinquedos aos pobres do dispensario que mantém, e aos garotinhos cujos pais não têm recursos para os presentear.

Assim as irmãs, auxiliadas por distintas damas, e sob a orientação de Madre Benigna, Superiora, deram a essa festa nota de alta significação cristã: a generosa esmola de um pouco de conforto aos mais desprotegidos.

O "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1944

está á venda em toda parte.
Preço: Cr \$ 8,00 em todo o Brasil.
Pedidos á Comp. Editora Americana
Maranguape, 15 -- Rio.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

Livros

O SOLAR DAS ALMAS PERDIDAS — Dorothy Macardle — S. Paulo — 1943.

Dorothy Macardle é uma novelista de raro talento inventivo, capaz de criar em torno de seus bem traçados personagens uma atmosfera de mistério que nos empolga e arrasta de página em página até o desfêcho da trama.

O Solar das Almas Perdidas desenrola-se num clima absurdo, na esfera das revelações mediúnicas e das manifestações de além-túmulo.



Consegue, no entanto, afastar-se do comum das histórias de fantasmas pela originalidade do enredo, pela beleza dos cenários que a autora escolheu e por um sutil apêlo à nossa sensibilidade. Não se trata aqui de um romance policial, na acepção lata do termo, porquanto o mistério que paira sobre a sinistra mansão não é decifrado pelas mirabolantes elocubrações de nenhum Sherlock.

No entanto, é uma das mais extraordinárias histórias de fantasmas que já lemos, movimentada, atraente, com felizes observações de caracteres. E' mesmo uma das melhores realizações de Dorothy Macardle, no entrêcho do seu romance, construir duas atmosferas diferentes: uma delas, cheia de sol e alegria, surge com o dia; a outra, pesada de sombras e terrores, cai sobre a "Casa do Fim da Rocha", com a noite.

De dia e á noite as preocupações, o modo de ser dos personagens sofrem extraordinárias mutações. Si Dorothy Macardle tivesse a profundidade de um Edgar Poe, ou soubesse penetrar a natureza humana com a acuidade de um Somerset Maugham teria produzido uma obra genial, pelo perfeito contraste desses dois estados. Dentro, porém, de seus objetivos, a autora conseguiu fazer um bom trabalho. Realizou-o de um modo tão perfeito que aconselhamos aos nossos leitores não o lerem á noite...

• • •

A LUTA PELO DIREITO — Ihering — Rio. — 1943.

Muito oportuna a divulgação dessa obra de Ihering, numa edição barata, ao alcance do público, e prefaciada pela pena ilustre de Leopoldo Alas. Nos tempos que correm é preciso que cada homem se compenetre de ser a luta a essência do direito, que não constitue um privilégio — incompatível com nossos fóros democráticos — mas antes uma conquista. O direito, produto de uma vontade que se orienta num sentido determinado, tem por base necessária uma moral. Um povo que passa a considerar o sistema de suas conquistas jurídicas como acabado e definitivo, não procurando preservá-lo das usurpações dos tiranos e das falsas interpretações dos rábulas a seu serviço, não merece viver. Leopoldo Alas friza, no seu luminoso prefácio, não ser o medo, a força que detem os povos, e sim a ignorância do que seja o direito em si, "a falta de senso comum juridico em sua totalidade". O homem que está pronto a defender seus interesses particulares mostra-se descuidado em preservar uma norma geral de direito absoluto que venha a ser ferida. O que, portanto, se torna cada vez mais necessário é proporcionar ao homem da rua uma consciência jurídica que o habilite a zelar pela integridade da ordem jurídica de seu país. Reage também Ihering contra o materialismo que se esforça por colocar o direito, num plano utilitário, roubando-lhe, desse modo, a verdadeira grandeza. O eminente jurista insite na natureza moral do direito que para realizar-se demanda uma vontade livre. "O direito conquista-se primeiro na consciência" — elucida Leopoldo Alas. Dar ao povo essa consciência do direito, que outra maneira poderíamos encontrar de fazê-lo realmente próspero e poderoso?



• • •

JOÃO DAUDT D'OLIVEIRA — Discurso — Rio de Janeiro — 1943.

Fomos distinguidos com um exemplar da brilhante oração que o nosso eminente patricio Sr. dr. João Daudt d'Oliveira, presidente da Federação das Associações Comerciaes do Brasil, proferiu, nesta capital, por ocasião do 1.º Congresso Brasileiro de Economia.

O discurso em apreço, amplamente divulgado na imprensa brasileira e, agora, impresso em avulso, é um documento de grande expressão pois aborda proficientemente assuntos na mais alta relevancia nesta hora que o mundo atravessa.

Muito aplaudida na oportunidade em que foi proferida, a peça oratoria em causa será igualmente muito apreciada por parte de quantos tenham a honra de recebê-la.

Novos

VIDAS INQUIETAS (Contos) — Paulo Coelho Neto — Rio — 1943.

Paulo Coelho Neto é portador de um nome ilustre. Seguindo as pégadas do pai, enveredou pelo conto, nas horas que lhe sobram do culto à memória paterna concretizado em diversos trabalhos biográficos e críticos. Ao contrário de seu pai, porém, Paulo Coelho Neto, não busca seus temas na atmosfera fantástica do Oriente, da Grécia Antiga, da Judéa. Ele é o contista das vidas humildes da cidade. Não se expõe a viagens arriscadas à Acropole ou ao deserto da Síria, prefere o pacato bonde suburbano ao camêlo ou à trireme. Entra nos restaurantes chineses de quinta classe, vai aos cafés de infima categoria, mistura-se à malta desordeira dos estivadores do Cais do Porto e ausculta os dramas e as misérias dessa multidão anônima cujo fim é a vala comum. Suas histórias têm, quasi tôdas, um cunho triste, que lhes advém dos cenários escolhidos, das regiões de miséria e sofrimento físico em que se desenrolam. Nos seus contos

desfila uma multidão muito nossa conhecida: são malandres, capoeiras, bicheiros, torcedores, decaídas. Todos carregam em si dramas ignorados, dôres recônditas que a pena do contista vai buscar nos refólhos de suas almas obscuras. Em *A Mariposa* faz o processo, a tintas de Zola, de uma Bovary carioca; em *Voragem* é a figura de um caixa que dá um desfale no banco onde trabalha. E, assim, Paulo Coelho Neto, em tôdas as páginas deste livro, não se afasta do cotidiano que trata num estilo sem sombras, sem atenuações, de um realismo muitas vezes cruel. Não seria de todo mau que, em obras futuras, suavizasse essa maneira adoçando-a com o que alguém chamou "leite da piedade humana".



FALA O CORAÇÃO... (Contos) — Lourdes Pedreira de Freitas — Rio — 1943.

É o primeiro livro da autora. Assim, ao lado de algumas qualidades, encerra muitos defeitos. Além de certa inverosimilhança na ação de certos contos, há um abuso de sentimentalidade, muito feminino, expandindo-se em lágrimas, amôres contrariados, etc. Muitas dessas páginas não chegam mesmo a constituir contos e sim, cenas. Cenas da vida de todos os dias, onde como é natural, domina o namôro... Na maioria delas falta o que constitui a essência do conto: a mola da ação que leve o leitor curioso e anelante ao desfêcho. Ao contrário do romance, onde cada página tem um valor próprio, o conto só tem razão de ser pelo seu desenlace. O principio e o meio são méras preparações. Aos contos de Lourdes Pedreira de Freitas falta o essencial que é o nervo. Aconselhamos a que leia alguns bons contistas, Somerset Maugham, Maupassant ou essa tão feminina Katherine Mansfield e procure compreender melhor a natureza do conto, um dos mais difíceis gêneros literários que existem.



UNIDADE ECONOMICA DO BRASIL — Lourival Camara.

Recebemos um exemplar da tese que o Sr. Lourival Camara ofereceu, sob o tema supra referido, ao 3.º Congresso de Brasilidade realizado em Florianópolis, Santa Catarina, em Dezembro de 1943.

O autor do trabalho levou a termo um estudo interessante a proposito da evolução economica do Brasil, não apenas revelando cultura mas também se mostrando possuidor de bons elementos estatísticos; compara o Brasil com outros países e aprecia as nossas fontes de riqueza. Graficos e mapas ilustram a exposição.

OS QUE NOS FELICITAM

Temos ainda a registrar os seguintes cumprimentos e brindes de Natal, o que fazemos agradecendo sensibilizados aos amigos e leitores seguintes: "Paula Galati & Cia.", "S. A. Magalhães Comercio e Industria", ambas desta praça pelas interessantes folhinhas que nos mandaram; Sr. Dr. Mo-

zart da Gama, Dr. José Coimbra da Trindade, A. Vieira de Melo, "Cia. Paulista de papeis e Artes Graficas", "A Torre Eiffel Confeccões Lt.", e S. Excia. o Sr. Chefe do Estado maior do Exercito, desta Capital, e Dorival Hipolito Ferreira Pena, da Bahia, pelos cartões de Boas Festas com que nos honraram.

MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO"

Recebemos o tomo XXII (volume 3.º) do Mensario do "Jornal do Comercio". É a edição correspondente a Setembro de 1943. E traz artigos diversos sobre os mais variados assuntos.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

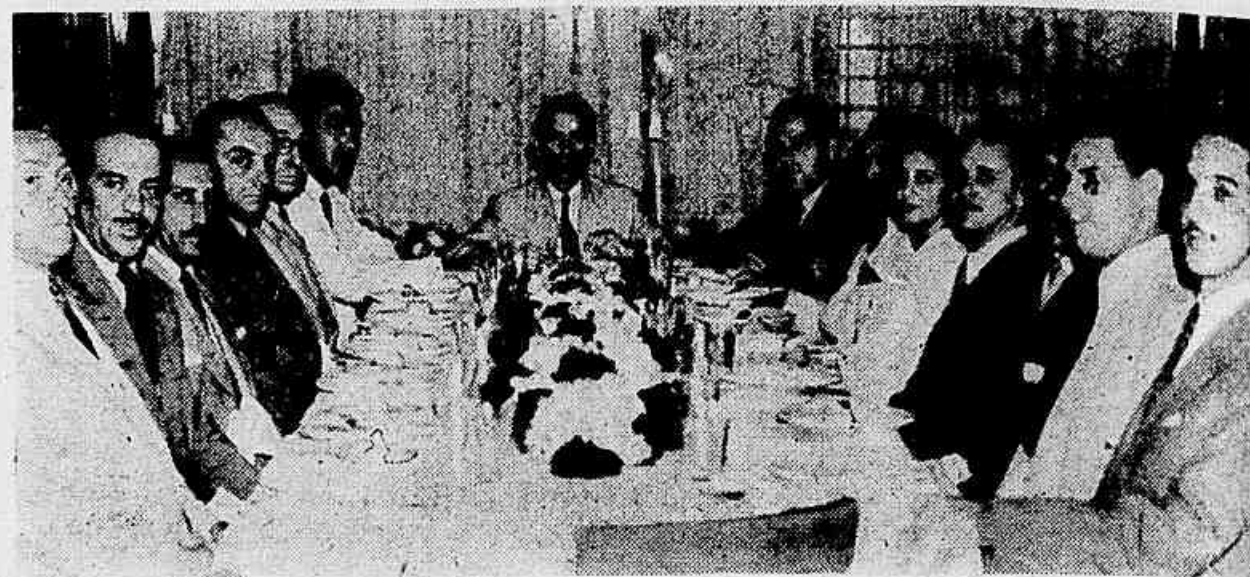
Rotenol

A base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO



FIGURAS E FATOS



O 5.º ANIVERSÁRIO DE "NAÇÃO ARMADA" — Ao entrar no 5.º ano de fundação da revista civil-militar "Nação Armada", Affonso de Carvalho, comandante da Fortaleza de São João, oferece aos seus auxiliares um almoço íntimo. O flagrante acima foi colhido durante o ágape.



POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL — Aspecto da sessão inaugural das conferências organizadas pela Delegacia de Segurança Política e Social desta capital com a colaboração do Federal Bureau Of Investigation de Washington. A mesa, presidida pelo Cel. Nelson de Melo, foi constituída pelo major Amaro da Silveira, delegado Especial, o conferencista e Rolf L. Larson, técnico norte-americano do F. B. I.



O DR. FERNANDO LEVISKY, escritor e jornalista, figura destacada nos meios sociais do Rio e de S. Paulo, diretor da "Publicidade Para Todos", e que acaba de lançar o livro "Espetros da Intolerância", obra em que se definem as qualidades de inteligência e cultura que já pusera à mostra em outros livros de sua autoria.

A tradição puritana na literatura dos Estados Unidos

(Continuação da pag. 11)

Atlântico, e mais anseio conhecê-los e ler livros sobre eles. Certamente, a fundação dos Pastores é uma das maravilhas do mundo. Foi capaz de suportar um peso extraordinário de super-estruturas, muitas delas de uma forma que eles não poderiam prever. Às vezes, quando os americanos se riem dos homens "da velha escola de gravata" de outros países, recordo as realizações de Washington, Jefferson e seus contemporâneos, todos homens da mesma massa cultural dessa "escola de gravata".

E o que deve o mundo ao fato de seus gênios ou talentos se terem imbuído e cuidadosamente educados na tradição cultural? A despeito de vários recuos e assaltos, os ideais pelos quais lutaram ainda constituem o que chamamos "o sonho americano". É uma das coisas que pretendo fazer ao voltar para a Noruega é escrever um livro sobre estes homens — já que não possuímos nenhuma obra deste gênero na Noruega. Mas, sem dúvida, tudo depende do que os editores noruegueses arruinados poderão publicar quando os déspotas alemães tiverem sido expulsos.

Está á Venda em toda parte o ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1944

Circula em todo o país desde princípios de Dezembro último a grande edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os militares, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio, toda a gente enfim, das cidades e dos campos, terá no ALMANAQUE EU SEI TUDO um informante através de leitura agradávelíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "LIVRO DOS MIL ASSUNTOS", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.



NA POLÍCIA CIVIL — Flagrante apanhado na Polícia Central quando em Dezembro último, a Senhora Nelson de Melo realizava a distribuição do Natal dos Pobres, em que dezenas de criaturas desamparadas receberam suas festas das mãos da ilustre dama.



Coração de caipira

Conto de LUCIO DE MENDONÇA

Ilustração de GOULART

S. Gonçalo da Campanha, no sul de Minas, é uma bonita povoação, que seria risonha e linda se não estivesse como sepultada entre as excavações profundas da migração que lhe rasgou as entranhas do solo opulento, dando assim aos arredores da freguezia — para quem de longe a avista — um triste aspecto de montões e ruínas.

Deu-se o ano passado, nesta freguezia, um facto singular: morreu um pobre homem do povo, camarada e jornalista, e a morte dele foi geralmente falada, comentada e até sentida.

O homem chamava-se João Carlos, da família cabocla dos Sabiás, muito conhecida e estimada no lugar como gente toda ela de bem. Dele e destes actos ha ainda aqui viva memoria. Chamava-se simplesmente João Carlos... Esta gente do povo tem o nome pequeno. Talvez por isso consegue, quasi sempre, trazer-lo mais tempo limpo que os grandes nomes.

Pois era até bem acreditado, em toda a freguezia e redondeza, o nome do camarada. João Carlos merecia-o: era laborioso e honrado. — Honrado até ali diziam dele. Era o caboclo de mais trato que se conhecia, e não devia *um cebre* que fosse, em qualquer negocio.

Tinha a sua casinha bem assiada e firta, na varzea a que a gente do lugar chama *praia*, e que ao sul da povoação se estende marchetada de arroios espraíados e, entre-sachada de outeirinhos cobertos de vegetação rasteira vae morrer, à margem do Sapuchay.

João Carlos estava ultimamente ao serviço de F., morador de S. Gonçalo, a quem votava uma dedicação céga.

O caboclo era camarada conhecido por fama, de tão firta e leal que era. Havia de ter os seus trinta e cinco anos; magro, mas reforçado e musculoso, agíl como um veado, fiel e bravo como um cão de fila, tinha uma bela fisionomia, plebéa, rudemente talhada, mas expressiva, alegre e franca.

Era casado, casado ha quinze anos, com uma caboclinha da vizinhança, chamada Marcolina.

Entre as mulheres do povo, nenhuma vestia, nem passava melhor que a mulher de João Carlos. Tinha negra que a servia. Também era o idolo dele. Não tinha filhos; viviam felizes, e parecia ainda um casal moço, porque o caboclo é duro de envelhecer.

Não era bonita nem feia a Marcolina; mas tinha certa elegancia natural, e ao domingo, quando se punha tafula com o seu vestido de casa, requebrava os quadris arredondados com volutuoso donaire. O olhar era doce e líbrico e a boca sensual e vermelha.

O marido, depois de quinze anos de casamento, morria ainda por ela? Não fazia viagem de que lhe não trouxesse um vestido novo; e, na ausência, era um nunca acabar de elogios à mulher, ao seu bom proceder, à felicidade de sua casa.

Uma manhã, appareceu João Carlos ao patrão com o aspecto demudado. Amarelotava nervosa o chapéo de pelo de lebre; pela primeira vez via-se-lhe carregado o rosto sempre expansivo e alumiado de alegria; deu bons dias com voz surda e estrangulada.

— Que tens tu, João Carlos? estás hoje com uma cara de deão e uns olhos de assassino!

O caboclo estremeceu com um calafrio que lhe agitou todo o corpo, e cravando no amo um olhar saturno, depois de verificar que estavam bem sós:

— É uma história do *diccho*, patrão; a Marcolina...

E engasgou-se com este nome, que rugiu mais que articulou.

— Que tem a Marcolina?

— Enganou-me com outro homem.

F. chhou com espanto e comiserção para ele: estava lívido.

— Não vás acreditando logo nessas coisas, João Carlos; lha que ha tambem muita mentira...

— Eu vi, patrão! eu mesmo vi bem claro.

O amo de João calou-se, com muita dôr d' alma: aquelle camarada, que não mentia nunca, era um homem de bem; devia estar ali com o inferno por dentro.

— E agora? perguntou-lhe.

O caboclo teve um sorriso sinistro.

— Agora... o patrão já não me achou com geito de assassino?

— Isso não, João Carlos! enxota-a de casa, mas não te ponhas a perder.

— Mais perdido do que estou, patrão! perdido pra sempre! pois não sabe como eu gestava dela?... não via?... Agora não tenho mais descanso enquanto não *pinchar* no inferno aquella perdida que me sujou a cara!

E uma onda de sangue alegrou-lhe a face cobreada e acendeu-lhe nos olhos um clarão rubro. Estava medonho de ver-se.

Correu a mão pelo cabelo crespo, e acrescentou, apantando para dentro:

— Ela está aí mesmo em casa do patrão; entrou correndo pelo portão da horta. Bem sabe que aqui está livre: mas um dia ela ha de sair!

Modelos da Semana



1 — Três modelos de vestidos para passeio e para chá: o estampado branco e preto com bolero é um modelo prático para estes dias incertos de um verão por vezes duvidoso. A gola do bolero A e o decote têm uma renda preta à volta. O outro estampado B em "bouquet" é do clássico estilo "chemisier" 65; o C. é em "marocain" cinza, grande gravata e saia bem franzida na frente; cinto largo de couro cinza, fivela e luvas amarelas. 2 — "Toilette" encantadora com *pois* brancos e cor de vinho. Saia ampla com pregas miúdas. A gola é muito original, de organza branca dobrada do crêpe "rayon" do vestido, e posta por cima como dobrada sobre este, caindo em canudo sobre o casaquinho cor de vinho com punhos iguais à gola. Acessórios cor de vinho. 3 — "Ensemble": casaco verde-oliva seco, longo, sobre um vestido branco com estampa miúda verde-oliva, chapéu branco, com faixa verde-oliva. Este vestido é prático para o nosso verão incerto, até porque a pele pôde ser dispensada entre nós.

Apogeu e declínio da campanha submarina

Hitler sempre esperou que a vitória da Alemanha sobre a Inglaterra fosse decidida pela supremacia da arma submarina.

Enquanto a América fazia verdadeiros milagres na construção de transportes, os U-Boats germanicos vinham afundar nossos navios quasi no local da sua construção, ceifando vidas preciosas e lançando ao fundo do mar os alimentos transportados. As próprias rotas vitais do abastecimento de matérias primas providas da América do Sul estiveram seriamente ameaçadas pelos submarinos inimigos.

E' verdade que a propaganda nazista tem afundado um numero de navios muito maior do que os próprios submarinos, mas devemos reconhecer que foi grande o perigo que nossas tenacidade e coragem conseguiram vencer.

A campanha submarina tem antecedido algumas das batalhas decisivas desta guerra.

A batalha da Tunisia foi travada inicialmente no Atlantico e o plano aliado para a invasão da Europa depende essencialmente do dominio deste oceano.

Um rápido olhar para o mapa que apresentamos mostra que a fase preliminar da luta na Russia e a defesa da Asia Menor foram decididas no mar.

Hitler já teve a iniciativa no Atlantico. A frota submarina nazista, que até bem pouco tempo contava com 700 unidades, tem sido consideravelmente reduzida.

Um terço dessa frota partindo de bases ao longo da costa ocidental da Europa — quasi todas à prova de bomba, como vemos na ilustração — podia agir facilmente. Nem todas as bases conhecidas de submarinos são indicadas no mapa e estamos certos de que ha muitas que não conhecemos.

Muitas vezes já se disse que um dos maiores erros de Hitler nesta guerra foi o não ter dado bastante importância ao preparo de sua marinha de guerra.

Com efeito, a experiencia da guerra passada, em que a desproporção entre a marinha da Alemanha e da Inglaterra foi um dos fatores determinantes da derrota germanica, aconselhava uma atenção maior a esta arma, da parte do ditador nazi.

Mas a verdade é que Hitler contava esmagar rapidamente os seus adversários continentais pela supremacia absoluta das forças mecanizadas e da aviação, esperando também obrigar a Inglaterra a render-se pelos bombardeios aéreos e estrangulá-la pelo bloqueio submarino.

Esquecia o "Fuehrer" que, mesmo numa guerra, não são apenas as forças materiais e a brutalidade que podem decidir a partida.

Esquecia-se de que as reservas de energia e o espirito combativo pesam fundamentalmente na balança.

Com um regime de economia fechada, esperava Hitler que o dominio do continente europeu abasteceria a Alemanha durante o tempo necessario para realizar a conquista do mundo.

Arma pequena, requerendo mão de obra mais barata e exigindo menos pessoal convenientemente treinado, os submarinos mereceram a atenção especial dos técnicos alemães.

Não contavam porém os dirigentes nazistas com a fibra de um povo, que no momento crucial, soube mostrar-se magnifica, tornando-se digna da admiração e da gratidão do mundo inteiro.

Não contava também que uma grande Nação Democrática soubesse conservar-se unida internamente, de modo a bater todos os "records" possiveis na construção de material bélico em quantidade nunca imaginadas num espaço de tempo tão reduzido.



Hoje todo o panorama da guerra se modificou. Os submarinos, destinados a serem uma arma puramente ofensiva, passaram de acordo com a confissão da própria propaganda nazista, a ter um papel meramente defensivo.

O aumento em numero e em capacidade combativa das escoltas tornou possível aos comboios aliados atravessarem os mares quasi a salvo dos ataques submarinos.

O aumento notável do numero de destroyers aliados (talvez os maiores inimigos dos submarinos), a possibilidade de transportar um numero cada vez maior

de aviões protetores, vem reduzindo gradativamente a eficiencia dos "U-Boat".

As vitórias aliadas vêm se sucedendo numa progressão geométrica, em que os exitos de hoje duplicam as possibilidades dos triunfos de amanhã.

Mais uma vez constatamos a veracidade da "lei da bala e da couraça", isto é quanto mais se aperfeiçoam os meios de destruição, tanto mais eficientes se tornam os meios de defesa.

Esta guerra não pôde ser ganha na defensiva. Nós já arrebatamos a iniciativa das mãos do inimigo e podemos vislumbrar claramente a vitória final.



INGRID É UMA MULHER ESPORTIVA e prefere usar "skis" em lugar de sapatos para a neve. Aqui a vemos com um dos filhos da família Swenson. Como suas compatriotas é forte e resistente. Minesota parece-lhe uma rica e maravilhosa continuação da sua terra natal.



LEVANTA-SE A'S CINCO DA MANHÃ — quando ainda há uma escuridão pontilhada de neve, para ver Henry ordenhar as vacas. Em seguida toma uma refeição tipicamente campestre. Embora pareça fragil e pequena em alguns de seus "films" como "Casa blanca" pesa 150 libras e tem 5 pés e 7 polegadas de altura.

Ingrid em Minnesota



SEUS FAVORITOS—são os porquinhos Duroc, que ela aprendeu, de acordo com a técnica, a segurar fortemente por uma das pernas. Nascida em Estokolmo e tendo sido educada na cidade, costuma entretanto gosar suas férias na fazenda dos pais de seu marido, tendo grande admiração pela vida do campo. "Todo ator sonha desempenhar um papel da sua predileção" costuma dizer Ingrid Bergman. "Gary Cooper almeja representar um cow-boy. Eu desejaria fazer o papel de uma moça de fazenda".



AS ORAÇÕES DA FAMÍLIA SWENSON — são feitas em suéco, em atenção a Miss Bergman. A despeito dos seus estudos de inglês durante três anos, conserva ainda um acentuado sotaque. Mr. Swenson, nascido na América, fala correntemente o suéco, mas sua esposa, filhos e netos preferem o inglês.

A TERRA DAS "AGUAS CÔR DO CÉU" LEMBRA-LHE OS ENCANTOS DA SUECIA

EM 1853, o primeiro Suéco subiu o Mississipi para descobrir a estonteante beleza de Minnesota. Noventa anos mais tarde, outra Nórdica, Ingrid Bergman, fazia a redescoberta dessa terra tão poéticamente chamada pelos índios *Minne* — água — e *sola* — azul celeste.

Apesar de ter nascido em Estocolmo onde fez os seus estudos, Ingrid foi sempre uma apaixonada pela vida campestre.

O contato com a terra e o convívio com a natureza têm para ela inextinguível atração.

Esta referência é apenas uma consequência da formação e do temperamento da artista.

Também ela é inteiramente destituída de artifícios, sendo a simplicidade e a modestia os traços característicos de sua personalidade.

Tem verdadeiro amor pela sua arte, não se preocupando com a glória.

Ali neste pedaço de terra do Novo Mundo, encontrou uma continuação do cenário de sua pátria.

Na Suécia, Ingrid costumava passar as férias numa fazenda dos arredores de Estocolmo, pertencente à família de seu marido.

As frias madrugadas de Minnesota devem diminuir a nostalgia de Ingrid.

Também ali as águas refletem a pureza do azul do céu e a natureza parece povoada dos seres fantásticos e delicados dos países Nórdicos que emprestam à vida encanto e tornam as criaturas mais puras.

Esta é a espécie de vida que sempre desejou.

Para ela Hollywood é apenas um lugar de trabalho. Sua residência é em Rochester, New York, onde vive com seu marido, o Dr. Peter Lindstrom, e sua filhinha de quatro anos, que nem mesmo sabe ser sua mãe uma artista de cinema.

O diretor de *Por quem Dobram os Sinos*, afirma que Ingrid Bergman obterá o *Oscar* este ano.





NUMA INSTITUIÇÃO DE AUXÍLIO, Ingrid encontra membros da Igreja Luterana da Escandinávia. A' esquerda o Rev. A. B. Walfrid, o pastor; Charles Swenson, seu anfitrião, encontra-se a seu lado. A mocidade de Ingrid Bergman é ainda mais ressaltada porque ela não usa nenhum artifício. Quando David Selznick trouxe-a para a América para interpretar de "Intermezzo", determinou que excluíssem todos os recursos de "maquillage" e todos os artifícios como ondulação de cabelo, etc. Não faz "make up", pois acha que as máscaras de cosméticos prejudicam a expressão da sua fisionomia.



APRENDENDO SUA PRIMEIRA LIÇÃO NUMA ROCA. Ingrid tem um grande respeito pelas coisas domésticas. Orfã aos 13 anos, tornou-se atriz a despeito da oposição dos seus parentes. É uma das artistas mais trabalhadoras de Hollywood. Raramente vai a festas e não é grande amiga dos intervalos nos filmes. Não é orgulhosa nem enfatuada. Quando Mrs. Abraham Johnson, desconhecendo a identidade da sua aluna, perguntou-lhe seu nome e veio a saber que se tratava da grande artista, ficou profundamente comovida.



INGRID BERGMAN apresenta aqui o penteado que teve de usar para o seu papel de Maria em "Por Quem os Sinos Dobram". Em "Saratoga Trunk", seu próximo trabalho, ela usará uma cabeleira postiça.

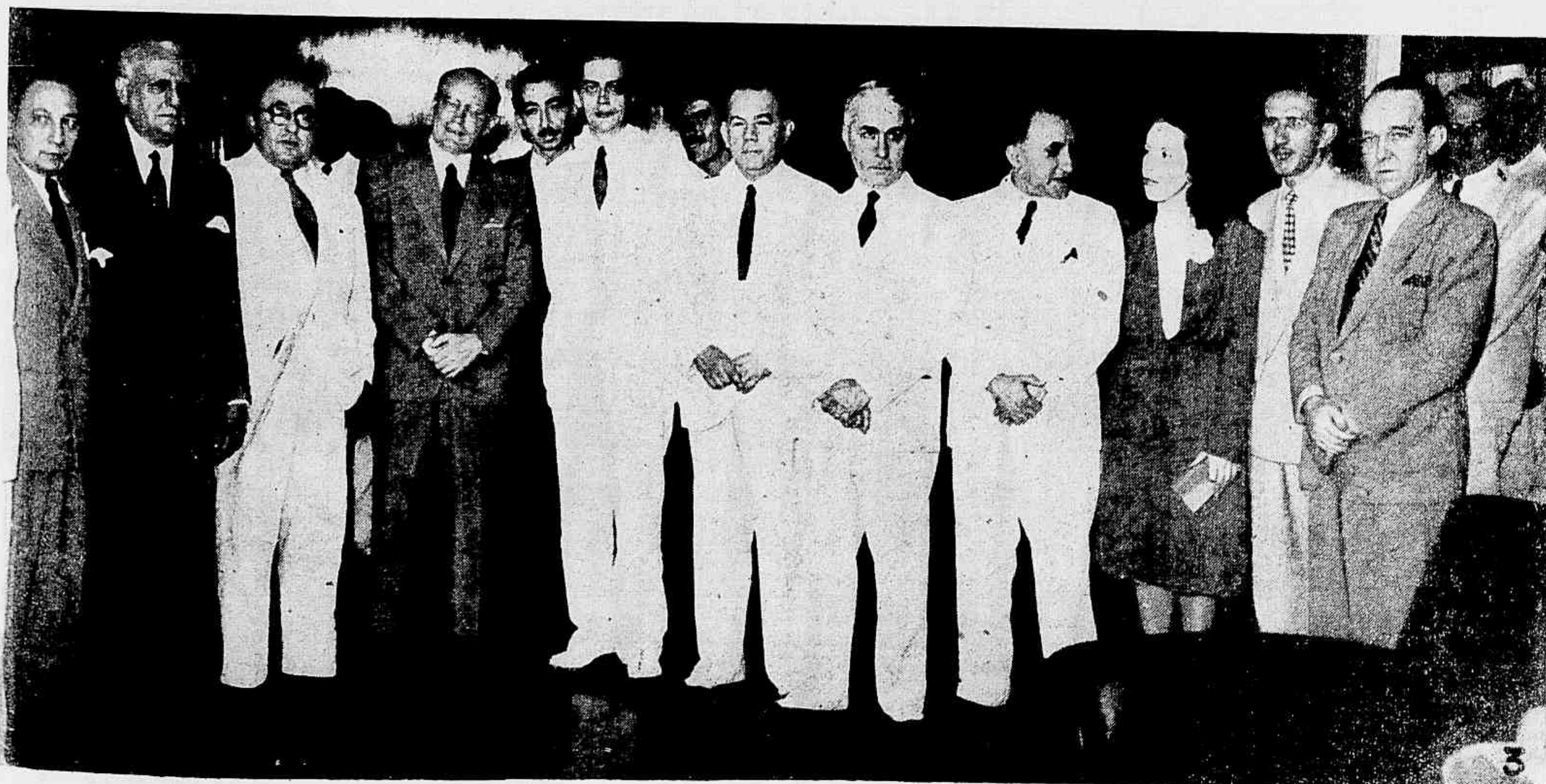
A entrega dos premios aos vencedores dos con- cursos para jornalistas

No dia 29 de Dezembro ultimo realizou-se, no gabinete da presidencia da Caixa Economica Federal do Rio de Janeiro, a entrega aos premios dos concursos abertos aos jornalistas, durante a Semana da Economia de 1943. Viam-se presentes o presidente e diretores da Caixa, os membros da Comissão Julgadora dos Concursos, srs. Herbert Moses, Oséas Motta e Rodolpho Motta Lima, grande numero de jornalistas e convidados. Dando inicio à solenidade, foi servido aos presentes um "cocktail", em meio do qual usou da palavra o sr. Carlos Luz, que felicitou os vencedores das provas e agradeceu o interesse demonstrado pela Comissão Julgadora na classificação dos concorrentes. Pouco depois recebiam os premios que lhes couberam os seguintes profissionais da imprensa: de topicos, Guerra Fontes, do "Jornal do Brasil", Leão Padilha, da "Vanguarda", Sarah Marques, do "Correio da Noite", Raul Azevedo, da "Vanguarda", Armando Pereira, do "Correio da Noite", Almeida Portugal, d' "O Radical", Ayrton Lopes, d' "O Jornal" e Sebastião Fonseca do "Correio da Noite"; de reportagem, Adalberto Mendes, da REVISTA DA SEMANA; de fotografia, Osmundo Sales, do "Correio da Noite", e Arnaldo Vieira, da REVISTA DA SEMANA. A seguir o sr. Guerra Fontes fez o agradecimento, em nome dos vencedores, tendo ocasião de salientar a brilhante fase de progresso que a Caixa Economica vem atravessando, sob a direção do seu atual presidente, sr. Carlos Luz, e demais companheiros de diretoria.

São da linda festa, que transcorreu num ambiente de grande distinção e cordialidade, as fotografias que ilustram esta pagina, vendo-se: 1 — o sr. Carlos Luz entre os membros da Comissão Julgadora; 2 — quando falava o sr. Guerra Fontes; 3 — os vencedores dos concursos, tendo ao centro o presidente da Caixa Economica.



ECOS DA SEMANA DA ECONOMIA



O JOCKEY CLUB MUNDANO



As elegantes "turfwomen" cariocas, enchendo com o encanto de sua presença as dependências do hipódromo da Gávea, fizeram com que a reunião de domingo último, ali realizada, apresentasse o aspecto festivo de um desfile de beleza e arte.

O fotógrafo da REVISTA DA SEMANA conseguiu apanhar na "pelouse" os felizes instantâneos que reproduzimos nesta página,

SOCORRO AOS HERÓIS FERIDOS



Nos calcanhares da infantaria durante um ataque, os soldados que carregam as padiolas lançam-se para a frente, inteiramente desarmados, levando apenas seu equipamento médico.

(Fotos da British New Service)

O conflito que se alastra por toda a superfície do globo, sacudindo todos os continentes numa nevróse de ódio e de vingança desencadeada pelas ideologias dos Ditadores, vem exigindo não apenas dos combatentes mas de todos os cidadãos o máximo esforço.

Esta é uma guerra de todos nós em que cada um deve sentir-se responsável pelo desenrolar dos acontecimentos. Todos os ramos da atividade humana estão empenhados em apressar o fim da luta e conseguir a vitória definitiva sobre as forças gressoras.

Mas a guerra que imola tantas vítimas inocentes traz à humanidade benefícios incontestáveis.

A ciência e a técnica, cuja missão deveria ser exclusivamente construtiva, se multiplica a capacidade de destruição,

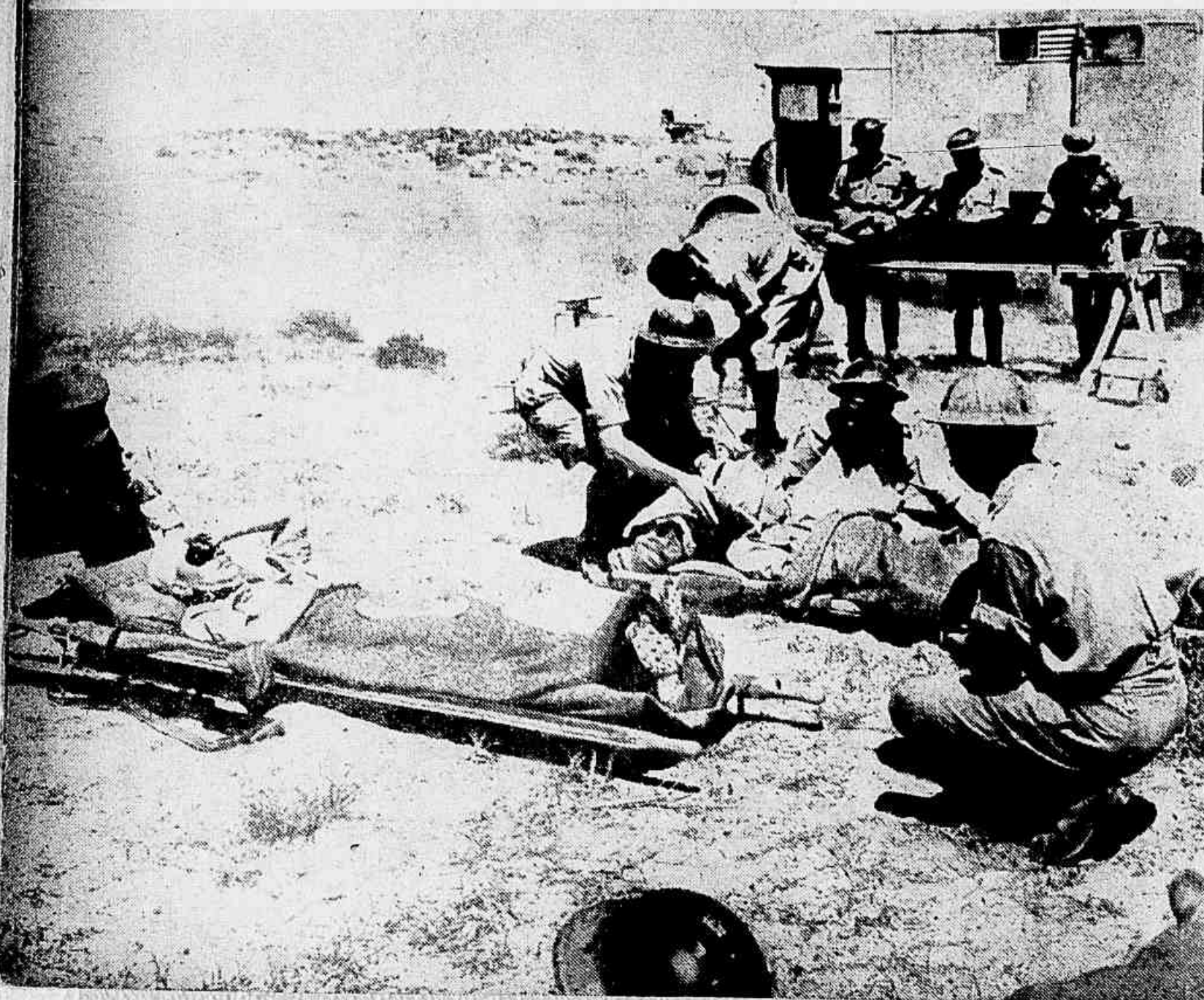


O trem hospital, inteiramente lotado, atravessa o território da Inglaterra levando feridos ao seu destino.



Uma transfusão de sangue é feita num posto de socorro do Deserto. Muitas vidas foram salvas pela eficiência do serviço de transfusão de sangue, operando com os Exércitos do Norte da África.

O ferido é levado ao posto mais próximo o mais rapidamente possível. Ali é decidido se o caso requer uma operação imediata ou se pôde esperar por recursos mais adequados.



Hospitais no deserto. Os pacientes estão finalmente fora do perigo das bombas. E' preciso enfrentar ainda uma longa e complicada viagem para chegar em casa. Um milagre de organização dirige a entrada e saída de feridos.





Ainda ao alcance das bombas inimigas, os feridos esperam num hospital do deserto. As enfermeiras compartilham os perigos da batalha.

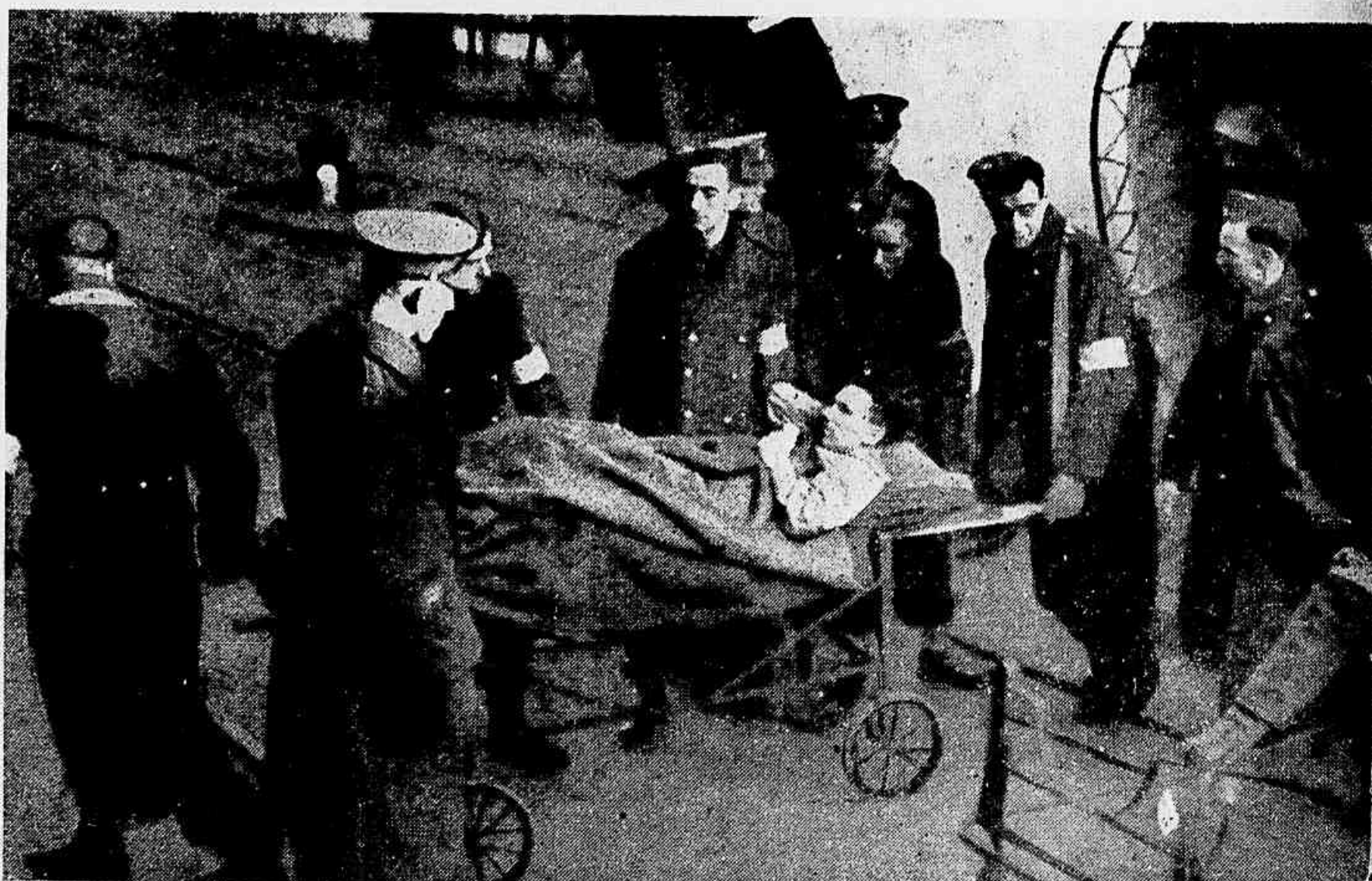
A viagem está quase concluída. Os feridos são transportados do navio hospital em padiólas sobre rodas.

com os engenhos de morte manejados pelos homens, vem também em seu auxílio, salvando vidas preciosas e minorando sofrimentos.

Este verdadeiro exército, silencioso e eficiente, que acompanha os nossos soldados, afrontando com eles todos os riscos da guerra, é digno de admiração do mundo.

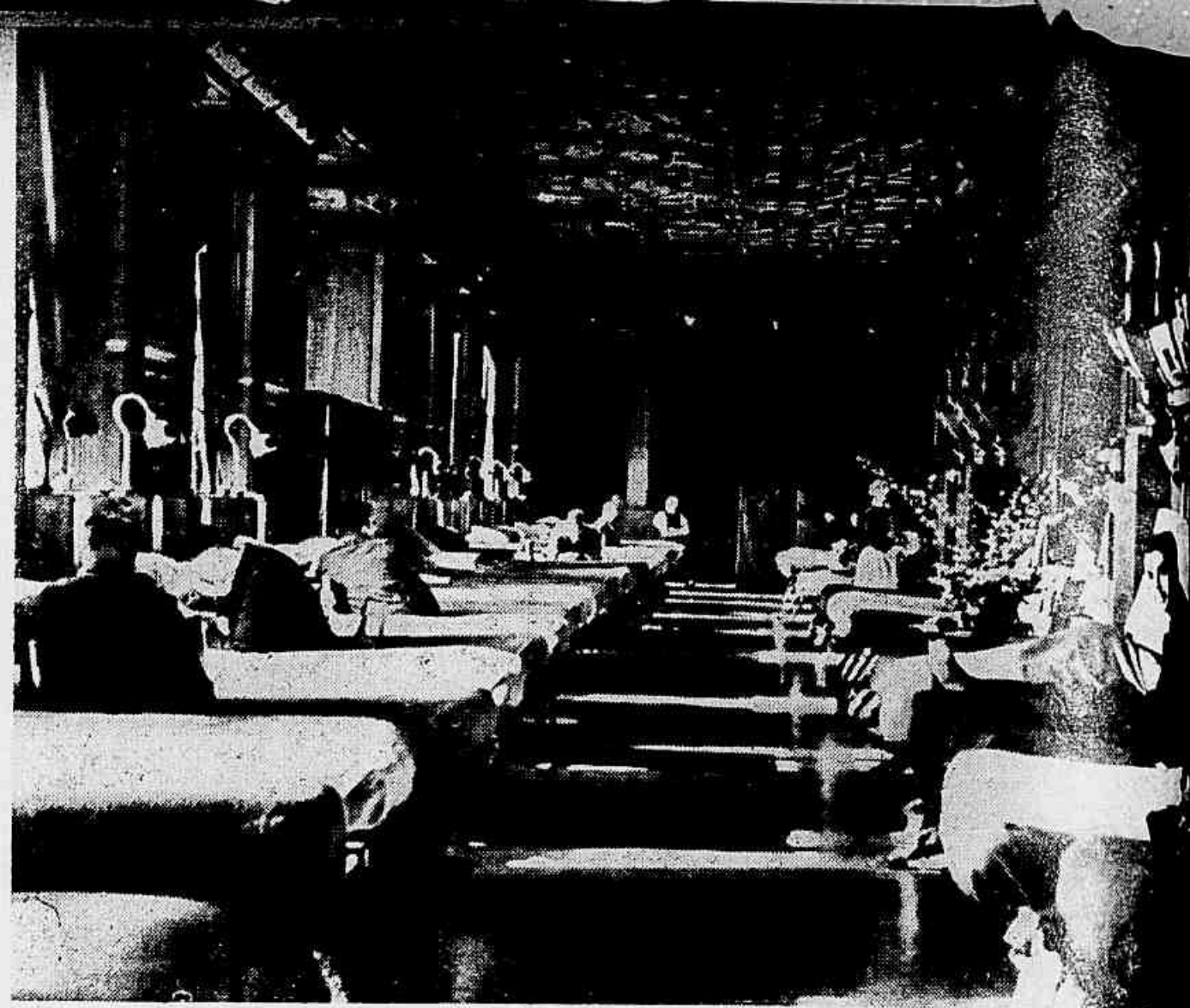
Os nossos flagrantos acompanham as atividades e mostram o que é uma organização perfeita.

Um corpo selecionado de médicos e enfermeiras presta inestimáveis serviços, sempre prontos a combater a morte e a minorar as dores dos defensores da liberdade.

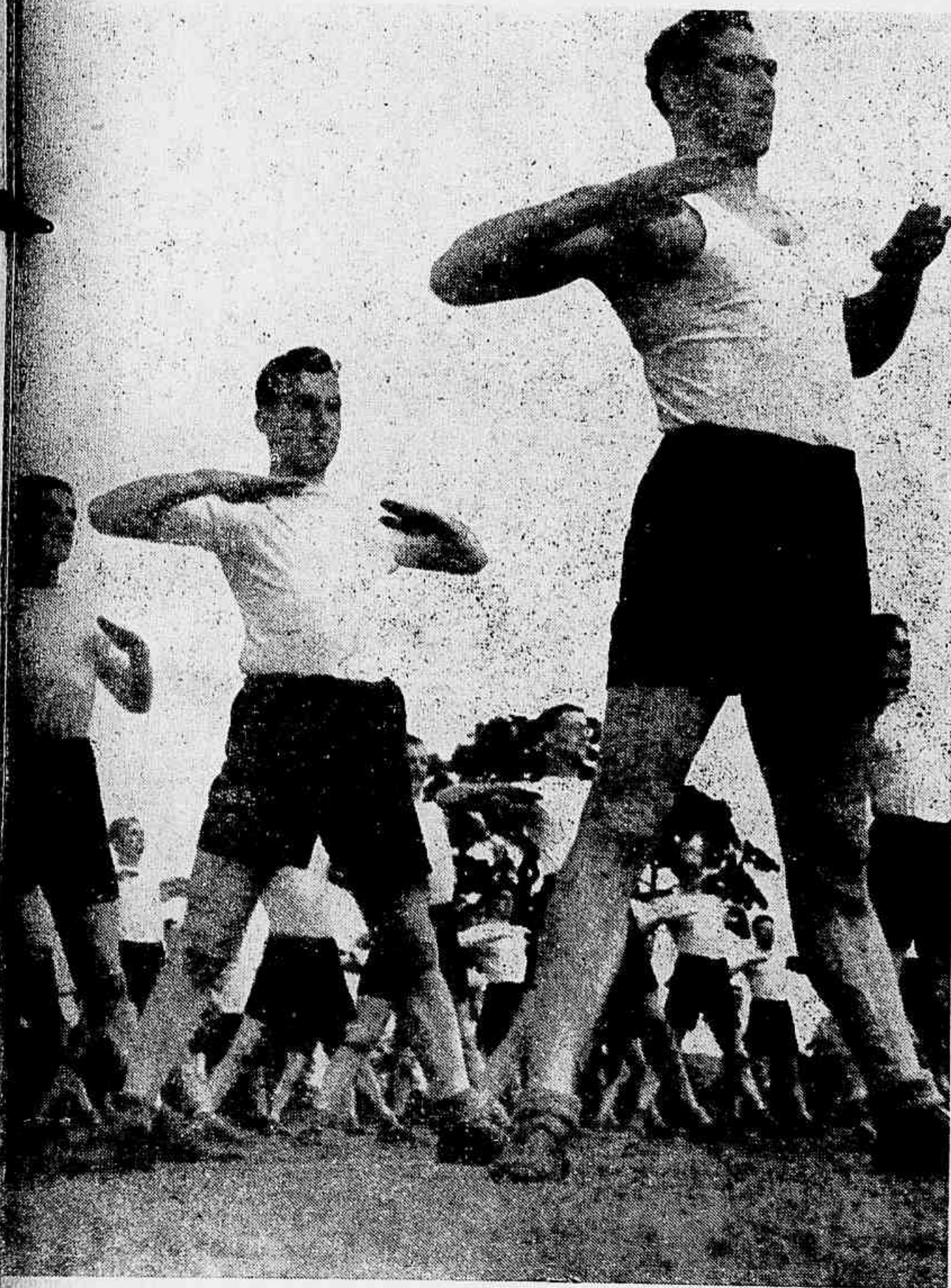




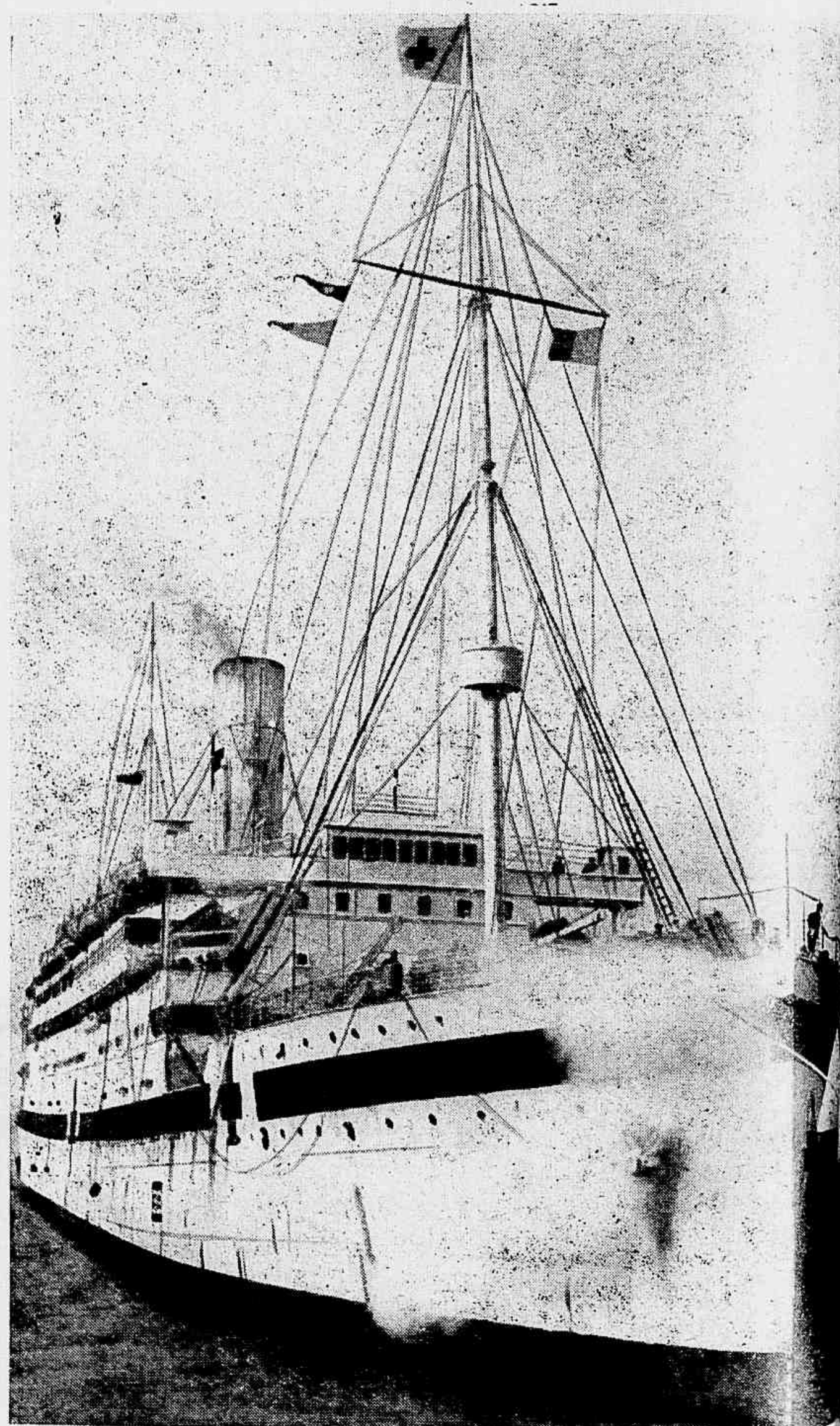
Um oficial médico fiscaliza o transporte de um ferido para a ambulância.



Hatfield House é um dos maiores edifícios transformados em hospital militar. Estes homens do Exército Britânico estão a caminho do restabelecimento completo.

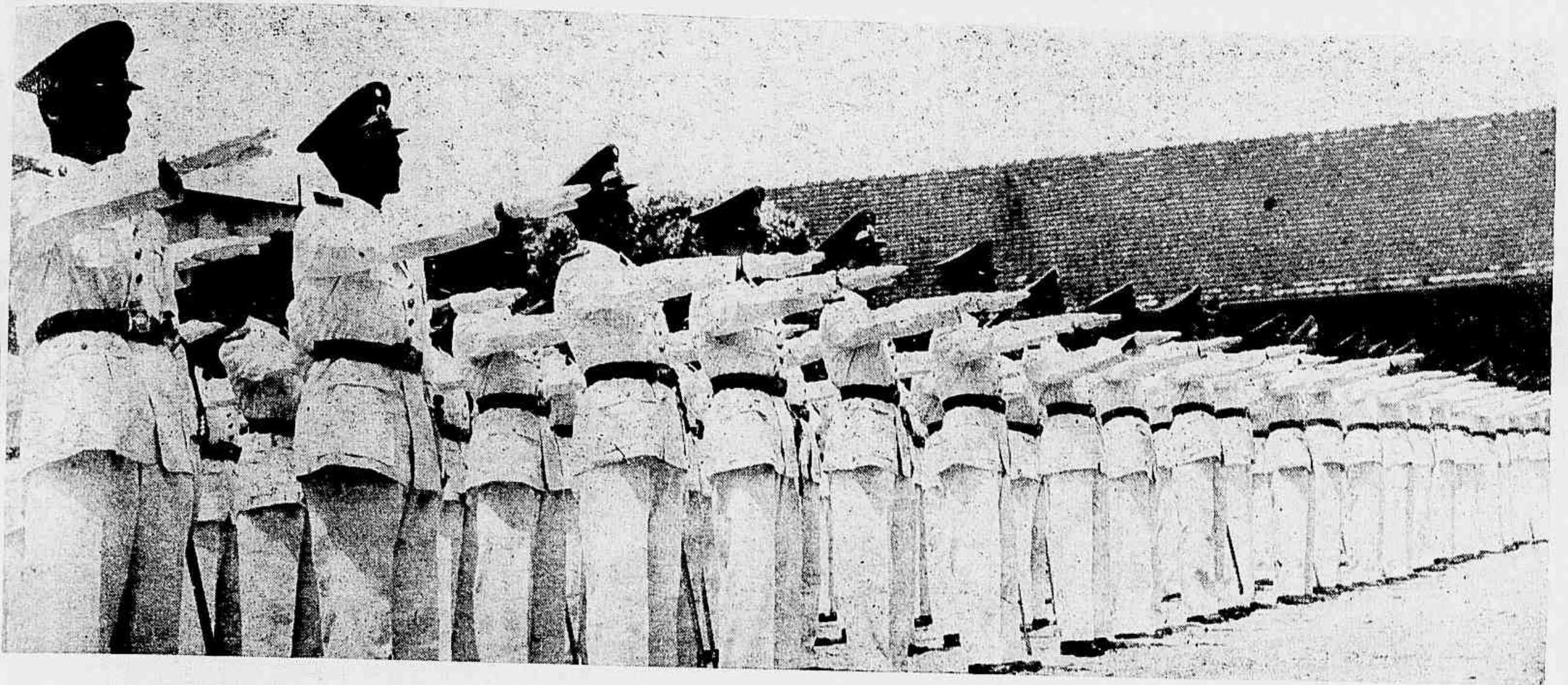


Muitos dos feridos restabelecem-se prontamente. Estes homens, que se encontram num dos maiores hospitais militares da Inglaterra, estão na última fase do restabelecimento completo.



Transporte para o lar. Usado para cruzeiros no Mediterrâneo, em tempos de paz, o "Atlantis" chega a salvo a Alexandria com a sua carga de feridos.

MAIS COMANDANTES PARA OS SOLDADOS DO BRASIL

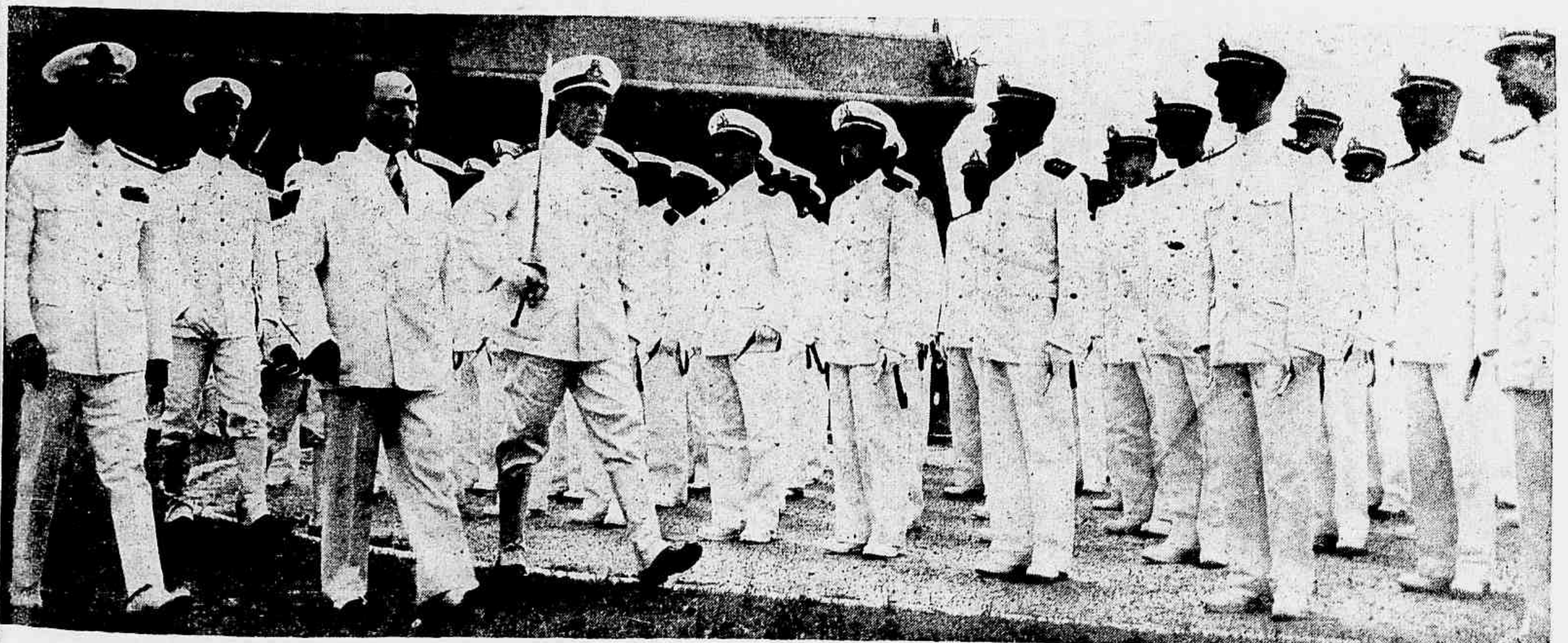


DUZENTOS
E NOVENTA
E CINCO
ASPIRANTES
DO EXÉRCITO.
CENTO E TRÊS
GUARDAS-
MARINHAS



Realizou-se a 8 do corrente na Escola Militar do Realengo a declaração dos novos aspirantes do exército, ato presidido pelo Chefe do Governo, assistido pelo Sr. ministro da Guerra, altas patentes militares e famílias.

Igual cerimonia teve lugar na Escola Naval a 11 cêste, para entrega das espadas aos novos guardas-marinhas, tambem sob a presidência do Sr. Presidente Getulio Vargas, assistido pelo Sr. ministro da Marinha, altas patentes navaes e elementos de nossa sociedade.



AUMENTEMOS A PRODUÇÃO DE CADA ACRE DE TERRA

Para que o mundo possa desfrutar de uma alimentação adequada, deve-se incrementar a produção de cada acre de terra.

Este aumento de produção deve dirigir-se especialmente aos alimentos que, tendo maior valor nutritivo, exigem entretanto maiores recursos da parte do agricultor.

As gravuras que apresentamos nesta página esclarecem o problema, mostrando a produção típica de um acre de terra. Se um fazendeiro nos Estados Unidos planta um acre de milho pode colher uma quantidade deste alimento contendo 2.861 calorias, ou seja o suficiente para alimentar um homem durante 954 dias (embora sua saúde possa sentir-se por falta de proteína, minerais e vitaminas em quantidade suficiente). Mas, se em lugar de vender o milho para o consumo direto dos homens ele o aproveita para a alimentação dos porcos,

para 34 em 1930. Mesmo hoje em dia a produção varia enormemente de um país para outro. A Holanda obtém os 44,2 alqueires em cada acre e os Estados Unidos apenas 13,5.

A produção pôde ser ainda muito melhorada pelo emprego intensivo dos processos científicos na agricultura, não somente para o trigo como para as cenouras, e outros legumes e cereais.

Apesar de ser limitada a quantidade de terra arável no mundo, nem toda ela está sendo cultivada.

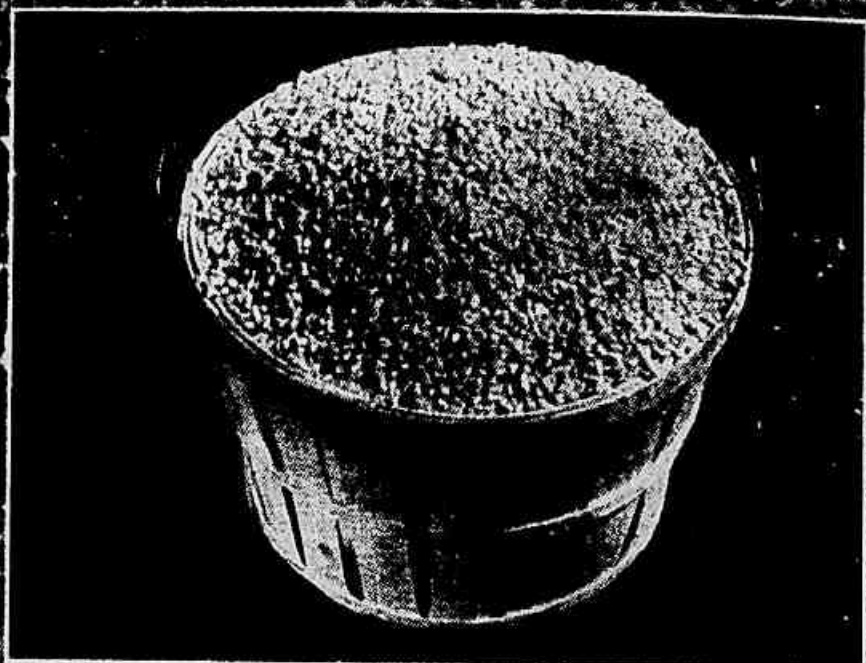
Atualmente são precisos 2,4 acres de terra cultivada para sustentar uma pessoa com o nível de vida médio. Isto é menos terra do que a que pode ser aproveitada sob o ponto de vista da agricultura, em muitos países populosos. (A Índia tem apenas 7/8 em cada acre de terra arável, para cada habitante).

Mas o algarismo "2,4 acres de terra arável" é baseado numa agricultura relativamente extravagante. Ninguém pode calcular exatamente o limite teórico; mas alguns agrobiologistas supõem que um acre de terra plantado com os mais eficientes alimentos pode sustentar 24 pessoas. Isto permitiria uma população mundial de 1.000.000.000.000 homens.

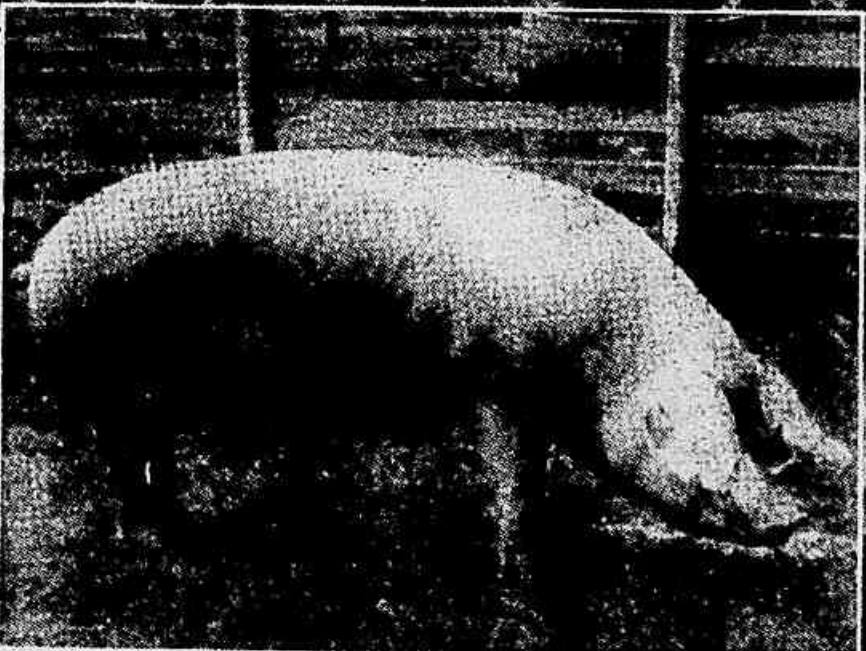
Mas apenas numa região fantástica poderia a humanidade constatar integralmente o fracasso das teorias de Malthus, quando a última parcela de proteína fosse arrancada do solo para alimentar a última boca.

Os meios principais de incremento à produtividade do solo são mostrados nas figuras abaixo. Eles são orientados para duas coisas: 1) tornar o solo o mais fértil possível 2) plantar a maior variedade dos melhores alimentos. A produção tem aumentado espetacularmente em diversas colheitas. Na última guerra por exemplo, o trigo Marquês, que tem um crescimento muito maior que as outras espécies, levantou enormemente o limite da produção canadense.

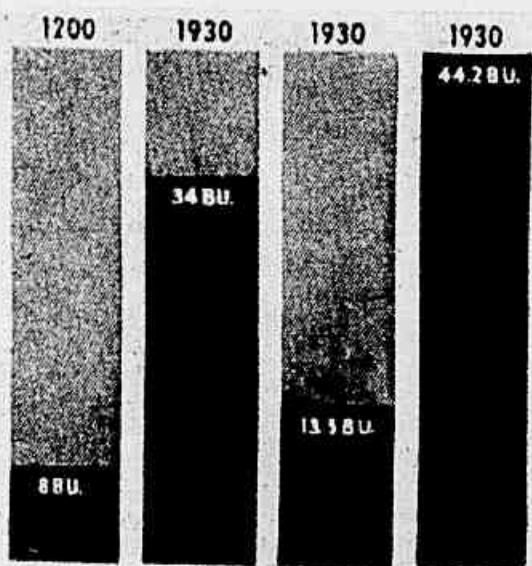
A Dinamarca é o exemplo de um país que coloca os seus problemas agrícolas numa base eficiente. No começo deste século, os Dinamarqueses sentindo que estavam perdendo seu mercado europeu de cereais, para os produtores mais fortes do hemisfério oriental, conseguiram com o auxílio de Cooperativas, equilibrar a economia do país — pela produção de leite, ovos, porcos, carne e vegetais. A ciência da agricultura foi empregada com a máxima eficiência. Como resultado disso a média da renda nas fazendas foi triplicada antes desta guerra.



Milho — 44,3 alqueires — 2.861.000 calorias — suficiente para sustentar um homem durante 954 dias.



Carne de porco: 308 libras — 500.000 calorias. Alimenta um homem durante 167 dias.



A produtividade de cada acre varia largamente de um país para outro.

poderá obter 308 libras de carne deste animal. Neste caso a produção de cada acre seria reduzida para 500.000 calorias. Isto proporcionaria uma alimentação melhor, que entretanto o sustentaria apenas por 167 dias em vez de 954.

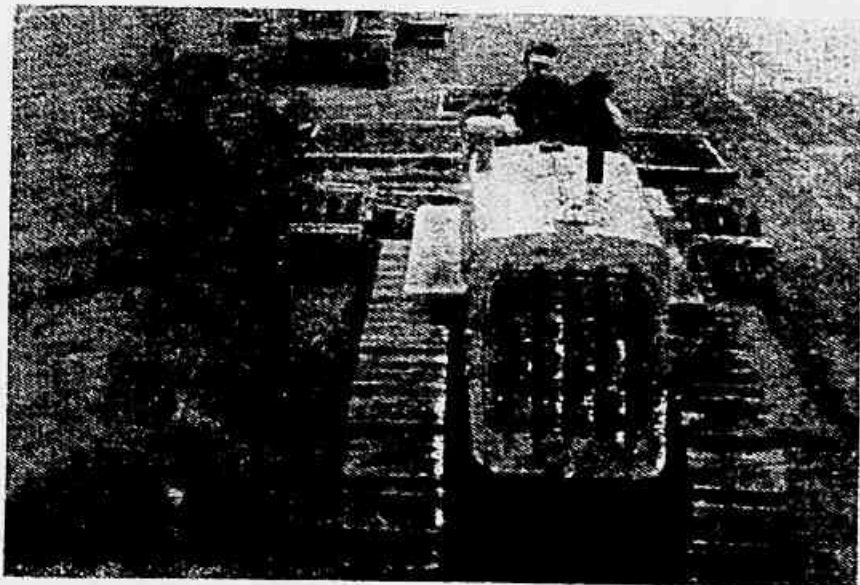
Se cada acre fosse usado para o sustento do gado, renderia apenas o suficiente para 16 dias.

Estes algarismos são baseados nas condições previsíveis para a agricultura nos Estados Unidos.

De um século para cá, a produção de cada acre foi aumentada muitas vezes.

Na Inglaterra, como podemos ver pelo gráfico acima, a produção de milho aumentou de 8 alqueires em 1200

Eis alguns meios para aumentar a produtividade da terra:



MECANIZAÇÃO — A produção de milho aumentou seis vezes de 1910 até hoje.



IRRIGAÇÃO — Somente nos Estados Unidos, tornou-se aproveitáveis 300.000 acres de terra desde 1900.



FERTILIZAÇÃO — Os fazendeiros da Carolina do Sul obtêm \$3.58 por cada dólar gasto na fertilização.

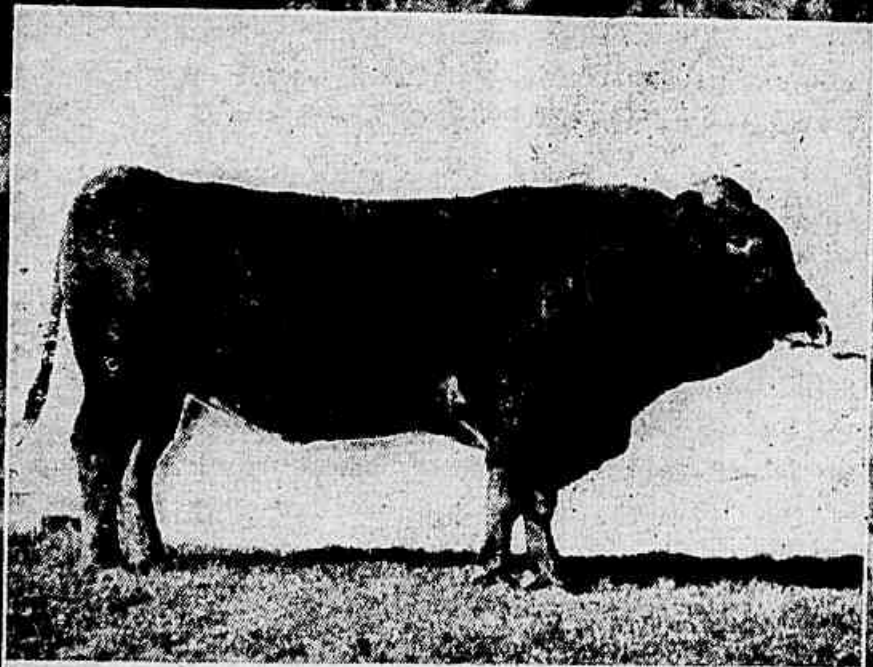
O que póde produzir um acre



Cenouras: 472 alqueires — 3.540.000 calorias — suficientes para sustentar um homem durante 1.180 dias.



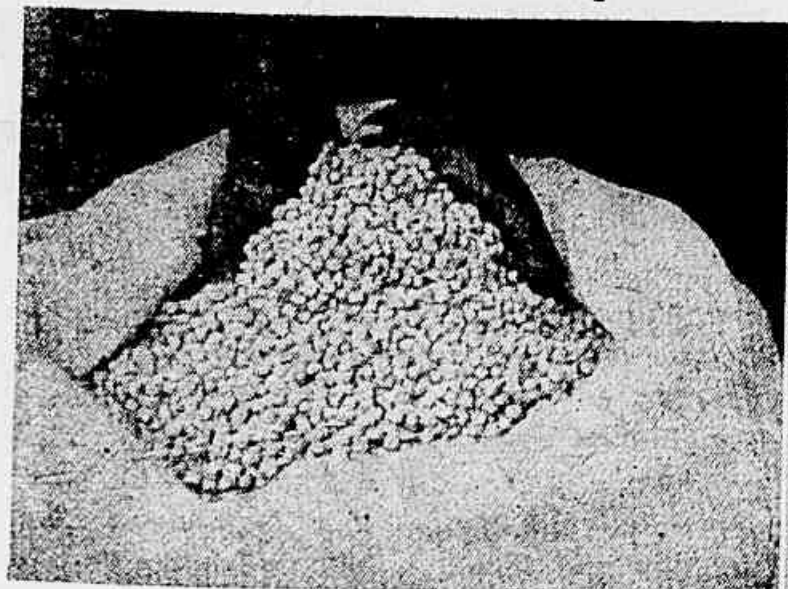
Vagens: 86 alqueires — 376.000 calorias. Sustentam um homem durante 125 dias.



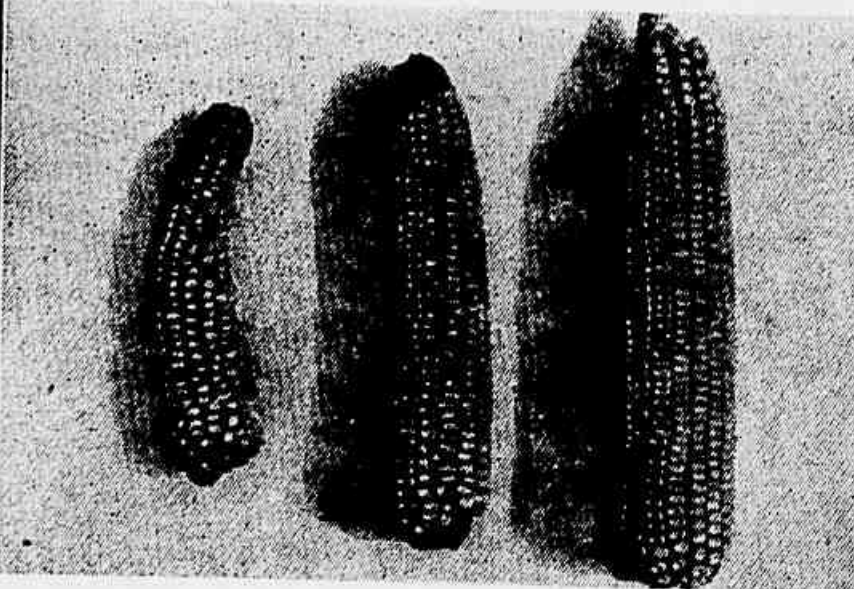
Carne de boi: 94 libras — 47.000 calorias. Alimenta um homem durante 16 dias.



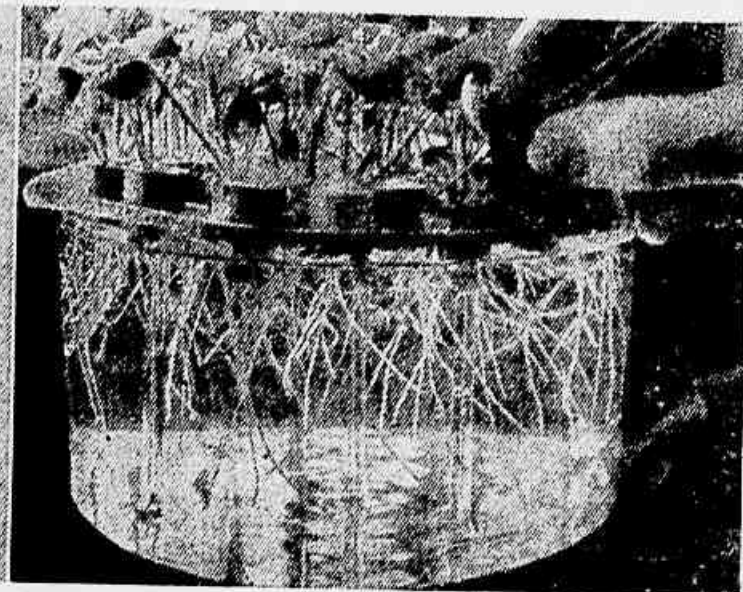
Ovos: 239 libras — 144.000 calorias. Alimentam um homem durante 93 dias.



NOVAS COLHEITAS—O feijão apresenta maior valor nutritivo em cada zere plantado do que qualquer outra colheita.



PLANTIO — No último ano foram acrescentados 629 milhões de alqueires na plantação de milho.



TECNICA — A cultura de plantas em soluções químicas é uma nova fronteira da agricultura a ser explorada.

Vitaminas e Alimentação

por
M. EVANGELINA

UM "MENU" PARA O GAROTO

Atendendo hoje ao pedido de uma leitera vou dar algumas receitas para meninos; sei que isto será útil a muita mamãe que, na hora da refeição do seu "baby", exgota todos os recursos de imaginação para distraí-lo e fazê-lo comer. Acontece porém que, muitas vezes, quando a criança faz manha é que já andou comendo biscoitos ou chupando balas; a primeira coisa a fazer em tais casos é evitar que o seu garoto coma qualquer gulodice entre as refeições, pois está claro que a sua inapetência não é mais do que...estômago saciado. Outra causa pôde ser doença; nesse caso o medico resolve. A causa porém mais comum da falta de apetite das crianças é a repetição diária do "menu". Com a preocupação moderna das "vitaminas", as snras. mães obrigam a criança a uma refeição diária de cenouras, tomates, caldo de laranja, etc... sem ter a preocupação de variar ao menos a maneira de preparar tais vitaminas; sobretudo elas nem procuram saber quais as vitaminas mais necessárias ao seu filho, que pôde bem ter uma insuficiência organica qualquer. Ha uma maneira pratica de conhecer as vitaminas e classificá-las numa nomenclatura mais ao alcance das mães que se interessam pela robustez dos seus filhos.



Vitamina A — obtem-se nos vegetais ou frutas amarelos ou verdes: Abóbora, cenouras, milho amarelo, vagens, espinafres, ervilhas, batata doce, etc.

Vitamina C — Laranjas, limões, "grape-fruit", tomates, couve-crua. Poucos alimentos tem a vitamina C e no entanto precisamos dela todos os dias; auxilia o adolescente a crescer normalmente e conservar o vigor da mocidade; ajuda a evitar a fadiga a infeção, a ter dentes fortes e gengivas saudáveis.

Ha alimentos que combinados dão as três principais vitaminas: A, B, C. Damos a seguir algumas receitas praticas que ajudará as mães a confeccionarem o "menu" dos seus garotos.

"MENU" INFANTIL

2 a 5 anos

Almoço

Sopa de peixe.

Miolo de carneiro com "purê" de espinafres.

Frutas com creme.

SOPA DE PEIXE — Limpe bem o peixe e ponha-o a ferver em 1 1/2 l. de agua, até espumar acrescentando 1 cenoura, 1 nabo, 2 tomates, deixe ferver 1 hora, coe em peneira, amassando para que largue toda a substancia dos vegetaes, junte o arroz que cozinhará em 20'. Na hora de servir ponha umas gotas de limão e salsa picada bem fina.

MIOLO — Ferva o miolo em agua e sal durante 5', ferva á parte espinafres, passe-os pela peneira até escorrer toda a agua, passe na manteiga até dourar e junte-lhe uma colher de leite com uma colherinha de maizena e sal. O miolo parta em dois, passe em ovo, farinha de pão e frite em azeite.

FRUTAS COM CREME — Pique 1 banana, 1 maçã (ou pera). Faça um "glacé" com a clara de 1 ovo, 1 colher cheia de açúcar, umas gotas de limão e 1 pitada de baunilha. Ponha o creme sobre as frutas e sirva.

Oportunamente daremos novas receitas para os guris.

A Missa das

De ANATOLE FRANCE

Eis o que o sacristão da igreja de Santa Eulália, em Neuville-Aumont, me contou sob a latada do Cavalo Branco, por uma bela noite de verão, bebendo uma garrafa de vinho velho à saúde de um morto muito a seu cômodo, que, naquela manhãzinha mesma, êle levava ao tumulo com todas as honras, sob um pano esmaltado de belas lágrimas de prata.

— Meu finado pai (é o sacristão quem fala) foi em vida coveiro. Tinha um espírito agradável, e isso derivava, sem duvida, de sua profissão, pois já se notou que as pessoas que trabalham nos cemitérios são de humor jovial. A morte não os assusta; não vivem a pensar nela. Eu que lhe falo, meu senhor, entro num cemitério, de noite, tão tranquilamente como sob a latada do Cavalo Branco. E si, por acaso, encontro um fantasma, não me inquieto com isso, considerando que êle pode muito bem estar tratando de seus negócios, assim como trato dos meus. Conheço os hábitos dos mortos e seu caráter. Sei a respeito coisas que nem os padres sabem. E si contasse tudo o que já vi o senhor haveria de espantar-se. Mas nem todas as verdades devem ser ditas e meu pai, que no entanto gostava de contar histórias, não revelou a vigésima parte do que sabia. Em compensação repetia com frequência os mesmos relatos, e narrou bem umas cem vezes a aventura de Catarina Fontaine.

Catarina Fontaine era uma velha solteirona que êle se recordava de ter visto quando menino. Não me espantaria que ainda houvesse na região dois ou três velhos que se lembrem de ter ouvido falar a seu respeito, pois era bem conhecida e de bom nome, embora pobre. Habitava no canto da rua das Freiras, na torre que o senhor ainda pode ver e que depende de um antigo hotel meio destruido que olha para o jardim das Ursulinas. Há nessa torre figuras e inscrições meio apagadas. O finado cura de Santa Eulália, M. Levasseur, garantia que aí está escrito em latim "o amor mais forte que a morte". O que, é claro, acrescentava, diz respeito ao amor divino.

Catarina Fontaine vivia sozinha nêsse pequeno cômodo. Era rendeira. O senhor sabe que as rendas de nossa região eram outrora bastante afamadas. Não lhe conheciam nem parentes nem amigos. Diziam que aos dezoito anos amara o jovem cavaleiro de Aumont-Cléry, de quem ficara secretamente noiva. Mas as pessoas de bem nada queriam acreditar dessa história, e diziam tratar-se de um conto que fôra imaginado, porque Catarina Fontaine tinha um ar mais de dama que de operária, porque conservava, debaixo dos cabelos brancos, os vestígios de uma grande beleza, porque tinha um aspecto triste e porque lhe viam num dos dedos um dêsses anéis sobre o qual o ourives pôs duas pequenas mãos entrelaçadas e que era costume, no tempo antigo, presentear-se por ocasião do noivado. Daquí a pouco o senhor saberá o que era.

Catarina Fontaine vivia santamente. Frequentava as igrejas e, cada manhã, qualquer que fosse o tempo, ia ouvir a missa de seis horas em Santa Eulália.

Ora, uma noite de dezembro, quando ainda estava deitada em seu quarto, despertou-a o som dos sinos; certa de que anunciavam a primeira missa, a piedosa criatura vestiu-se e desceu à rua, onde a noite era tão escura que não se viam as casas e que não se mostrava uma só luz no céu negro. E havia um tal silêncio nessas trevas que nem um cão latia ao longe e a unica coisa que se sentia era uma completa separação de toda creatura viva. Mas Catarina Fontaine, que conhecia cada pedra onde punha o pé e que teria podido ir à igreja de olhos fechados, chegou sem dificuldade ao canto da rua das Freiras e da rua da Paróquia, aí onde se ergue a casa de madeira que trás uma árvore de Jessé esculpida em grossa trave. Chegaca a êste ponto, ela viu que as portas da igreja estavam abertas e que daí partia uma grande claridade de círios. Continuou a caminhar e, tendo transposto o pórtico, achou-se em meio de um numeroso ajuntamento que enchia a igreja. No entanto ela não reconhecia nenhum dos assistentes e surpreendia-se de ver todas essas pessoas vestidas de veludo e brocado, com plumas no chapéu e trazendo a espada à moda do tempo antigo. Havia senhores que seguravam longas bengalas de pomo de ouro e damas com coifa de renda presa ao cabelo por um pente de diadema. Cavaleiros de S. Luiz davam a mão a essas damas que escondiam sob o leque um rosto pintado, mostrando apenas as têmporas empoadas e uma mosca no canto dos olhos! E todos iam se colocar em seus lugares sem nenhum ruido, e nem sequer se ouvia, quando andavam, o som dos passos nas lages ou o roçar dos vestidos. As naves enchiam-se de uma multidão de jovens operários, de vestes cinzentas, calça de fustão e meias azues, que traziam enlaçadas belas moças de olhos baixos. E perto dos batistérios, camponesas de saia vermelha, de blusa de laço, sentavam-se por terra com a tranquilidade de animais domésticos, enquanto de pé, por trás delas, rapagões abriam grandes olhos rodando entre os dedos seu chapéu. E todos êsses rostos silenciosos pareciam eternizados no mesmo pensamento, doce e triste. Ajoelhada em seu lugar costumeiro, Catarina Fontaine viu o padre adiantar-se para o altar, precedido de dois acólitos. Não reconheceu nem o padre nem os sacristães. Começou a missa. Era uma missa silenciosa, onde não se ouvia o som dos lábios que se moviam, nem o tilintar da sineta inutilmente agitada. Catarina Fontaine sentia-se sob as vistas e sob a influência de seu vizinho misterioso e, tendo-o olhado sem quasi virar o rosto, reconheceu o cavaleiro de Aumont-Cléry, que a amara e que estava morto havia quarenta e cinco anos. Reconheceu-o graças a um pequeno sinal que tinha sob a orelha esquerda e sobretudo graças

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

Numeros atrasados desta
revista na Bahia

Pedir a ALFREDO J. SOUZA
Rua do Colegio, 8 — Salvador

S o m b r a s

à sombra que seus longos cílios negros faziam sobre a face. Vestia um traje de caça, vermelho, com galões de ouro, que trazia no mesmo dia em que, tendo-a encontrado no bosque de S. Leonardo, pedira-lhe a beber e tomara-lhe um beijo. Conservara sua mocidade e seu bom aspecto. O sorriso mostrava-lhe ainda os dentes de jovem lobo. Catarina disse-lhe baixinho:

— Meu senhor, que fostes meu amigo e a quem dei outrora o que uma donzela tem de mais caro, Deus vos tenha em sua graça! Possa êle inspirar-me enfim o remorso do pecado que convosco cometi; pois é verdade que de cabelos brancos e perto de morrer ainda não me arrependo de vos ter amado. Mas, amigo finado, meu belo senhor, digei-me quem são essas criaturas vestidas à moda antiga que aqui ouvem essa missa silenciosa.

O cavaleiro de Aumont-Cléry respondeu numa voz mais fraca que um sopro e, contudo, mais clara que o cristal:

— Catarina, êsses homens e essas mulheres são almas do purgatório que ofenderam a Deus pecando como nós pelo amor das criaturas, mas que nem por isso estão apartadas de Deus, porque seu pecado foi como o nosso sem má-fé.

Enquanto, separados do que amaram na terra, purificam-se no fogo lustral do purgatório, sofrem os males da ausência e este sofrimento é para êles o mais cruel. Tão incômodos são que um anjo do céu se apieda de sua pena de amor. Com a permissão de Deus, reúne cada ano, durante uma hora da noite, o amigo à amiga em sua igreja paroquial, onde lhes é permitido ouvir a missa das sombras de mãos dadas. Tal é a verdade. Si me foi dado ver-te aqui antes da tua morte, Catarina, é uma coisa que só se realiza com a permissão de Deus.

E Catarina Fontaine lhe respondeu:

— Bem quisera morrer para tornar a ser bela como nos dias em que, meu defunto senhor, eu te dava a beber na floresta.

Enquanto assim falavam baixinho, um conego muito velho fazia a coleta e apresentava um grande prato de cobre aos assistentes que nele deixavam cair, cada um de per si, antigas moedas que não têm mais curso em nosso tempo: escudos de seis libras, florins, ducados, jacobus, e as peças caíam em silêncio. Quando o prato de cobre lhe foi apresentado, o cavaleiro jogou-lhe um luiz que tão pouco retiniu como as outras peças de ouro e prata.

Depois o velho conego se deteve diante de Catarina Fontaine, que remexeu em sua bolsa sem encontrar um vintem. Então, não querendo recusar sua oferta, retirou do dedo o anel que o cavaleiro lhe dera na véspera de morrer e lançou-o no prato de cobre. O anel de ouro, caindo, soou como um pesado batente de sino e, ao ruído retumbante que produziu, o cavaleiro, o conego, o celebrante, os sacristães, as damas, os cavaleiros, a assistência inteira evaporou-se; os círios se extinguíram e Catarina Fontaine ficou sozinha no meio das trevas.

Tendo finalizado desse modo sua história, o sacristão bebeu um grande gole de vinho, permaneceu um momento pensativo e depois reatou o fio nesses termos:

— Conte-lhe esta história tal como meu pai a contou muitas vezes, e creio ser verdadeira porque é conforme a tudo que observei dos costumes particulares aos finados. Muito conversei os mortos desde minha infância e sei que têm o hábito de voltar a seus amores.

E' assim que os mortos avarentos vagueiam, à noite, perto dos tesouros que ocul-taram em vida. Fazem boa guarda em torno do seu ouro; mas os cuidados que tomam, longe de lhes servirem, voltam-se contra êles, e não é raro descobrir dinheiro enterrado, cavando no lugar visitado por um fantasma. Assim também os maridos defuntos vêm atormentar, à noite, suas viúvas que tornaram a casar-se, e eu poderia citar diversos que depois de mortos, guardaram melhor suas esposas do que quando vivos.

Estes são passíveis de censura, pois, em boa justiça, os defuntos não deviam ser ciumentos. Mas conte-lhe apenas o que tenho observado. E' por isso que se deve tomar cuidado ao desposar uma viúva. Aliás a história que lhe contei ficou provada da seguinte maneira:

De manhã, após essa noite extraordinária, Catarina Fontaine foi encontrada morta em seu quarto. E o zelador de Santa Eulália encontrou no prato de cobre que servia à coleta um anel de ouro com duas mãos enlaçadas. Aliás não sou homem que invente histórias a troco de nada. Que tal si pedíssemos outra garrafa de vinho?...

ANIVERSARIOS DA SEMANA

22 — Sra. Virginia Magalhães de Alencar Stas, Stella de Araújo Lima e Crenilda dos Santos. Srs. Dr. Vicente Saboya, Carlos de Moura Fontes, Dr. Vicente Norberto da Cruz Guanabarro, Dr. Barbosa Lima Sobrinho, Dr. Jader Medeiros.

23 — Sras. D. Zulmira Lima Ribeiro, Condessa de Normand Pecantet; Rosendo do Carmo; Senhorinha da Casa Forte, Senhorinha Maria José dos Reis e Senhorinha Dulce Mendes. Srs. desembargador Galdino Siqueira, Dr. Moacyr Alves do Valle, José Mendes da Costa Junior e Viriato Corrêa.

24 — Senhoritas Vera Castelo Branco e Maria de Lourdes Sodré Viveiros

de Castro; Srs. Dr. Alvaro de Tellé; gen. I João Lopes de Oliveira Lyrio.

25 — Dr. Guilherme Guile, Dr. Fernando Vidal Leite Ribeiro, almirante Virgílio de Lamare, Dr. Mario Lopes de Castro, ministro Waldemar F. Leão, Dr. Renato de Paula.

26 — Sras. D. Marietta de Souza Carvalho, Stella D. de Souza Senna; Srs. Dr. Eugênio Macedo Torres, Dr. Paulo José Pires Brandão, Dr. Israel de Carvalho Camara.

27 — Sra. D. Carmelita Wachneldt; Srs. Dr. José Barroso, conego Angelo Rezende, João Chrysostomo Brasileiro.

28 — Senhora D. Norat Pires Ferreira, Senhorinha Haydée Ottolini; Srs. Dr. João Nogueira Penido, Dr. José Linhares e Adonai de Medeiros.

NOTICIARIO ELEGANTE



NA ALTA SOCIEDADE CARIOCA — Enlace da senhorita Cléia Alves da Silva, com o Sr. Francisco Manoel Duarte de Castro Araújo. A noiva é filha do Dr. Dario Ferreira da Silva e de sua esposa d. Aldira Alves e o noivo filho do general Castro Araújo; a cerimônia civil realizou-se na residência dos pais da noiva, na Urea, e a religiosa na Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema.



ENLACE LAMATABOIS-ALVES — Realizou-se em Salvador (Bahia), em dezembro p. p., o enlace do Sr. Antonio Macuco Alves com a Srta. Maria Helena Gordilho Lamatabois. O noivo, é filho do Sr. Adelino Alves e da Sra. Alice Macuco Alves, residentes em S. Paulo, e a noiva, da sociedade baiana, é filha do Sr. Julio Lamatabois. A cerimônia realizou-se no palacete Correia Ribeiro, sendo depois oferecida uma recepção, presentes as figuras mais representativas do mundo baiano. Na cerimônia civil, testemunharam, pela noiva, os Srs. dr. Benvenuto Botelho da Silva, Carlos Correia Ribeiro e d. Alina Correia Ribeiro; pelo noivo, dr. Reinaldo Gordilho da Silva, dr. Sebastião Paes de Almeida, sr. Nicolau Scarpa Junior e Waldomiro Macuco Vasconcelos. No religioso foram padrinhos: da noiva, o Sr. Adelino Alves e Sra. Alice Macuco Alves; do noivo, o sr. Julio Lamatabois e sra. Aida Gordilho Lamatabois. Os recém-casados ficarão residindo em S. Paulo.

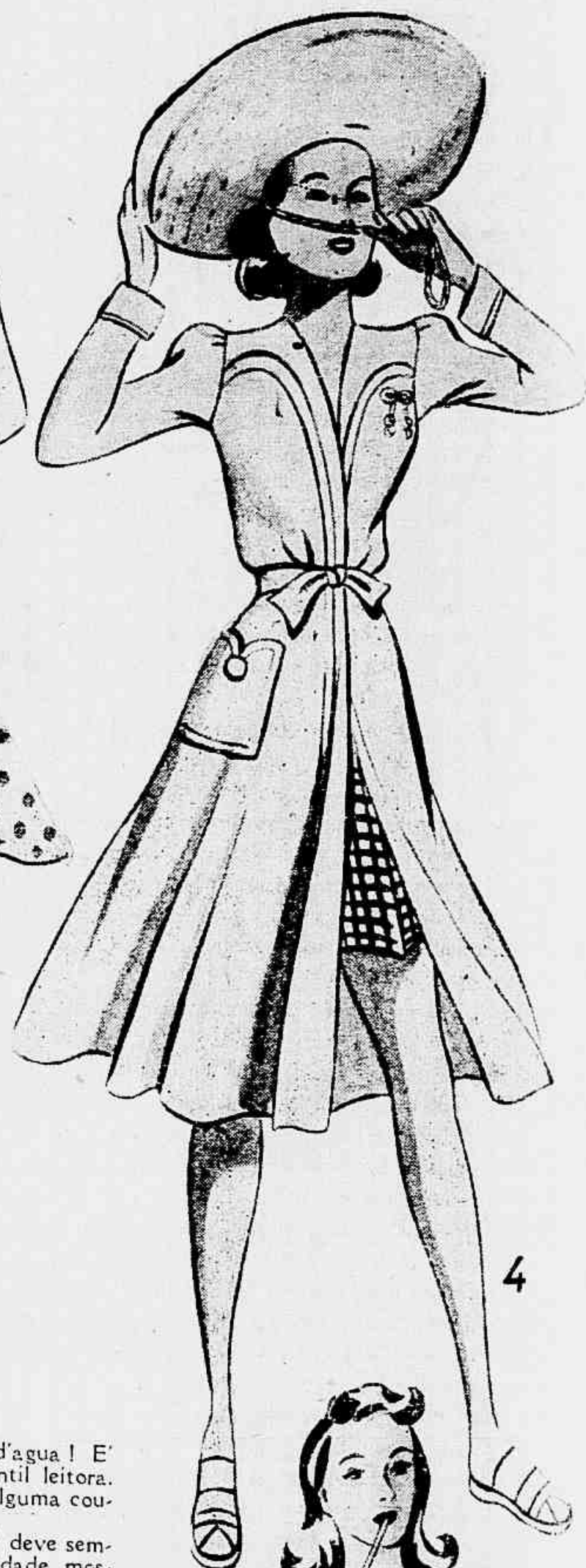
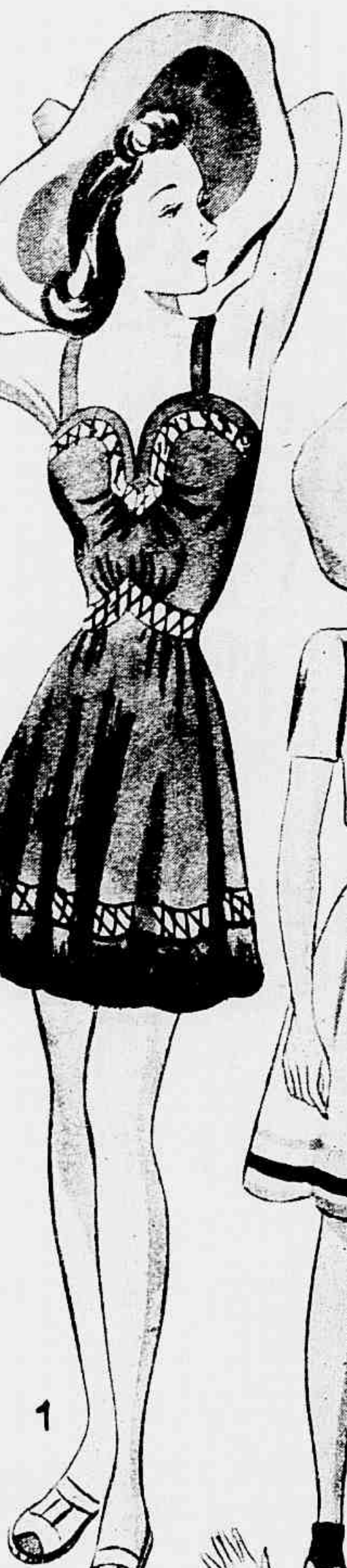


SRTA. YEDA NAVARRO — Flagrante apanhado no Instituto de Educação, em dezembro último, quando o Sr. Presidente Getúlio Vargas entregava o diploma à Srta. Yeda Navarro, filha do casal Alceu Navarro, primeira aluna da turma de 1943. Portadora de uma cultura vasta, realmente profunda, Yeda Navarro brilhou durante todo o curso e por fim recebeu, com aplausos gerais, o justo prêmio a seus méritos invulgares.

O que se usa na praia

1 — Saia praiana sobre o "maillot", cor de havana, com enfeite de calção escocês.

2 — Conjunto short listrado e peignoir cor de areia enfeitado com a faixa listrada.



Elegante até debaixo d'água! É isso o que você deve ser, gentil leitora. e para ajudá-la aí tem você alguma coisa bastante sugestiva.

A moça de "boas raízes" deve sempre e em qualquer oportunidade mostrar que tem bom gosto, senso de medida e inteligência de esteta, isto é o sentido da beleza. Use na praia roupas frescas, mangas "invisíveis", curtas, mas bem decentes e bem arranjadas. Não dispense sandália de praia, ou a "saída de banho" para usar sobre o "maillot"; mas cuidado, não vá confundir estes vestidinhos ligeiros, sem mangas, grandes decotes, etc. com o feitiço a ser usado para a cidade.

Você já reparou, na rua do Ouvidor, como ha moças que estão vestidas qual se estivessem nas praias ou nos campos? Faça a diferença e você estará sempre correta, como quem sabe o que se deve usar e onde.

3 — "Short" branco com a blusa de "pois", drapeada, saia "godet" de "pois", toda abotoada, para ser usada por cima do "short".

4 — Elegante saída de praia em flanela branca; um bolso.

5 — O "short" já descrito para ser usado com a saia "godet", enfeitada do mesmo quadriculado.

6 — "Tussor" estampado.

7 — Linho branco com "pois" vermelhos, grande faixa de cores vivas, sandálias vermelho e branco.



BELEZA E AMOR

DOROTHY LAMOUR (PARAMOUNT)

NO TEATRO DA MODA por WALLY

STENDHAL tem sobre o amor algumas considerações interessantes; mas, como todo psicólogo, dogmatista e generalista, o que é um grande erro.

Contudo é divertido e algo instrutivo seguir os pensamentos do mestre. Em um trecho de certo capítulo exclama assim: O teatro é o pedestal das mulheres!... E o que é a vida, senão um grande teatro? As mulheres têm portanto, como seu pedestal, o mundo.

"O amor como expressão externa e vaga, amor vaidade, amor decorativo, ninguém mais apto a inspirá-lo do que a gente do teatro. A atriz vista sob a luz das ribaltas, nas características de novas personagens românticas, dá sempre a impressão de ser ela mesma cada dia uma nova personalidade". Mulher múltipla — afirma Stendhal. E esta é a vantagem melhor para o homem, cuja volubilidade se satisfaz com qualquer "camouflage".

O Barão de Bottmer em suas memórias contava que, nos primeiros anos de sua mocidade, entusiasta da tragédia francesa, quando tinha a fortuna de ceiar com Melle. Olivier, surpreendia-se a todo instante, o coração cheio de receio e respeito, pensando falar com uma rainha, e junto dela nunca conseguia saber se estava enamorado de uma rainha ou de uma bela cortezã. Ainda Stendhal afirma: "As mulheres extremamente bonitas surpreendem menos no segundo dia". Seu valor é apenas decorativo e, como é bem visível, podem impressionar facilmente os tolos, os príncipes e os milionários.

A impressão que a beleza causa a um homem de espírito se desvanece logo, quando não tem a mantê-la outras virtudes íntimas. Uma criatura apenas decorativa far-lhe-ia a impressão de um objeto de colecionador.

"A alma dotada de imaginação, não precisa ver beleza onde ela só exige ternura e carinho".

"A presença todas as noites de uma dançarina bonita, chama forçosamente a atenção dos espíritos exgotados ou despiciões de imaginação, que guarnecem as platéias.

Criaturas há que mudam de amores como mudam de roupa e no entanto estão "sempre apaixonadas" e o novo amor é sempre o maior.

Outras deixam-se prender como inseto em teia de aranha, sem que possam explicar a razão desse terrível acidente. Aliás Pascal já disse: "O coração tem razões que a Razão desconhece". Eis a verdade nua.

E' o caso da nobre Wilhelmina, refratária às galanterias cortezãs e que se deixa envolver malficadamente pelo amor do belo Hermann capitão da guarda real, por quem se apaixonou em menos de meia hora, confessando ela mesma a uma amiga "ele num simples quarto de hora se me tornou tão querido

que me foi impossível querer-lhe mais depois". Na verdade, aquela trágica paixão levou-a à morte. Morreu envenenada e nunca se soube ao certo se por ela mesma ou pelo amante. Desse jovem comentou o histeriador: Tudo o que pudemos notar é que dançava muito bem, era folgazão, resoluto, um ar de bondade espalhado no rosto e vivia em companhia de cortezãs; não era nobre nem rico.

Contudo logrou ser amado até à morte por uma criatura excepcionalmente bela e excepcionalmente virtuosa, rica e nobre.

O amor foi bem simbolizado pelos gregos: um menino lindo e robusto com o seu caracé de flexas, armas que ele naturalmente emprega como simples objetos de divertimento.

Os Harveys e os Littrés da psicologia, que pretendem fazer a anatomia do amor, não são menos pretensiosos do que os antropometristas que pretendem arranjar um cânon para a beleza.

A psicologia do amor, como a matemática ou a anatomia da Beleza, falham sempre e gravemente.

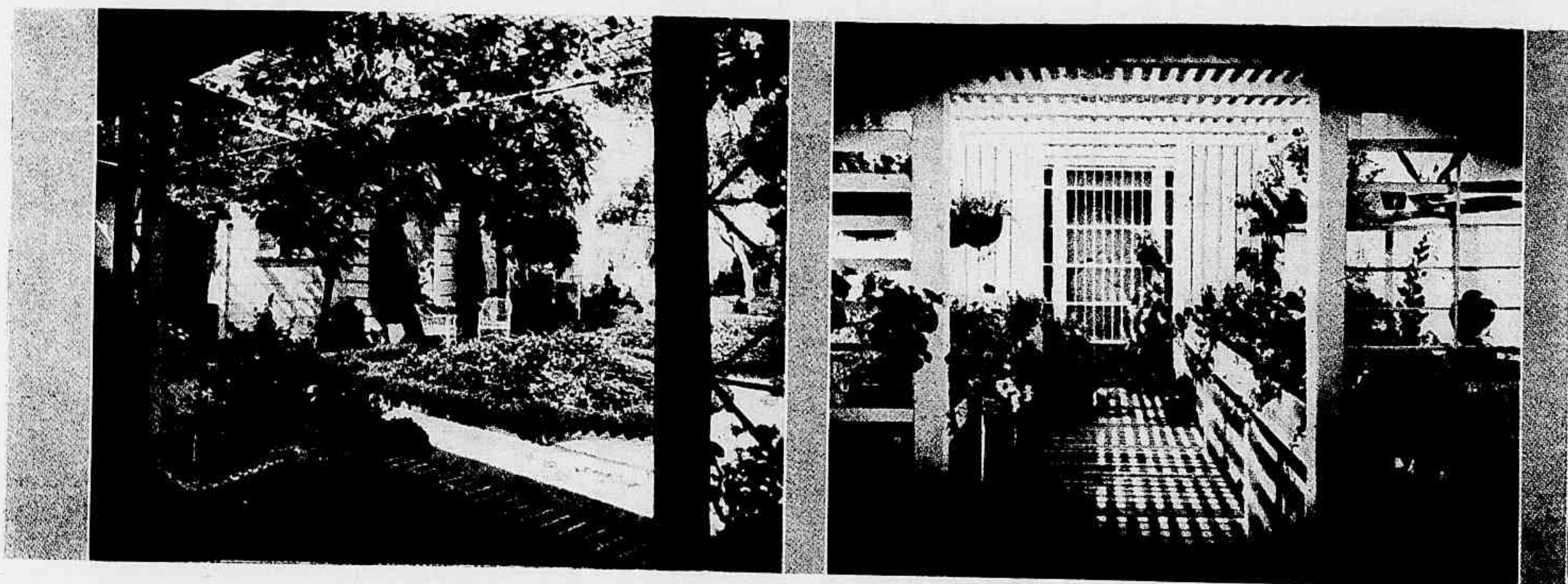
O amor e a beleza tal como o espírito divino, estão em toda parte.

A sábia experiência popular diz acertadamente:

"Quem ama o feio bonito lhe parece".



Aqui está um maravilhoso pátio empedrado; toda a extensão do círculo ao seu redor foi aproveitada com canteiros altos, renques e tanques; por fora do pequeno muro de madeira, arbustos e árvores. A soalheira do nosso verão tem aqui um oásis.



Dois pequenos jardins. Um deles não é mais do que um terraço, aproveitado com muito gosto, onde o florescer de plantas variadas põe uma nota de alegria e perfume no interior.

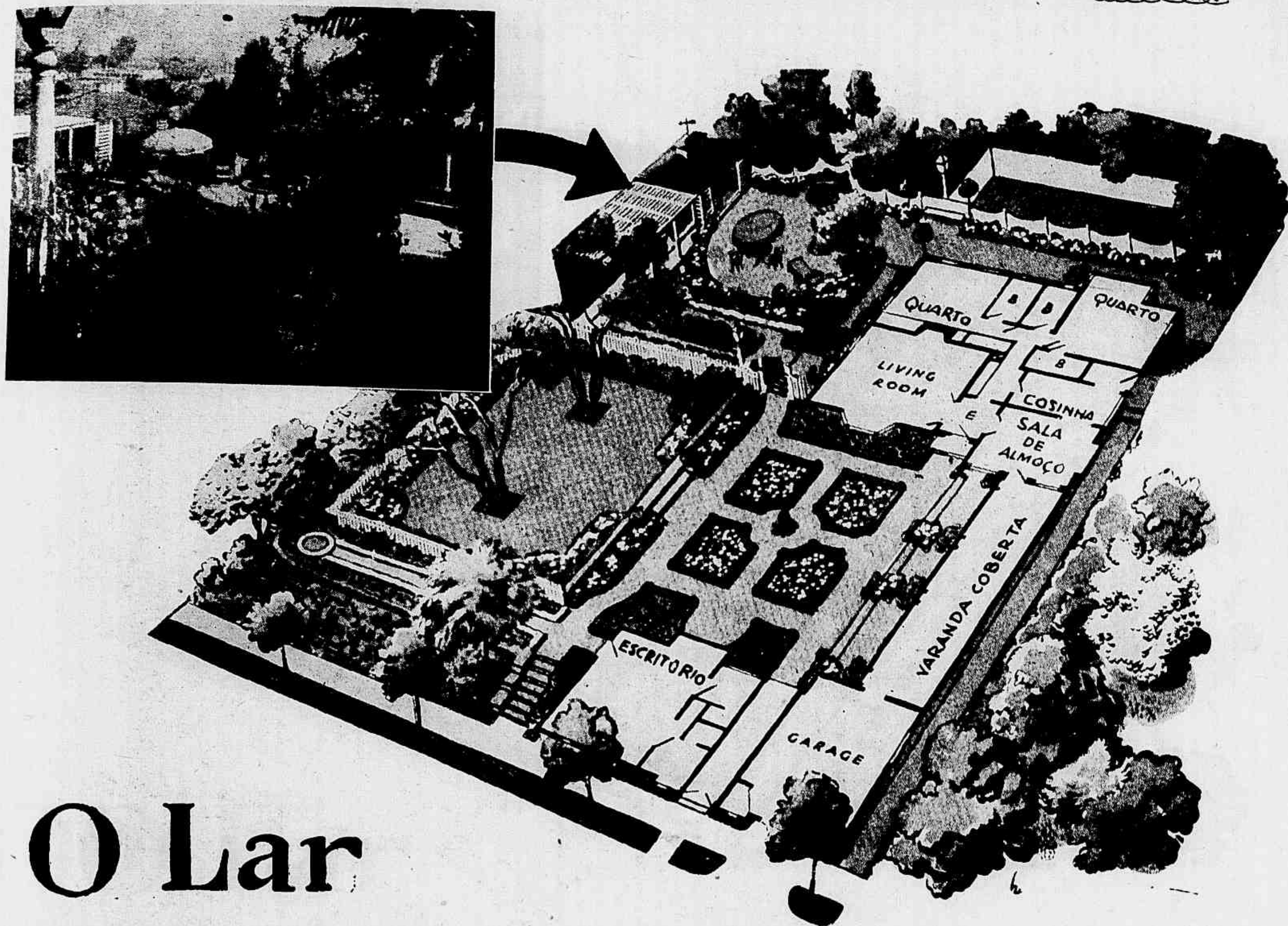
MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
 MARCA

UNES
 REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67
 NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



O Lar PARQUES E JARDINS

Os parques e jardins são um oásis, sobretudo nos climas tropicais. Quando o sol de verão começa a espalhar a canícula, nada é tão agradável como um pedaço de jardim, onde as plantas dão a sensação de frescura de que necessitamos.

Nas grandes cidades, onde o aglomerado humano vai transformando cada pedaço de terra numa pilha de gaiolas para gente, que o humor carioca batizou acertadamente de "apartamento", o parque é um sonho de nababo, e o pedaço de jardim não deixa de ser quase um milagre de engenho e inteligência. Existem criaturas nas quais o desejo de conforto é instintivo; e entre as coisas que dão conforto colocam essa necessidade de um jardim. Assim sendo elas aproveitam inteligentemente qualquer espaço onde possa florescer uma planta.

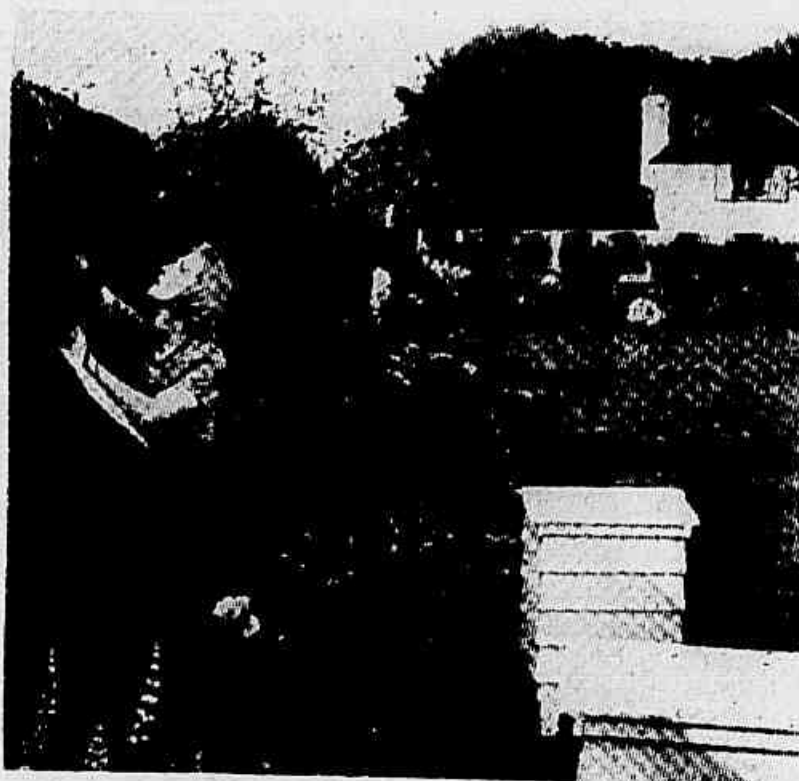
O terraço do apartamento pôde ter uma trepadeira, umas flores, alguns arbustos pequenos em vasos e tinas: esse arranjo simples dará frescura ao ambiente; além do que, já sabemos que a planta tem o poder de purificar o ar absorvendo o carbono.

Um velho pátio pode ser transformado num recanto ajardinado: será ali um oásis lindo e agradável para os de casa e para a merenda com os amigos: uma hora de leitura, ou de palestra à sombra de uns arbustos, entre flores, é mais repousante.

E' pena que, num país tão extenso, sejam os brasileiros tão pobres de parques e jardins particulares;

tudo quanto a natureza lhes oferece em abundância eles o desprezam para insular-se em apertados caixões de cimento armado, superpostos...

Aconselhamos, ao menos, aos que se comprimem nos edifícios, que encham de vasos de plantas os seus terraços; em vez de comprar flores artificiais, plantem em jarros laqueados flores naturais para enfeitar e perfumar a sua habitação, dando-lhe ao mesmo tempo uma agradável sensação de frescura.



Uma elegante dona de casa também pôde cultivar o seu parque, ou o seu jardimzinho chinês, minúsculo, complexo, encantador.

Damos nestes dois "clichés", uma planta geral do parque e da casa, com o "court" de tenis, no maior, no menor, uma vista parcial do mesmo pátio empedrado e o outro lado do jardim.

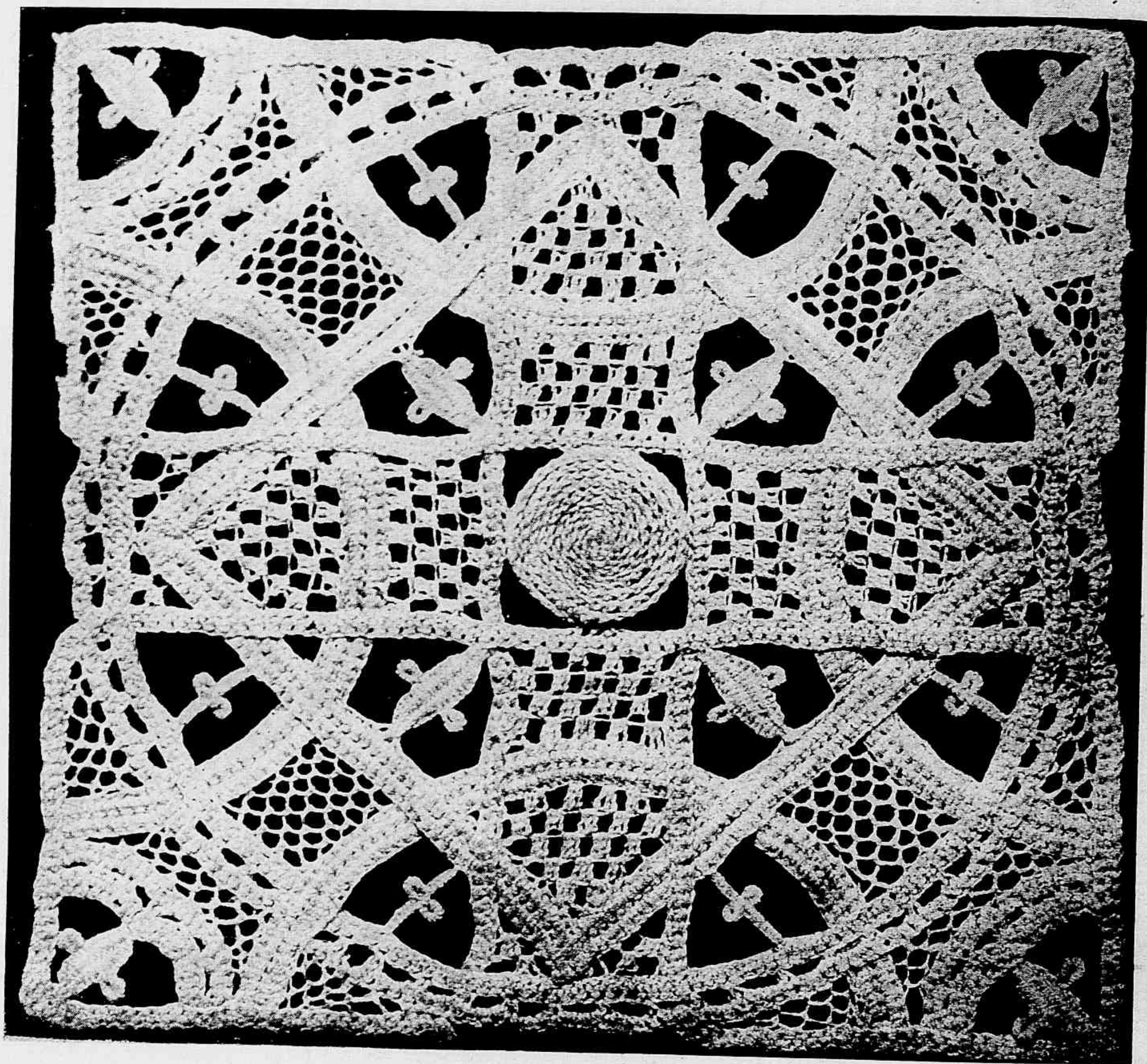
O seu florista lhe poderá indicar quales as flores mais adaptaveis a jarros. Palmeiras e samambaias, assim como os tajás e varias trepadeiras, dão bem em vasos, são decorativas e ajudam a higiene do ar.

Em n.º 3 vemos á direita um terraço, que é mais um corredor descoberto, aproveitado lindamente para "pedaço de jardim". Causa semelhante não é difícil conseguir.

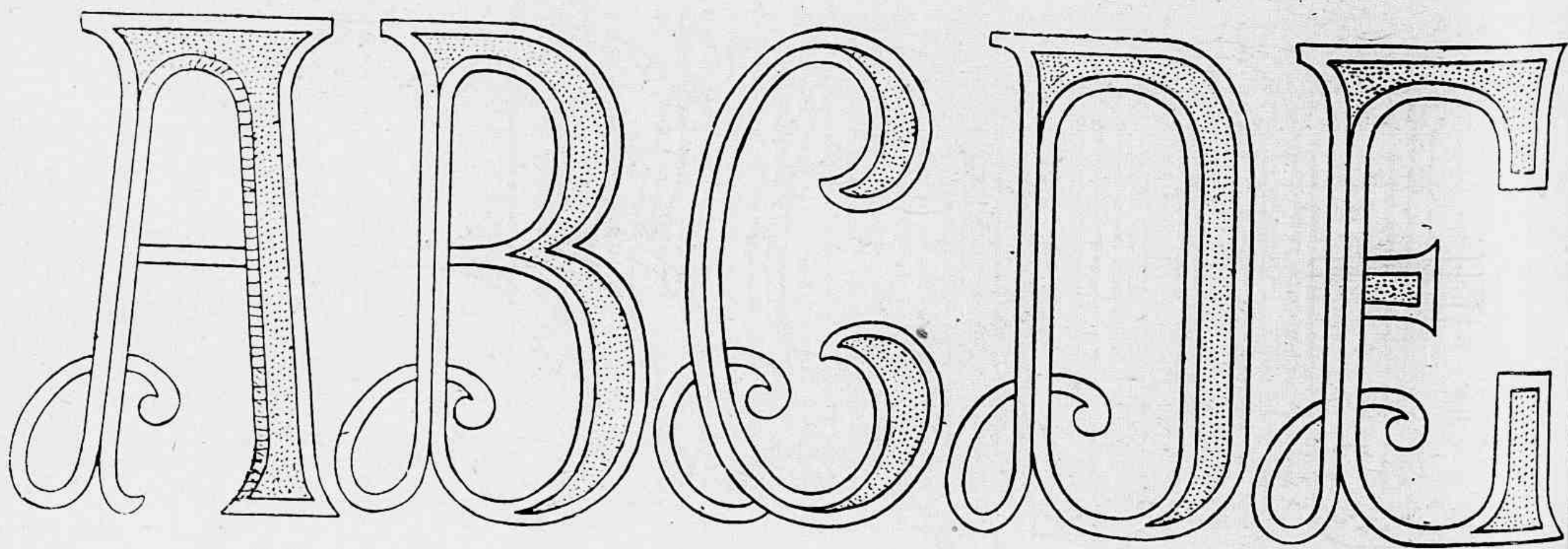
Ha quem ache o jardim trabalhoso pela falta de jardineiro, se bem que haja muita dama ilustre que goste de jardinar e seja entendida no assunto; aconselhamos as que não são assim que em vez disso então plantem arvores decorativas entre a grama; arvores como "flamboyant" a arvore de paixão, acacias, etc. E' lindo e só dá o trabalho de limpar a grama, com ancinho, para remover as folhas e flores secas, serviço que qualquer criança fará com prazer.

Embelezar o lar é valorizar o ser humano que o habita e dar-lhe, desde cedo, uma agradável noção de familia. Nada vale mais para o homem do que a lembrança remota do seu doce e agradável lar.

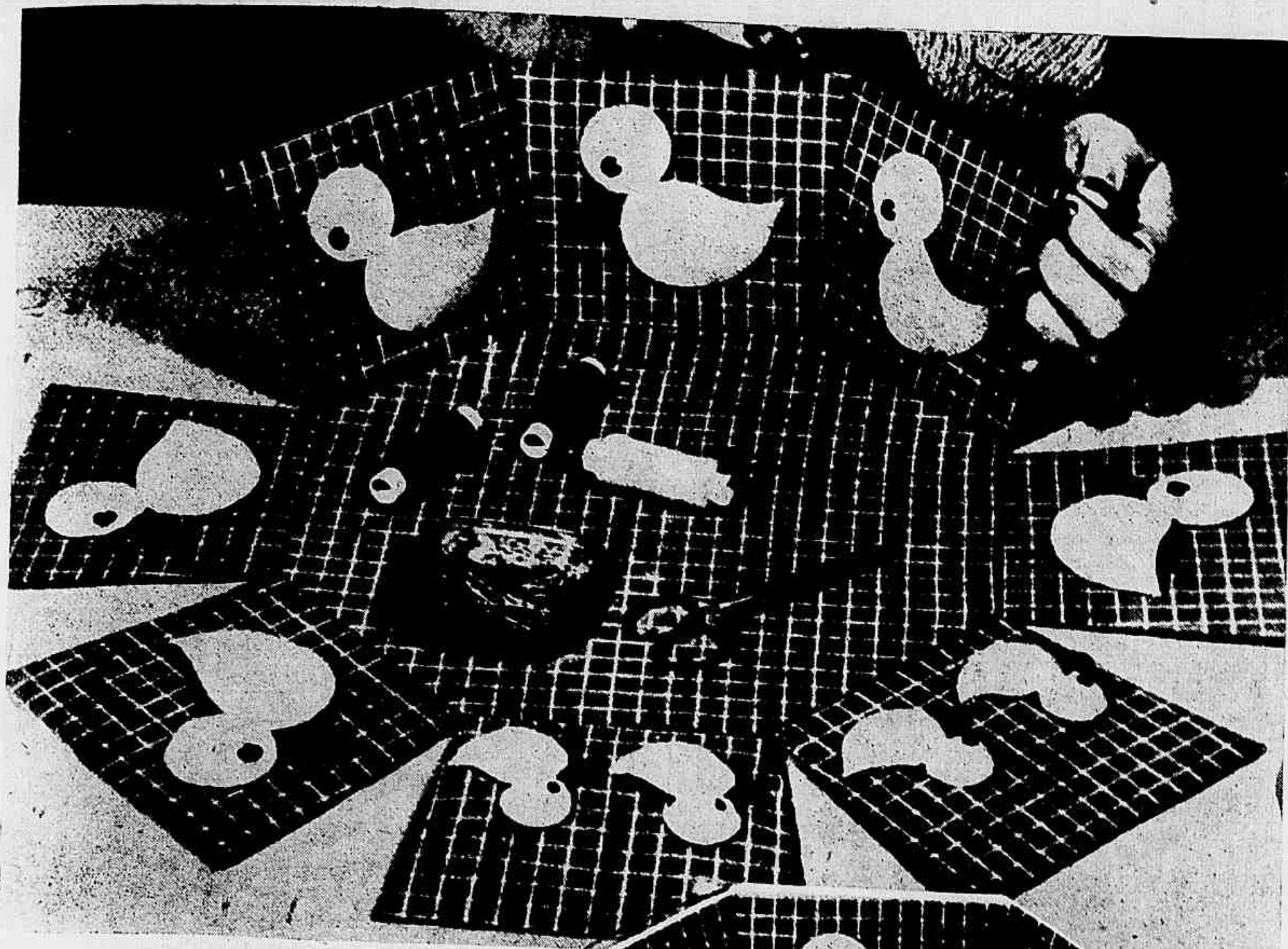
TRABALHO MANUAL



Um quadrado de renda de Luxeuil com seus galões de "crochet" formando quadrados, rodela e semi-círculos, guarnecidos com pontes de tule e barretes.

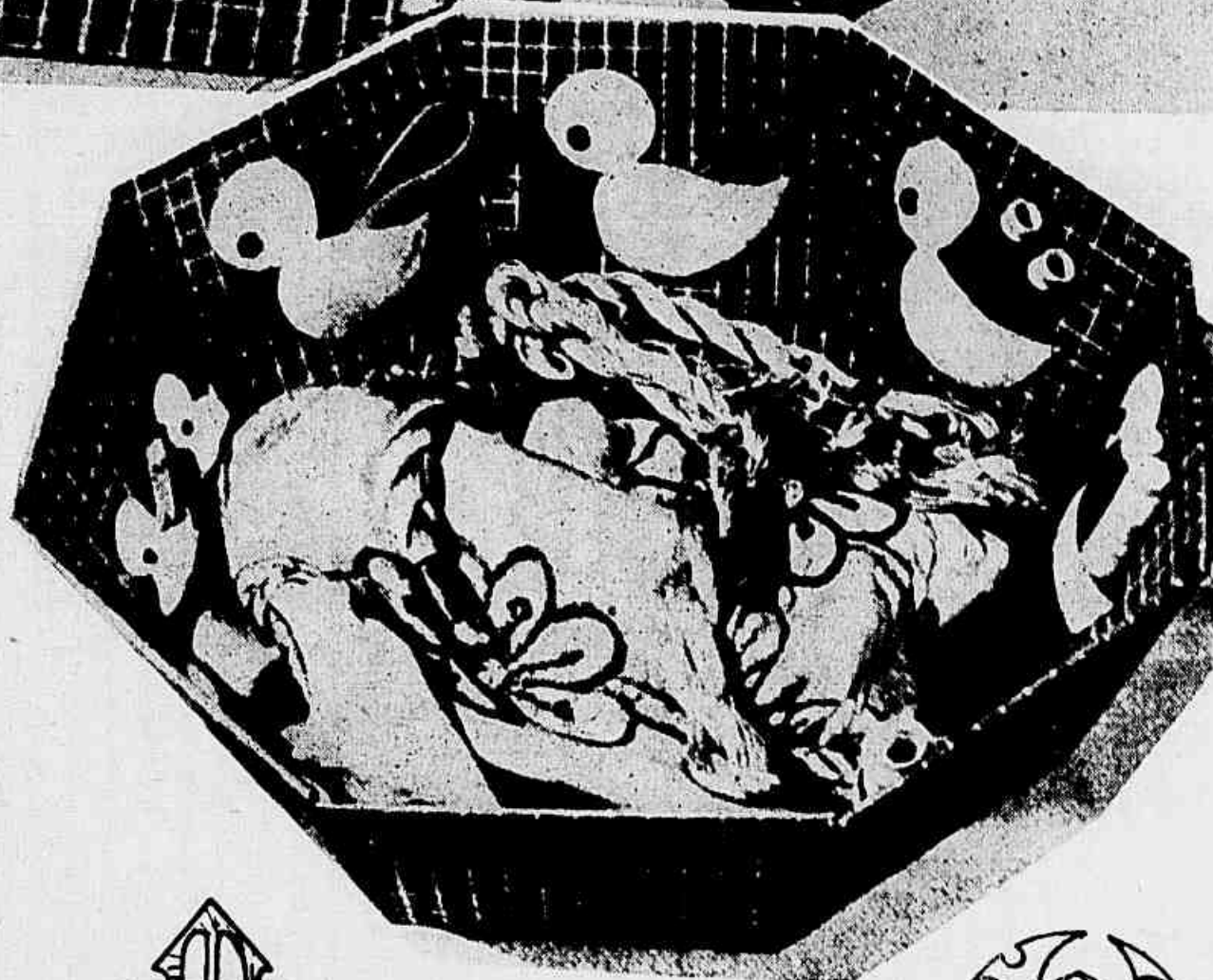


LETRAS PARA MONOGRAMAS — Damos hoje início a um interessante alfabeto para bordado em "lingerie de cama". São letras fáceis de bordar em cheio e "granité" feito com uma lançada só na agulha.



ORIGINAL CESTA PARA COSTURA

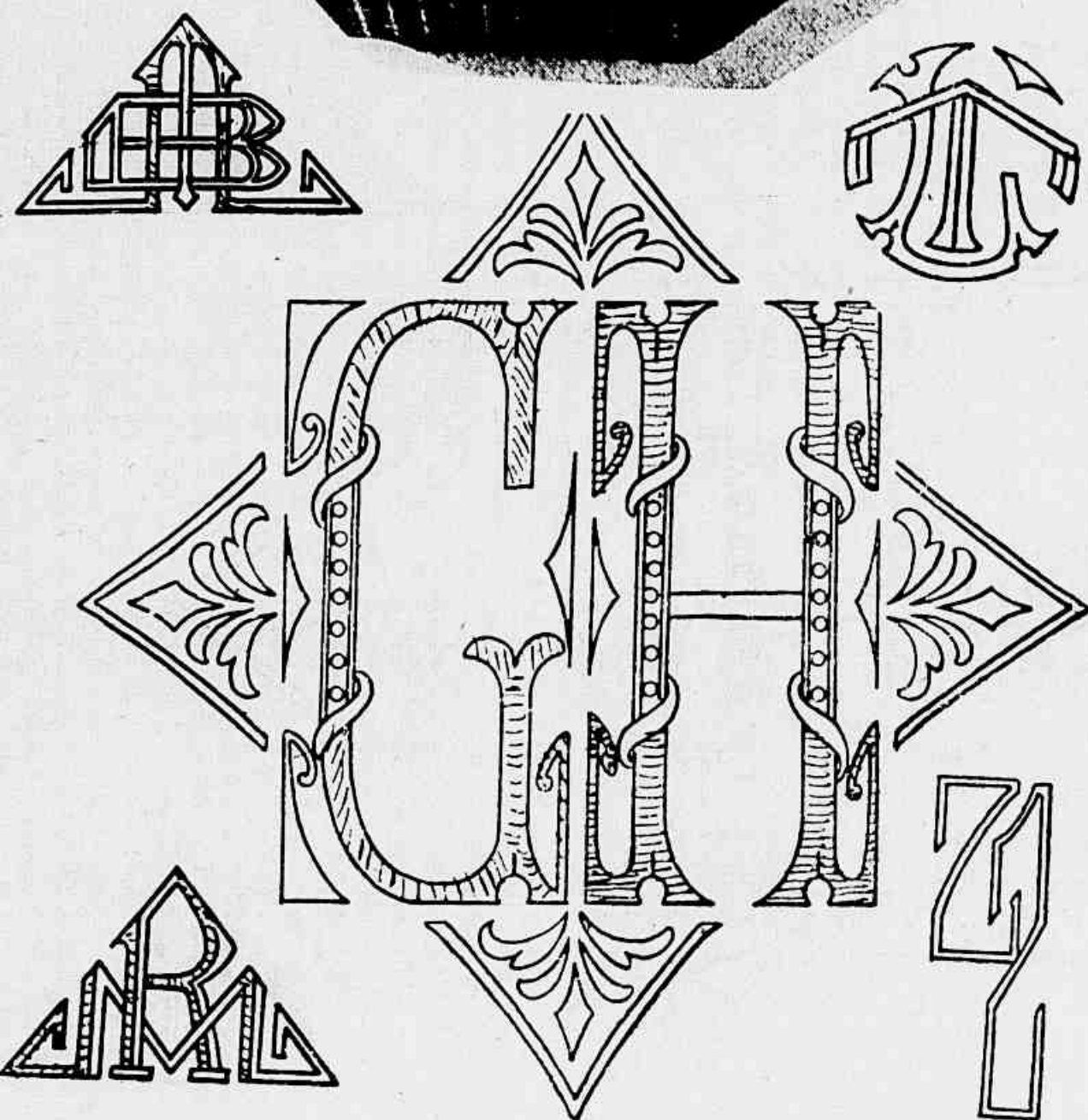
- (1) — Como se arma.
(2) — A cesta pronta.



Apresentamos alguns trabalhos interessantes e fáceis de executar, como essa renda de Luxeuil, feita com galões de crochê e armada com pontos feitos com agulha de costura grossa. A cesta para costura também é fácil e original; o material empregado consta de papel cartão, ou cartolina, e uma fazenda quadriculada, ou ao gosto da executante. Faz-se separadamente cada parte, depois o fundo, e vai-se costurando com linha grossa.

Finalmente alguns monogramas e o começo de um alfabeto, que iremos publicando parcialmente. São letras do tipo clássico para bordar em branco. Os monogramas estão em vários tamanhos e podem servir para fins diversos, desde fronhas, lençóis, até camisas masculinas, lençóis, etc.

Sobre qualquer matéria, própria desta seção, que interesse às nossas leitoras, aqui estamos para servi-las, com prazer. Dirigir-se a "O Trabalho Manual" Revista da Semana — Rua Maranguape, 15.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

MOBILIÁRIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10, próximo à estação principal da Leopoldina, inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuízo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruário anexo à fábrica.

DESPERTE A BILIS
DO SEU FÍGADO

É Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00

ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA
NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

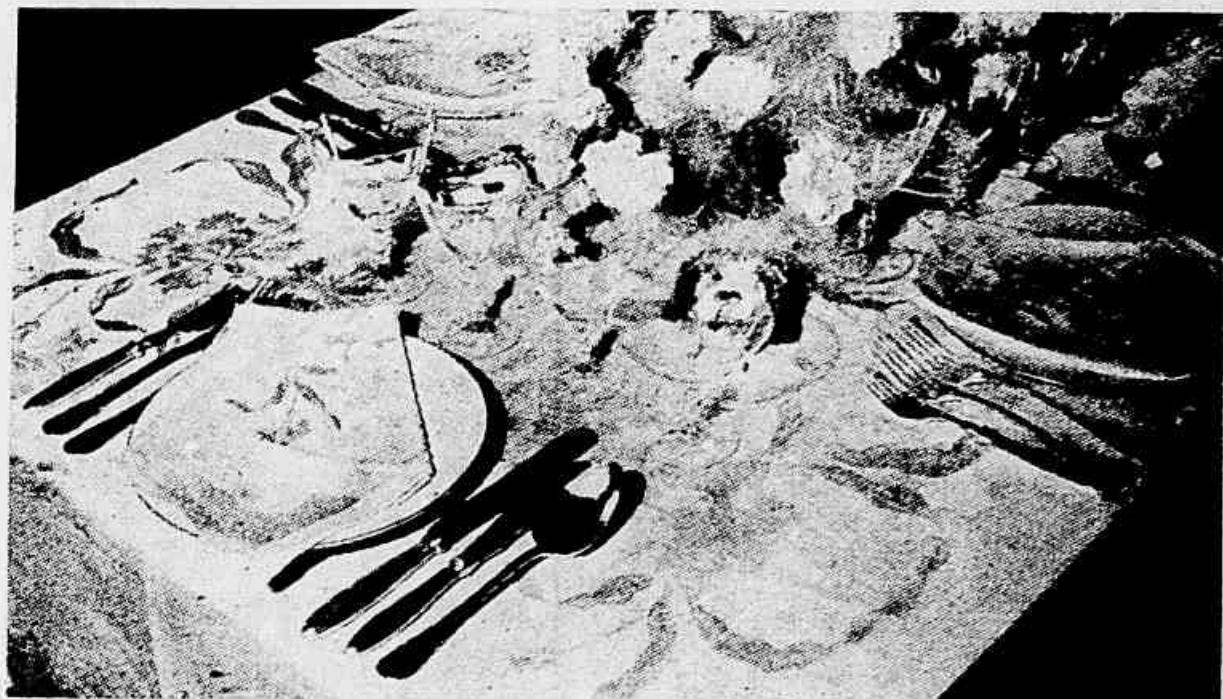
SABÃO TIMBORÔL

A BASE DE TIMBO USO VETERINÁRIO

ASSEGURA A HIGIENE E BELEZA DO
CÃO POR COMBATER OS PARASITAS E AS
MOLESTIAS QUE OS MESMOS PROVOCAM

COPA E COZINHA

por Mme. RISOLETA



Mesa para almoço de cerimonia

A arte de pôr a mesa, e várias receitas

Hoje podemos com mais vagar explicar mais detalhadamente como se põe uma mesa para convidados de cerimonia.

A arte se mostra no bom gosto que preside ao arranjo, na combinação harmoniosa do serviço de mesa e adornos. A correção é mais uma questão de praxe, que se modifica muitas vezes, seguindo a moda; contudo ha regras que são basicas. Sempre uma toalha fina e guardanapos do jogo; cristais e talheres de prata ou outro material caro; as flores, frutos, candelabros; ou vasos devem combinar com as tonalidades gerais.

TALHERES — estes devem ser postos de acordo com os pratos a serem servidos (menos os da sobremesa que virão no momento sobre o pratinho). Os trinchantes, o prato de pão, etc. não se põem num jantar de cerimonia.

ACESSÓRIOS — O galheteiro, saleiro e porta-talheres não são usados; assim tambem os palitos, molheiros e os antigos vasilhos com flores diante de cada conviva.

COPOS — A colocação de copos, como a dos talheres, tambem deve obedecer ao "menu". Copos para vinho branco, menores, depois para vinho tinto, e os maiores para agua; os calices para licor são trazidos depois do café na bandeja com os charutos.

A dona da casa senta-se no centro da mesa de um lado, o dono do outro lado; á direita dela deve sentar-se o hospede de mais cerimonia, o de mais alta hierarquia, ou o mais velho; si o almoço é homenagem a alguém o lugar de honra ao lado da dona da casa pertence-lhe; á direita do dono, tambem se coloca a dama mais graduada, a seguir o da esquerda, e assim vai-se colocando um á direita outro á esquerda gradativamente.

A dona da casa deve ter o maior cuidado para não colocar juntas, ou vis-á-vis, pessoas que não são simpaticas uma á outra. Devem ela e o marido se esforçar por manterem a cordialidade entre os seus convidados.

O SERVIÇO — Os talheres e pratos servidos devem ser retirados imediatamente a serem esvaziados, ou o talher cruzado, e logo este substituido. Não se descansa nunca o talher fóra do prato: mesmo apoiando-lhe a ponta, ele deve descansar todo sobre o prato. Não se deve dobrar o guardanapo servido. Não se fala nem se bebe com a boca cheia de comida. A faca só deve ser utilizada para cortar...

Até parece impertinencia dar assim estas noções de civilidade; mas asseguro, leitora amiga, que, desde que esse ensino foi abolido das escolas, muita coisa se tem visto em...banquetes!...

Se escapou algum coelho, caça-lo-emos de outra vez.

PARA A COPA

Está aí uma prateleira forrada com cretone quadriculado em côres vivas, e os pratos de fantasia arranjados com gosto, entre outros varios objetos. Estes pequenos detalhes dão um aspecto agradável ao lar.

PARA O "MENU"

FRANGO Á ITALIANA — Os italianos não estão mais em moda, mas não é isso razão para pôrmos de lado tambem os seus suculentos pratos, e este é bem delicioso.

Limpe e corte em pedaços um bom frango gordo, faça um refogado de azeite, 1 dente de alho, salsa picada, 2 pimentões, 3 tomates, 1 cebola, 1 pitada de noz-moscada; neste refogado ponha o frango, dissolva 1 colher de massa de tomate e junte ao refogado. Bata

separado 4 gemas e ponha o caldo de um limão grande, ou vinagre destemperado com um pouco d'agua. Quando o refogado estiver quasi pronto, retire do fogo, junte o ovo batido e vá mexendo devagar; engrosse com 1 colher de chá de maisena, ponha a refogar mais um pouco, e ao servir ponha 1 chicara de queijo ralado.

BERINGELA Á ITALIANA — Descasque 6 beringelas (com faca de galalite) corte-as em rodela, ponha-as em agua e sal por 1/2 hora. Frite-as em azeite bem quente, depois de secá-las bem. Faça um bom refogado, junte-lhe caldo de carne, 1 colher de massa, 1/2 de manteiga, deixe engrossar, ponha as beringelas num prato, despeje por cima o molho e cubra com bastante queijo. Sirva quente.

CREME DE CAFÉ — Bata bem 3 gemas com açúcar, uma colherinha de maisena, 1 fava de baunilha, um copo de leite e uma chicara de essencia de café; vai ao fogo, mexe-se devagar até engrossar, mas não deixe ferver; arruma-se nas taças pondo por cima creme "chantilly". (Pode-se pôr umas gotas de licor de cacau).

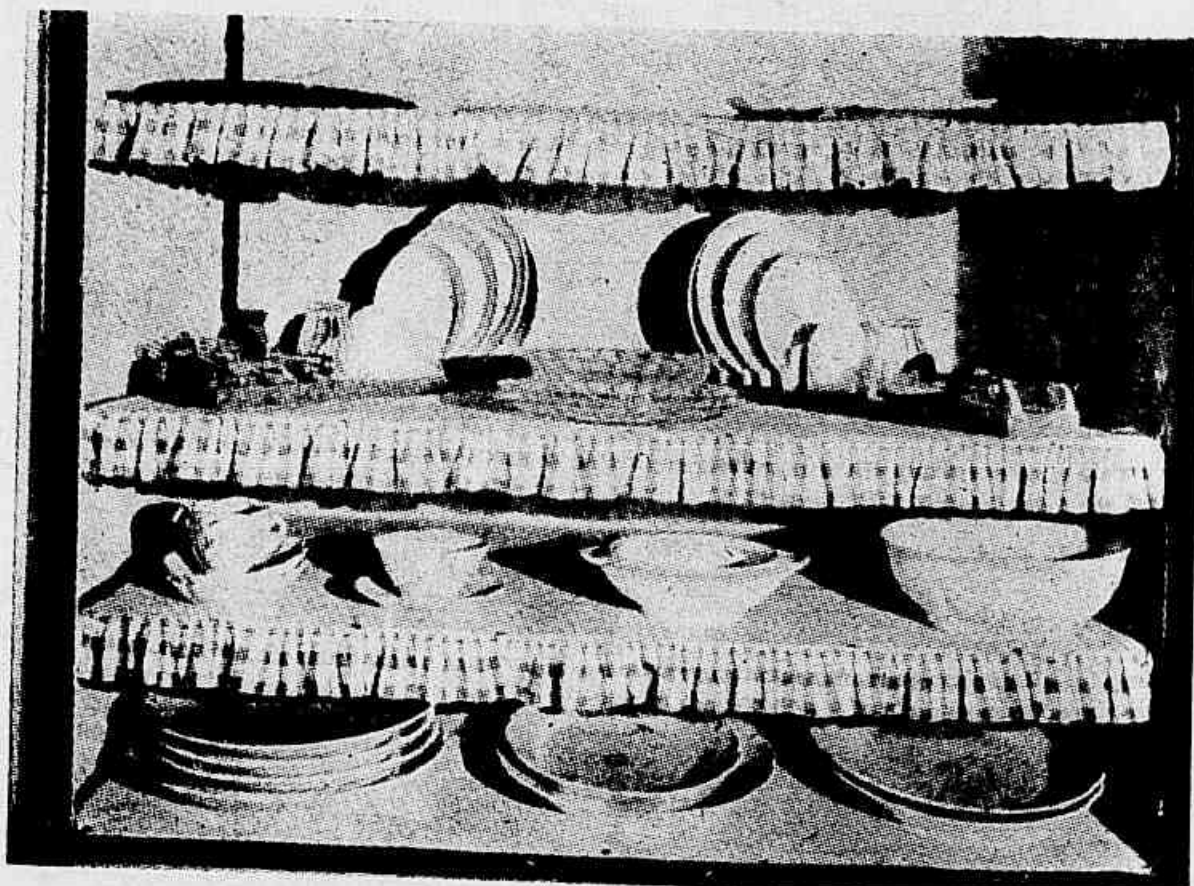
"KISS-ME-QUICK" — 12 gemas, 200 grs. de açúcar, 1 colher das de chá, de manteiga, 1 fava de baunilha (não essencia).

Faça a calda; quando estiver pronta (não muito grossa) ponha a manteiga, tire do fogo; deixe esfriar, bata as 12 gemas com uma colherinha de farinha, passe na peneira e junte a calda; volta ao fogo brando; mexa até engrossar. Depois de frio faça as bolinhas, passe em açúcar fino e ponha em "caixas de papel".

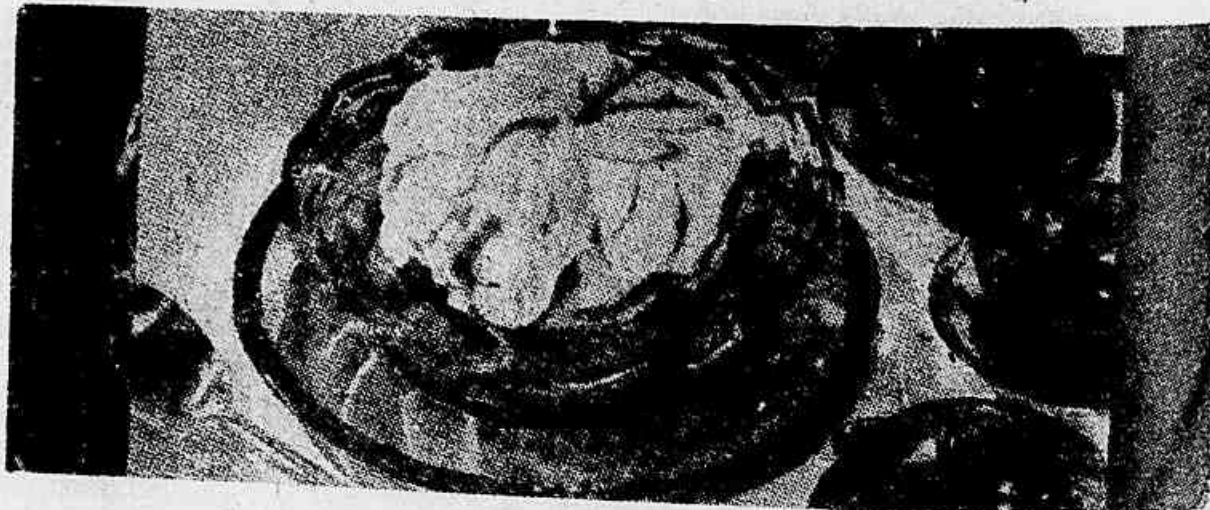
PARA OS DIAS QUENTES

CUP MOSELLE — 1 garrafa de vinho Moselle, 1 garrafa de vinho tipo Grave, casca de 1/2 laranja, casca de 1/2 limão, 1 calice de Kummel, 60 grs. de açúcar, agua, sôda, laranja.

Corte em pedaços pequenos 1/2 laranja, misture com o açúcar, e pedacinhos finos de casca de laranja e de limão; junte o Kummel, a agua, sôda e por fim o vinho; ponha a gelar.



Arranjo das prateleiras



Creme de Café, para seu menu

NÃO SE ILUDA COM SEUS DENTES

— você pôde ter **MAU HÁLITO!**

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

Dentes lindos e perfeitos não impedem a fermentação dos resíduos alimentares nos seus interstícios — uma das principais causas do mau hálito. Elimine esse mal com o uso diário de Odorans, em bochechos e gargarejos. Odorans não é um simples dentifrício: é um produto medicinal, cuja ação antisséptica evita a fermentação!



VINOVITA



O CURANDEIRO

(Continuação da página 10)

não nervoso, mas perturbado. Ciência ou não, sentia que fora impelido a uma situação falsa. Desejava não ter negócios com pessoas que ministravam a morte em forma de veneno mental, mesmo em benefício da vida de outras pessoas. Se Hooft causara a morte daquele patife, pondo outro patife contra ele bem, nenhum tribunal, pelo menos europeu, poderia tocá-lo, pois que juiz iria condenar um homem por causar a morte por meio de magia? De qualquer modo, a coisa era muito parecida com um assassinato, era seguramente um homicídio casual, e eu, por profissão, estou do lado da lei e da ordem.

Asseguro-lhes que passei as horas até às nove num estado de espírito muito desagradável.

Às nove horas achava-me com Cazalet na porta da casa do médico, onde seu velho criado Dow, um holandês de... nos recebeu, e sem uma palavra nos encaminhou à sala onde Hooft recebia os doentes. O médico estava fora, mas nos esperava e estaria de volta quasi imediatamente.

De fato, menos de cinco minutos depois, ouvimos a voz dele.

Ele entrou na sala carregando uma caixa quadrada, do tamanho mais ou menos duma chapeleira.

Pôs a caixa sobre a mesa. Depois voltou-se para Cazalet, segurou-o pelos ombros, olhou-o, disse-lhe que se sentasse e ele próprio se sentou junto da mesa onde estava a caixa.

— Bem, disse ele, a coisa está líquida, e o homem que o salvou recusa receber qualquer pagamento. Ele disse que era o mesmo que matar uma serpente, e para provar que havia feito o que dissera, trouxe-me a cabeça do homem. Ele disse que para tornar sua cura curta, seria bom que você olhasse para a cabeça... você se sente bastante forte para isso?

— Sim, disse Cazalet, e Hooft, abrindo a caixa, retirou a cabeça dum nativo, uma cabeça de olhos fechados e dentes arreganhados numa careta. Uma imagem de ferocidade cega. A coisa parecia seca como um pergaminho.

— E agora, disse Hooft, quando Cazalet havia olhado para a cabeça, vá para casa, durma e não pense mais em mulheres nativas.

VIII

— Olhe aqui, disse eu a Hooft, depois de Cazalet ter saído, radiante e completamente curado, pois quinze dias

depois ele se achava tão bem quanto eu, olhe aqui, disse eu, onde você arranhou efetivamente esta cabeça?

— Da secção papuana do Museu Etnológico, disse ele. — Não a conservamos em exposição, porque não é uma coisa agradável para se ver.

Ele me explicou que Cazalet estava morrendo por causa da própria imaginação, da qual havia perdido controle: durante meia hora me fez uma conferência sobre os efeitos do espírito sobre o corpo e as glândulas que secretam hormônios, e sabe Deus que mais. — Eu detive a imaginação dele, disse Hooft, e a voltei para o lado oposto, com uma mentira, dando marcha a ré nas máquinas, por assim dizer, e o navio saiu dos rochedos.

— E a pequena? — perguntei.

— Eu fiz o que você teria feito, disse ele, falei com a polícia e ela e a mãe foram mandadas para a chave.

— E o curandeiro?

— Eu sou o curandeiro, disse ele, se é que existiu algum no caso. — Depois meteu a cabeça de novo na caixa, deu-me um charuto e um cálice de Scheedam.

Monsieur Pel, que tinha estado um pouco sonolento, despertou à última palavra. Essa tocara-lhe evidentemente a imaginação, mesmo que a história não obtivesse semelhante efeito.

Depois tocou a campainha que estava sobre a mesa, chamando o garçon do bar.

Numeros atrasados desta Revista no Acre

pedir a

Diogenes Oliveira

RIO BRANCO



ABATIDO?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Este abatimento que você sente de quando em quando, é devido à acumulação de tóxicos no seu organismo. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de efeito revigorante. Eno limpa o sistema intestinal, purifica o sangue e evita que você sofra de prisão de ventre e depressão. Mas... insista no Eno porque só o Eno pôde produzir os resultados do Eno.

'SAL DE FRUCTA' ENO

BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Lição de TRICOT

Para aproximar malhas (fig. 1) — Basta executar o ponto reproduzindo o movimento do fio formando as malhas, utilizado para remendar. Ligar as duas partes de maneira invisível.

Quando se tem, por exemplo, tirado uma tira sobre um "tricot" muito longo, emprega-se este processo:

E' preciso primeiro desembalar cuidadosamente as alças das malhas; pôde-se mesmo fazê-las passar sobre uma agulha de "tricot" para que não escorreguem.

Tomar cuidado de não apertar o ponto, para deixar a esta parte tanta elasticidade como no resto do "tricot".

Ponto de "jersey" tecido ou ponto de Jacquart (fig. 2). Este ponto é muito decorativo, e é feito muitas vezes com dois coloridos. A fig. 2 indica a passagem do fio quando se trabalha com malhas pelo direito.

Atirar em seguida o fio do colorido não empregado (colocado no avesso) sobre a agulha, antes de pôr o fio para trabalhar a malha. Como de costume o fio da malha passa sob o fio de côr, este último não sendo trabalhado. A malha seguinte é feita como habitualmente.

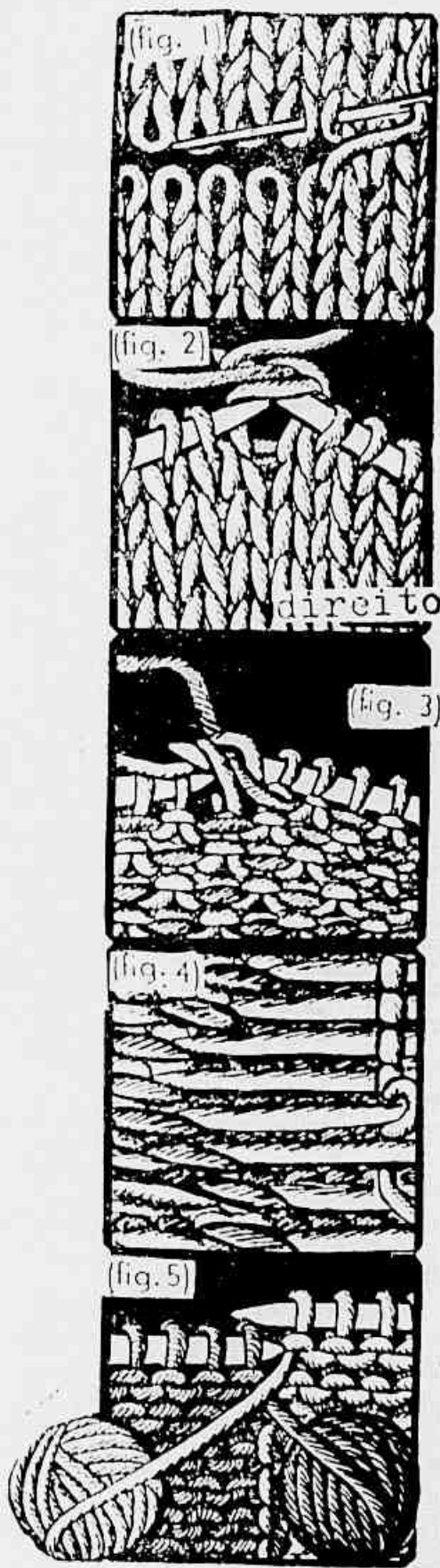
Trabalha-se assim uma malha em duas. Pôde-se, por este meio, realizar desenhos mais ou menos complicados.

Ponto Jacquart (fig. 3) — Mesmo genero de trabalho que o precedente, mas executado sobre a carreira de malhas pelo avesso: atira-se o fio sobre a malha, uma malha em duas; o fio encontra-se preso para trás

sobre o avesso do trabalho, assim como se pode ver na fig. 3, mas fica invisível no direito. Este ponto é menos empregado que o precedente.

Fios mantidos por trás (fig. 4) — Quando se imita o "tricot" Jacquart, e que os fios são deixados soltos no avesso, deve-se no que diz respeito aos fios mais longos, que seriam facilmente repuxados enfiando a blusa, executar um ponto atrás, retendo cada fio no meio do seu comprimento. Este ponto deve ficar invisível pelo direito.

Passagem do fio com diversos coloridos (fig. 5) — Quando se trabalha com diversos novelos, em cada mudança de côr, tanto no direito como no avesso, cruzar os fios, para que a carreira não tenha buracos, na passagem de uma côr para a outra.



Desfile de modelos



A primavera é o tema deste vestido dos costureiros Bonwit Teller. E' simples com punhos grandes franzidos.

Enquanto durar a guerra, não é muito provável que haja equilíbrio e harmonia nas modas: a trepidação universal atinge todo os angulos da atividade humana; contudo já se vai notando certa tendencia à sobriedade tanto na combinação de cores como na maneira de usar enfeites. A profusão policromada que misturava flores, frutos, passaros, tules e fitas, tal como em fins e meados do século IX, já vai arrefecendo; os chapéus extravagantes e até caricaturais estão se tornando mais sobrios; o canotier em varios tamanhos, o chapéu pequenino como um simples enfeite do penteado são simples.

Os vestidos bordados em linha ou aplicações também já não são confusos e berrantes. E' verdade que uma pessoa de elegancia distinta é sempre sobria, mas quando se fala em Modas é de modo geral, e de modo geral ela se está tornando acentuadamente mais moderada. Este verão ressuscitou imprevistamente a moda do chapéu.

Esta "rentrée" do chapéu pôde não agradar ao espírito de economia de muita dama, uma vez que o chapéu é um complemento caro; contudo ele é cem por cento "chic" e sua falta dá sempre um tom "négligé" a qualquer "toilette".

ESTAMPARIA — O verão traz sempre uma grande profusão de fazendas estampadas, mesmo nos acessórios; mas este verão, não dispensando embora os tons vivos, está lançando de preferencia cores neutras: o branco, preto e marinho.

MEIAS — Apesar do calor, a meia também está voltando a fazer parte integrante da elegancia feminina. Meias claras e rendadas, e até meias de escocia finas são preferidas às pernas nuas. E' outra nota de bom gosto, pois não ha perna bonita sem o envoltório de umas finas meias; nem ha "toilette" elegante que consiga harmonisar-se com as pernas nuas. Perna bonita é coisa muito rara: nem a grossura certa ou o tornozelo fino são suficientes... é precisa uma plastica especial, côr, pele, etc... A meia ajuda muito...

RESPOSTAS A'S LEITORAS

MME. VEIEIRA.

Para o seu tipo esguio, embora "não seja a sua altura um pouco acima da média", o vestido drapeado



Estilo drapeado é esta toilette em estamparia branco e violeta com cinto roxo. E' de Bergdorf; a blusa é de crepe branco.

ficará bem; prefira fazenda lisa; o jersey presta-se muito e é "chic".

Não, minha amiga, só as testemunhas costumam usar "toilettes" compridas, as outras senhoras devem ir de vestido curto. As duas rosas grandes e vermelhas, envoltas em tule verde, ficam lindamente como chapéu sobre seus cabelos escuros. Use luvas de suede ou pelica.

DONA JADE VERMELHO.

Felicitos-a pela sinceridad de seus sentimentos para com sua amiga. A senhora tem razão: ela não pôde usar vestidos iguais aos seus, não tanto pela diferença de idade, mas pela diferença de "tipo". Uma pessoa forte, de cadeiras largas e busto pronunciado, deve usar cores discretas e nada de amplitudes ou de cousas justas. Deve ficar no meio termo.

MME. LALINHA R.

Escreva à nossa colega Dra. Silvia Roger — Seção "Não cometa esse erro".



1 — Linho em duas cores estilo chemisier com botões de osso ou madrepérola.

2 — Vestido estilo camponês, saia vermelha com suspensórios bordados, blusa branca.

3 — Costume: o casaco franzido na frente, gola com renda ao redor.

4 — Vestido de linho azul, com a frente da saia enfeitada de piqué branco; cintura uma tira branca em forma de bolero.

5 — Casquinho amarrado com três laços feitos de roulouté de cores.

6 — Vestido muito juvenil enfeitado com cadarços de cores; bolsos aplicados.

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

inencarelli

Lingerie



1



2



3



4



5



6

1 — Duas peças em crepe setim celeste com aplicações de renda; babadinhos franzidos no decote e roda.

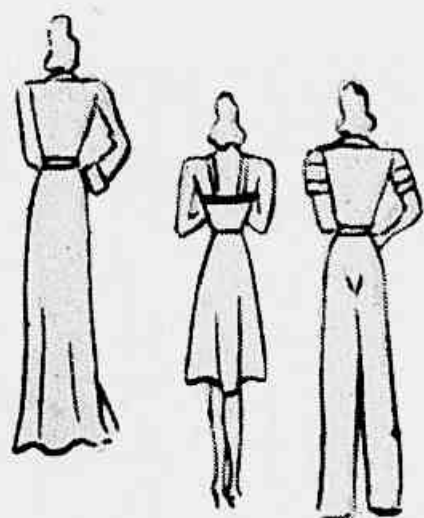
2 — Duas peças em crepe rosa, enfeitado com tiras do mesmo crepe em tom mais escuro, bordado aplicado.

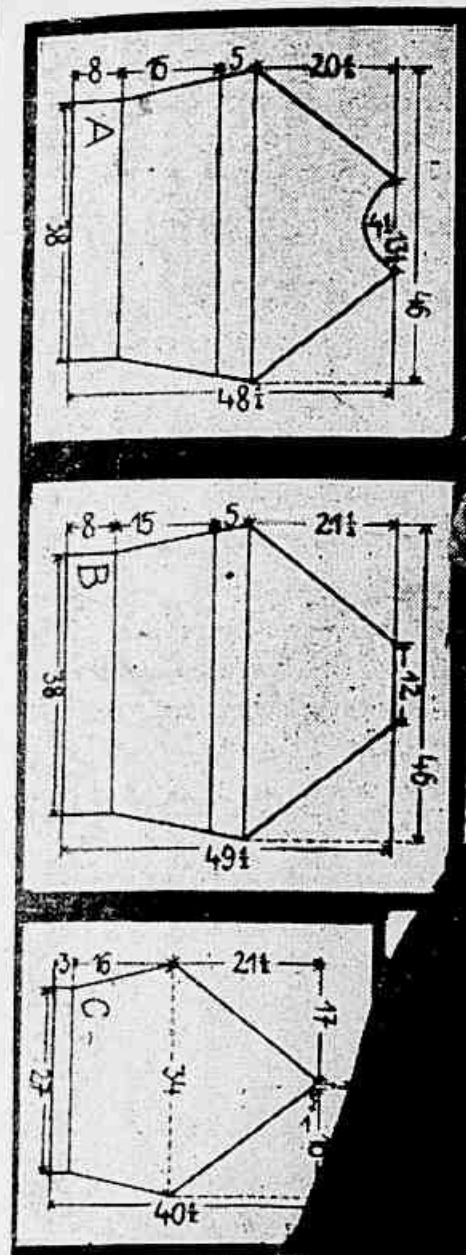
3 — Duas peças, em georgette canário, a combinação é franzida na cintura, enfeitada com renda; calça igual.

4 — Robe — em "rayon" estampado, talho em angulo e franzidos na blusa; bolso aplicado.

5 — Combinação de mongol branco com bordado aplicado em rosa claro.

6 — Pijama em "peau d'ange" salmão, com aplicações de fazenda estampada. A blusa abotôa na frente, a calça ao lado.





e Tricot

PULL-OVER DE LÃ

As medidas dadas convêm para manequim 42 (volta do peito 92). São necessárias 150 grs. de lã bege claro, igual quantidade marron e 50 grs. de bege. 2 agulhas de tricot longas e 5 mais curtas n.º 4.

Ponto empregado: 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso. Um quadrado de 5 centímetros apresenta 18 malhas em largura e 26 carreiras em altura. Para cada manequim maior ou menor juntar ou diminuir 4 malhas na frente e nas costas.

Execução — Frente: Pôr na agulha longa 69 malhas com a lã bege claro (38 centímetros). Tricotar 23 centímetros aumentando de cada lado 6 vezes 1 malha, a primeira vez a 8 centímetros de altura, depois com intervalos de 3 centímetros. Em seguida tricotar com a lã bege 5 centímetros aumentando a 3 centímetros de altura uma malha de cada lado (largura do trabalho 83 malhas — 46 centímetros). Continuar a trabalhar com a lã marron, primeiro 4 carreiras fechando 2 malhas no começo de cada carreira. No decorrer das 38 carreiras seguintes (14 centímetros e meio) diminuir 1 malha de cada lado todas as 2 carreiras (largura do trabalho 37 malhas — 20 centímetros e meio). Em seguida, separar o trabalho no meio para a gola, para isso pôr as 7 malhas do meio num fio ou alfinete de segurança. Ficar 15 malhas de cada lado, tricotar 12 carreiras diminuindo do lado do ombro 1 malha todas as 2 carreiras e simultaneamente juntar do lado da gola 1 vez 3 malhas, 1 vez 2 malhas e 4 vezes 1 malha nas malhas sobre o fio. Fazer a mesma coisa do outro lado.

Costas — Até a tira bege mais escuro é trabalhada da mesma maneira que a frente (largura do trabalho 83 malhas — 46 centímetros). Em seguida tricotar com a lã marron primeiro 6 carreiras fechando 2 malhas no começo de cada carreira. Depois fazer 50 carreiras (19 centímetros) diminuindo uma malha de cada lado todas as duas carreiras. Passar as 21 malhas restantes para um fio ou alfinete de segurança.

Manga — Com a lã bege claro pôr na agulha longa 49 malhas (27 centímetros) tricotar primeiro 3 centímetros de largura igual, depois tomar a lã marron e tricotar 16 centímetros aumentando de cada lado 6 vezes 1 malha com dois centímetros e meio de intervalo (largura do trabalho 61 malhas — 34 centímetros). No decorrer das 4 carreiras seguintes fechar 2 malhas de cada lado. Fazer mais 52 carreiras diminuindo 1 malha de cada lado todas as 2 carreiras.

Depois de feitas as costuras do raglan repartir pelas 4 agulhas mais curtas as malhas da gola deixadas à espera e tricotar com a lã bege claro 10 centímetros de altura. Não apertar o ponto na última carreira.



-Veja que
pele bonita!
É uma perfeição!

Ouçá elogios como esses,
dizendo adeus à

"Cutis Lustrosa"

Esse brilho que enfeia a pele,
chama-se "Cutis Lustrosa". Li-
vre-se dela, com PÓ DE
ARROZ ROYAL BRIAR. Sua
tênue contextura crêa a fôscia
tonalidade que seduz. Além
disso, suaviza a cutis e prolon-
ga indefinidamente a fixação!



Complete a «maquillage» com
ROUGE ROYAL BRIAR, de cores
vivazes, que se harmonizam me-
lhor com as tonalidades da cutis.

PÓ de ARROZ
Royal Briar
ATKINSONS



UNTAS PA 21-0100

A' venda em toda parte

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1944

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferece aspecto agradável em quasi 300 pálinas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Números atrasados desta revista em São Paulo
Procurar á Rua D. José de Barros, 323 -- Tel. 47-866

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à
COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Modelos infantis

Para meninas



Brim de seda "beige", a saia ampla "godet", casaquinho do mesmo material vermelho.

Linho rosa-salmão com bordado na saia e nas mangas; os dois botões cobertos.

Algodão quadriculado em dois tons de azul original; saia cortada em panos enviesados dos quais um forma bolso; os laços são em veludo.

Para crianças



Aqui vão três modelos destinados a crianças menores, todos eles realmente interessantes

CORAÇÃO DE CAIPIRA

(Continuação da pag. 15)

F. tentou aplacar a cclera selvagem que sublevava o coração do caboclo, assanhado de ira, a pulai-lhe no peito como a jaraçaca no fogo. Embalde! a sede de vingança abrazia e devorava aquela alma toda!

João Carlos, com a mão crispada na cintura, rosnava entre dentes:

— Ela ha de sair algum dia!

III

Dias e dias passaram-se, e Marcolina sempre em casa de F.

— Se eu sair d'aqui, ele me mata! — dizia a tremer de medo.

Uma vez, em vespuras de uma viagem que F. ia fazer e em que levava João Carlos como camarada, encontrou-se este com a mulher na sala de jantar do patrão.

O caboclo, já naturalmente magro, estava agora que nem um esqueleto: os olhos, mais fundos ainda, luziam-lhe, sombrios e iados como tigres nas furnas. Mas um sorriso — horrível sorriso de caveira — arregaçou-lhe os beiços finos, diligenciava mostrar-se risinho, e aquele riso ainda mais assustava.

— Mas, Marcolina, vamos p'ra casa; tenho de fazer viagem: vae arranjar minha roupa e tomar conta dos nossos cacos.

A mulher estremeceu horrorizada, como se já lhe sentisse as garras no pescoço, e refugiou-se num canto da casa, para onde estava a família de F.

— Porque não vae com seu marido? — perguntou-lhe este.

— O que ele quer, eu bem sei, gaguejou a cabocla. Não me enxote daqui, meu amor!

Marcolina ficou onde estava, e F. e João Carlos saíram em viagem. Iam longe: durava uns tres mezes a ausencia.

Viavam pela provincia de S. Paulo. Uma madrugada, ia F. adiante conversando com outro camarada, primo do João Carlos, o João Ferreira, outro honrado caboclo que ainda hoje vive e é o camarada de mais confiança de toda esta redondeza.

João Carlos, mais atrás, acompanhava os cargueiros, com a cabeça baixa, como depois da sua desgraça andava sempre.

— Patrão, o João Carlos não está muito certo da cabeça, pois o homem não dorme, passa toda a santa noite fumando ao pé do fogo, ou então correndo no campo que nem um cão danado. Aind'ontem, acordei lá por essa noite velha, e escutei um choro soluçado que metia dó. Era o João Carlos, sentado ao pé do fogo, com o queixo fincado nas mãos. Não me soube a paciencia ver um caboclo chorando.

— Que diabo é agora isso, João? — perguntei decidido. O homem levantou a cara p'ra meu lado, e olhe, patrão, que estive quasi não quasi chorando eu tambem: não! que nunca vi uma amargura mais triste. — Que é isso, homem? — tornei a perguntar com fôla mais mansa p'ra consolar o coitado. O João Carlos levantou-se e saiu p'ra o campo, rosnando assim como quem está com pena e com raiva!

— Saudade daquele diacho!

Mais tarde, conversou F. com o desgraçado caboclo; procurou dissuadi-lo de ideias de vingança, aconselhou-lhe a separação e o desprezo, disse que já tinha passado muito espaço de tempo, e ninguém sabia da vergonha. João Carlos a principio quiz iludi-lo fingindo uma resignação que todo o seu ar estava desmentindo; por fim, confessou que ou havia de matar a mulher, ou morria ele de dó.

— João Carlos, tu me has de prometer, tu has de dar palavra que não matas a Marcolina.

— Pois dou minha palavra, patrão, p'ra lhe fazer a vontade; mas eu então é quem vae p'ra cova.

Uma semana depois, estavam de volta em S. Gonçalo.

IV

No dia da chegada, depois de jantar, tendo levado os animais ao pasto e arrumado os arreios, João Carlos dirigiu-se ao amo. Vinha profundamente triste o camarada.

— Patrão, eu quero fazer minha conta; nunca pensei que havia de deixar seu serviço... mas tambem lhe prometo que não hei de ter outro patrão!

— Que é isso então, João Carlos! falta-te alguma coisa? estás descontente comigo?

— Com o patrão, não é bem, é com sua casa de vancê que está apadrinhando aquele diacho que eu não posso enxergar diante dos olhos.

— Está aí só por tua causa, João. Se não queres mais vê-la, e se estás certo de cumprir o que me prometeste, manda-se a Marcolina embora.

— Pois então, fico, patrão, e fico obrigado ainda, que eu saía daqui agonizado.

— E não has de procurar matar a Marcolina?

— Eu já dei palavra de homem ao patrão; o patrão não me conhece? No mesmo dia, foi Marcolina despedida da casa; temia-se tanto do marido que não saía enquanto não se lhe deu quem a acompanhasse até à casa de uns parentes que tinha, do outro lado do Sapucahy. O companheiro foi João Ferreira.

No caminho, a mulher de João Carlos voltou-se para o camarada, com as lagrimas nos olhos:

— Seu João Ferreira, tenha pena de mim, meu parentel peça ao João Carlos que me perdôe!

João Ferreira nem parou, nem olhou para ela:

— Vá andando, mulher; não me aborreça.

V

João Carlos continuou como camarada de F., que estava então levantando uma casa nova; o caboclo trabalhava na obra. Um dia faltou ao serviço: era a primeira vez que faltava no dia seguinte, chegou mais tarde, e veio logo ter com o amo.

— Patrão, não vim hontem, porque me apertou uma cancela, que já de uns tempos para cá ando sentindo. Hoje estou melhor, mas não estou bom. Não sei que diacho de coisa é esta.

(Conclue na pag. 46)

NÃO COMETA ESSE ERRO

Dra. SILVIA ROGER

Minha querida Edith,

Não há nada mais difícil do que julgar e sobretudo aconselhar, em qualquer emergência. "Cada cabeça, uma sentença". As opiniões diferem muito umas das outras e cada qual pensa sempre que achou a Verdade.

A "Verdade", essa bela moça que é representada nua no fundo de um poço, com um espelho na mão significando que ela, apenas, pôde vê o próprio rosto sem corar, ou atemorizar-se.

A questão que você submete hoje ao meu julgamento imparcial é das mais complexas

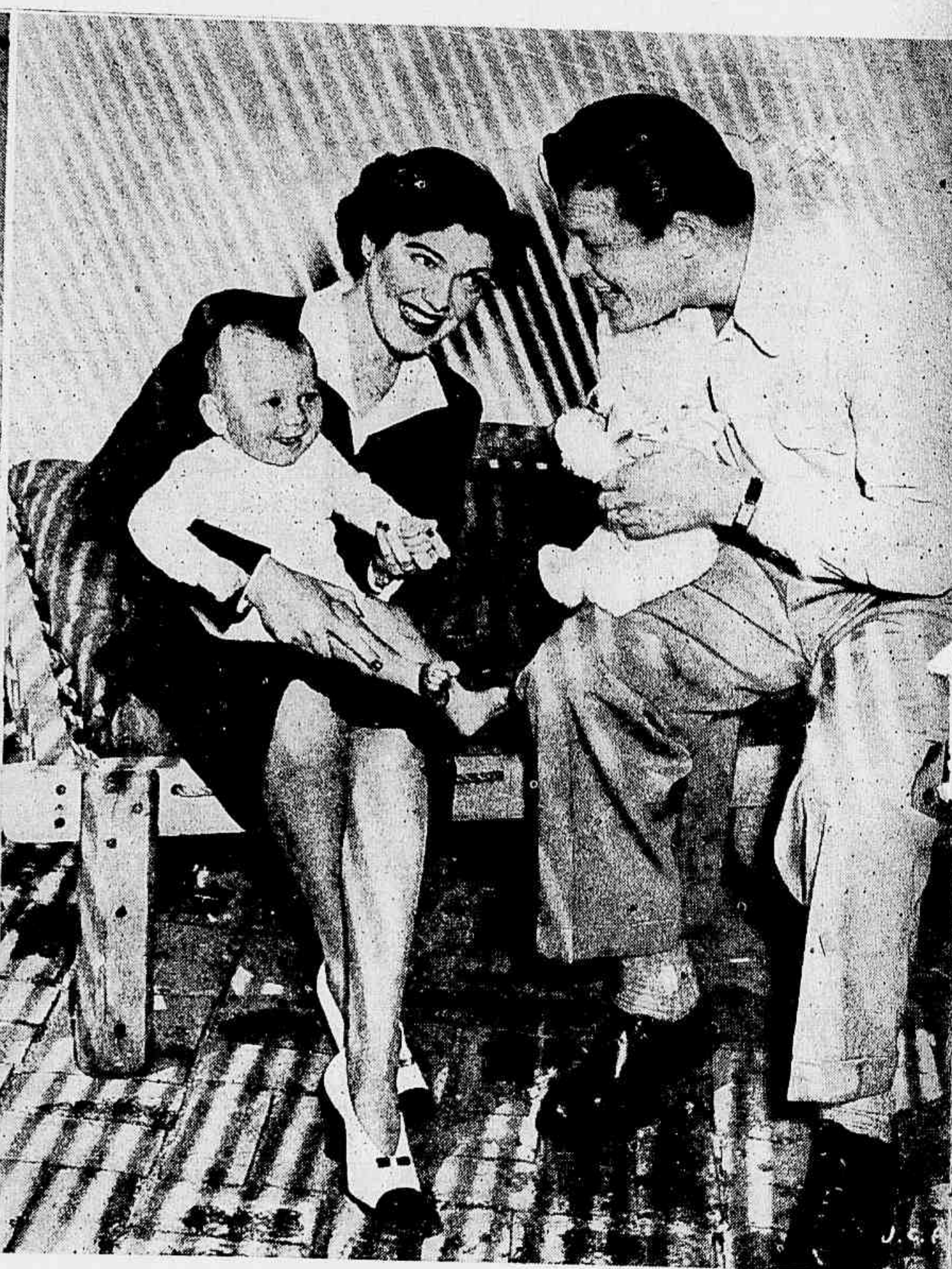
Biologicamente o caso pôde ser esclarecido pelo médico; procure um que seja honesto e escrupuloso, um desses raros que fazem da profissão, um sacerdócio. Ele lhe dirá como a Natureza costuma castigar aqueles que pecam contra ela.

Quanto à Patria, ela exige esse dever de civismo e, embora aja por vezes atabalhoadamente em suas exigências, a nós compete compreender as largas razões ocultas e oferecer-lhe homens, como quem faz o dom de si mesma em benefício do futuro, de uma entidade imortal.

Agora, minha amiga, falando apenas com o sentimento eu lhe pergunto: Você já procurou vêr como os casais que envelhecem sosinhos se parecem com árvores secas



Nos intervalos do trabalho é aquele pequenino homem, que lhe dá a compensação integral. Eles combinam os planos do futuro. — (JACK CARSON, DA WARNER).



O bom humor voltou e todos são obrigados a um bom e higiénico riso, para acompanhar o riso cor-de-rosa do filhinho.

Limitar a natalidade, politicamente, é um crime contra a patria. Religiosamente, é um crime contra Deus. Biologicamente, é um crime contra a Natureza.

Está portanto o réu diante de três augustos tribunais — Deus, Patria e Natureza. Pôde você conceber alguma cousa de mais profunda grandeza?

Deus disse: "Crescei e multiplicai-vos". Essa lei divina, entregue ao arbitrio livre de uma mísera creatura, sofre fatalmente a contingência das fraquezas humanas. E se há sacrifício físico na maternidade, como há sacrifício moral, também há compensações, e também é verdade que não há gloria sem sacrifício. A mulher faz sacrifícios à vaidade, holocaustos ao amor, trabalha, sofre e luta pelo desejo vago de alcançar a restrita felicidade possível. Por que não sofrer, não lutar pela vida da sua vida que são os filhos? A mãe ama entranhadamente a sua creatura; como tem coragem de destruí-la? Negar-se a ser mãe é qualquer cousa de inumano. Não acredito que Deus se conforme de ver desprezada a mais sagrada das suas leis. Naturalmente que existem casos muito especiais: um padre, adiantado, culto, de idéias liberais, poderá dizer-lhe bem quês são os casos que a igreja considera, porque os há.

erguidas num descampado? Há religiões que consideram a esterilidade uma maldição. O filho é sempre um élo e quando eles não conseguem manter unidos um homem e uma mulher é porque estes têm um estigma de fatalidade, como a planta que nasce venenosa em vez de nascer frutífera e útil, como uma cousa abençoada e feliz. Se há um casal que se separa mesmo tendo filhos, existem centenas que procuram reajustar-se e entrosar os seus caracteres, em benefício dos filhos, únicas vítimas do egoísmo desumano dos pais. Geralmente a dificuldade material da vida é a causa principal, invocada pelas mães que querem justificar a sua criminosa falta: não podem privar-se das belas cousas da vida em benefício de um embrião. Pouparam-se na mocidade, no vigor da vida, para conseguir o quê, quando o inverno chegar?...

Não, minha amiga só vejo justificativa para a limitação em caso de saúde, ou de miséria, isso mesmo para poupar ao filho que viria uma vida miserável. As outras razões, creia, são razões do Egoísmo.

O filho é o mais alto juro do capital dos sacrifícios e lutas que damos à vida.

CORAÇÃO DE CAIPIRA

(Conclusão da pag. 44).

— Não trabalhes hoje, João Carlos; vae-te mostrar ao doutor Arthur.

Nessa mesma tarde, o doutor Arthur, o medico, dizia a F:

— O teu camarada João Carlos está perdido; está sofrendo do coração, mas sofrendo horrivelmente: já não tem cura, não vive um mez.

Efetivamente ia morrendo, a olhos vistas, aquele homem robusto, que nunca antes adoecera: já não saía de casa; o patrão ia lá vê-lo. Uma noite, já tarde, João Carlos mandou chama-lo. Acheu-o tão mal que difficilmente falava:

— Mandei chama-lo, meu amo, porque acho que não amanheço. E estou devendo ao patrão, ao medico e á botica.

— A mim não deves nada. Trata de ficar bom, para ganhares mais. Quanto ao medico e botica, fica socegado: se não pudeses, eu pago.

— Obrigado, patrão; agora morro aliviado deste peso, que me estava matando, mais depressa. Mas, meu amo, isso não fica só assim na sua bondade; louvado seja Deus, ainda tenho um restinho; esta casinha a lã, com um capado no chiqueiro, umas criações aí no quintal, e duas éguas no poteiro da serra. O patrão, tenha paciência, ha de vender isso p'ra pagamento.

— Deixa-te de ideias, João Carlos; tu és forte, estás logo bom, e ainda has de viajar e ganhar muito comigo. Olha, nestes dois mezes, temos viagem para Camandocaia...

— Camandocaia! suspirou o caboclo; não torno a ver essa terra. Dê-lhe lembranças, patrão! Se eu me tivesse casado lá com a filha do mano Antonio, estava livre disto! Daí, podia não estar; aquela era uma caipira de bem... mas isto de mulheres — perdõe, meu amo — não ha que fiar. O patrão quer consolar seu camarada; mas ele não é nenhuma criança, e sabe que está com o pé na cova. Era só o que eu queria pedir; agora, patrão, muito obrigado!

E quiz beijar a mão que F. apoiára á cabeceira do catre; não lh'o consentiu o amigo que o era mais que amo, e, com a ideia de o tranquilisar, perguntou-lhe se não queria confessar-se, que era bom para limpa-lo daquela aflicção que o consumia e não o deixava sarar.

O caboclo recusou com um gesto desabrido:

— Muito obrigado, mas dispenso. Deus bem sabe o que eu sinto, e não é preciso que ninguém mais conheça a minha vergonha. Quanto mais essa casta de gente que manda perdoar tudo, como se uma pessoa não tivesse brio! Eu não matei porque dei minha palavra ao patrão; mas perdoar, Deus lá que perdõe...

Era um homem, o caboclo!

VI

João Carlos viveu ainda alguns dias. Uma madrugada, ouviu soluçar aos pés da cama; olhou.

Era Marcolina. Acendeu o olhar para ela, e logo o desviou enojado.

— Me perdõe, João Carlos! me perdõe pelo amor de Deus! gemia a miseravel.

O caboclo relanceou um olhar terrível para a sua faca de mato, pendurada á parede:

— Vae-te embora, diabol! não me tentes!

A mulher fugiu espavorida.

— Essa noite — haviam de ser oito horas — a negra enfermeira de João Carlos veio-lhe com um recado: Marcolina tinha chorado todo o dia e pedia por tudo ao marido que a deixasse entrar para que ele a perdoasse, para que ao menos olhasse ainda uma vez para ela como no outro tempo olhava — sem aquela gana de a matar.

João Carlos revolveu-se na cama como uma cobra entre chamas; levantou a custo meio corpo e tornou a cair, subito e rijo, fitando na negra os olhos já vidrados:

— Diga a essa cadela que eu estou morto.

E, como se aquela boca não devesse mentir nunca, morreu com isto.

SINTESE DO ANO LITERARIO 42-43

Trabalho completo é a Síntese Literaria do ano, que vem publicada no "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1944, à venda em toda parte. É uma supervisão perfeita do movimento literario no Brasil no citado periodo: apreciação minuciosa assinada por um dos nossos melhores criticos.

Além disso, publica o "Almanaque" 14 contos escolhidos e ilustrados, calendarios, informações sobre o novo ano, artigos e estudos de interesse para militares, advogados, medicos e agricultores; notas sobre o Brasil e magnifico suplemento bancario a cargo do Sr. Vieira de Alencar.

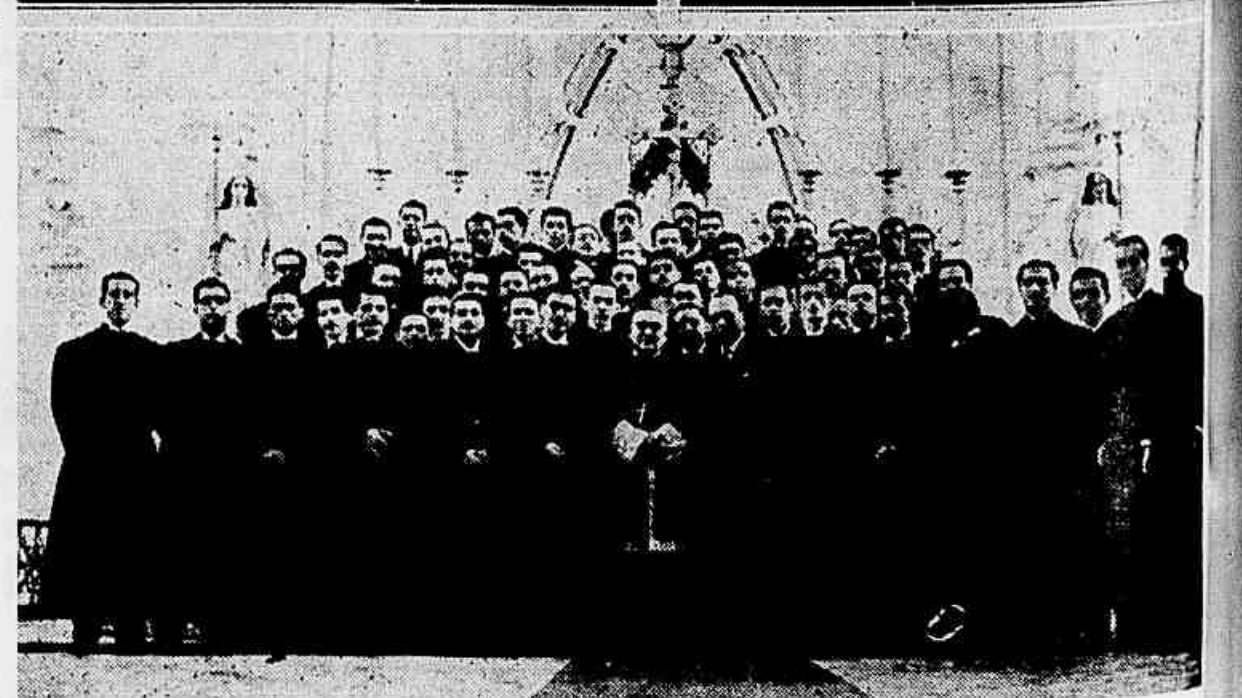
Paginas coloridas, cinema, turismo, assuntos para a mulher, enchem as 300 paginas da 24.ª edição do "Almanaque Eu Sei Tudo".

Encontra-se em todas as livrarias e bancas de jornais.

Pedidos à Cia. Editora Americana mediante vale do correio ou pelo reembolso postal.

Maranguape, 15 — Rio

DOS ESTADOS



Flagrantes apanhados em Niteroi por ocasião da formatura dos bachareis em direito em Dezembro ultimo. Do alto para baixo: o Sr. Interventor Federal conferindo os diplomas; a assistência ao ato; o bacharelado Delson Pinheiro Curty lendo o compromisso de formatura; á direita deste, o orador dos diplomandos, Daíl de Almeida, quando falava. E, por fim, flagrante tomado por ocasião da missa na igreja de N. S. Auxiliadora.



ENCARE SEUS CINQUENTA COM CONFIANÇA

QUE satisfação experimenta um homem que aos cinquenta se sente tão animado... entusiasta... são... como qualquer dos seus amigos menos idosos! "Se alguns homens podem fazê-lo, porque não todos?", pensará você.

Há na vida de toda gente um momento em que os seus recursos físicos começam a declinar — em que se está consumindo literalmente — e envelhecendo! Felizmente, hoje em dia muitos homens consultam seus médicos para saber como poderiam retardar os efeitos dos distúrbios cardíacos e renais, da hipertensão arterial, da artério esclerose e da diabetes. Grande parte da "juventude" prolongada de alguns de tais homens pode ser atribuída aos conhecimentos médicos sempre cres-

centes sobre as condições que se apresentam na meia idade — sobre os seus diagnósticos no início — sobre o modo de diminuir os seus efeitos. Assim, se você está beirando os cinquenta, procure seu médico e peça-lhe que o examine. Faça isto antes da chegada da doença... mesmo que esteja se sentindo

bem! Há 85 anos que a Casa Squibb vem cooperando com a classe médica na fabricação de produtos para a prevenção e tratamento de moléstias. Há, e sempre houve, somente um padrão de qualidade para os produtos Squibb... cada um deles é tão puro, seguro, e eficaz, como a maior habilidade científica e o cuidado inextinguível possam produzi-lo.



Quando comprar um creme dental, um produto vitamínico, um preparado medicinal para a casa ou um soro para o hospital, verifique se traz o Selo da Casa Squibb — um produto de confiança.

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ